



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS  
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**Priscylla Karoline de Menezes**

**SER JOVEM, SER ESTUDANTE, SER DO CAMPO: a concepção de rural e urbano  
para jovens estudantes em escolas públicas das cidades de Goiânia e Trindade**

Goiânia  
2014



## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**       **Dissertação**       **Tese**

### 2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Priscylla Karoline de Menezes		
E-mail:	priscylla.menezes@hotmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input type="checkbox"/> Sim	<input checked="" type="checkbox"/> Não	
País:	<b>Brasil</b>	UF: GO	CNPJ:
Título:	SER JOVEM, SER ESTUDANTE, SER DO CAMPO: a concepção de rural e urbano para jovens estudantes em escolas públicas das cidades de Goiânia e Trindade		
Palavras-chave:	Jovens. Ensino de Geografia. Campo. Cidade. Goiânia. Trindade.		
Título em outra língua:	Ser joven, ser estudiante, siendo del campo: la concepcion de los conceptos de campo e ciudad para jóvenes estudiantes en las escuelas públicas de la ciudad de Goiânia y de Trinidad.		
Palavras-chave em outra língua:	La juventud. La enseñanza de la Geografía. Ciudad-Campo. Goiânia e Trindade.		
Área de concentração:	Natureza e Produção do Espaço		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	02/05/2014		
Programa de Pós-Graduação:	Programa de Pós-Graduação em Geografia		
Orientador (a):	Dra. Lana de Souza Cavalcanti		
E-mail:	ls.cavalcanti@uol.com.br		

\*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

### 3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento  SIM       NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

\_\_\_\_\_

Assinatura do (a) autor (a)

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

**Priscylla Karoline de Menezes**

**SER JOVEM, SER ESTUDANTE, SER DO CAMPO: a concepção de rural e urbano  
para jovens estudantes em escolas públicas das cidades de Goiânia e Trindade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás - UFG, para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Natureza e Produção do Espaço.

Linha de Pesquisa: Ensino/aprendizagem de Geografia

Orientadora: Profa. Dra. Lana de Souza Cavalcanti.

Goiânia  
2014

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)  
GPT/BC/UFG**

Menezes, Priscylla Karoline de.

M541s Ser jovem, ser estudante, ser do campo [manuscrito]: a concepção de rural e urbano para jovens estudantes de escolas públicas das cidades de Goiânia e Trindade / Priscylla Karoline de Menezes. - 2014.

150 f. : il., figs, tabs.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lana de Souza Cavalcanti. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,

Instituto de Estudos Socioambientais, 2014. Bibliografia.

Inclui lista de figuras, abreviaturas, siglas e tabelas.

Apêndices.

1. Geografia humana – Escolas públicas 2. Geografia Humana – Goiânia (GO) 3. Geografia humana – Trindade (GO) 4. Zona rural 5. Zona urbana. I. Título.

CDU- 911.3:37(817.3)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: NATUREZA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE  
Priscylla Karoline de Menezes**

Aos dois dias do mês de maio do ano de dois mil e quatorze (2014), a partir das 14h e 00min, no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado de Priscylla Karoline de Menezes, intitulada "SER JOVEM, SER ESTUDANTE, SER DO CAMPO: A CONCEPÇÃO DE RURAL E URBANO PARA JOVENS ESTUDANTES EM ESCOLAS PÚBLICAS DAS CIDADES DE GOIÂNIA E TRINDADE". A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 034/2014 da Diretoria do IESA, pelos seguintes Professores Doutores: Profa. Dra. **Lana de Souza Cavalcanti** (Presidente), Profa. Dra. **Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da Silva** (membro titular interno) e Profa. Dra. **Flávia Maria de Assis Paula** (membro titular externo). Os examinadores arguíram na ordem citada, tendo a candidata respondida satisfatoriamente. Às 17.00 horas a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta, tendo a candidata obtida os seguintes resultados:

**Profa. Dra. Lana de Souza Cavalcanti (Presidente) – Ass.** Banca de S Cavalcanti

Aprovado(a)  Reprovado(a)

**Profa. Dra. Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da Silva – Ass.** Rusvênia Luiza BK

Aprovado(a)  Reprovado(a)

**Profa. Dra. Flávia Maria de Assis Paula – Ass.** Flávia Maria de Assis Paula

Aprovado(a)  Reprovado(a)

**Resultado final:** Aprovado(a)  Reprovado(a)

**Houve alteração no Título?** Sim  Não

Em caso afirmativo, especifique o novo título: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Outras observações: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Reaberta a Sessão Pública, o(a) Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Secretaria..... Dalane Cristina Pereira Dionizio .....

Dalane Cristina Pereira Dionizio  
Assistente Administrativo IESA/UFG  
SIAPE: 2072165

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pelo seu Amor constante e sua infinita bondade. Por ter me proporcionado saúde, força e serenidade nos momentos difíceis – que não foram poucos –, por ter inspirado os meus pensamentos e guiado os meus atos na concretização de mais essa etapa.

À professora Dra. Lana de Souza Cavalcanti, minha orientadora, por ter acreditado em mim e confiado na minha proposta de projeto, pelas demonstrações de amizade e respeito, pelas conversas, pela paciência, pela dedicação, pelos ensinamentos de vida e de profissão que muito contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional. É com muito carinho, admiração e honra que concluo essa dissertação com sua estimável orientação.

Aos professores do LEPEG, Lana de Souza Cavalcanti, Vanilton Camilo de Souza, Denis Richter, Eliana Marta Barbosa de Moraes, Adriana Olivia Alves e Miriam Aparecida Bueno que, desde a minha Graduação, contribuem para minha formação. Cada um, à sua maneira e com sua sabedoria, me ensinou a valorizar a docência, a pensar o ensino de Geografia e a admirar o ambiente acadêmico verdadeiramente preocupado com a construção de indivíduos críticos e reflexivos.

Ao professor Dr. Ivanilton José de Oliveira, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, e ao secretário do Programa, Bruno Zuilho, que sempre se preocuparam em esclarecer nossas dúvidas e em buscar auxílio para conseguirmos realizar nossas pesquisas.

À professora Dra. Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da Silva, pela amizade que desenvolvemos desde a minha Graduação, pelo carinho e pela constante preocupação com meu amadurecimento e crescimento pessoal, acadêmico e profissional.

À professora Dra. Flávia Maria de Assis Paula, pela amizade e discussões realizadas no LEPEG, em diferentes momentos, que contribuíram muito para o meu crescimento.

Às professoras Dras. Flávia Maria de Assis Paula e Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da Silva, pelas reflexões, sugestões e indicações feitas na Qualificação que foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

À minha família, pelo apoio, carinho, torcida e compreensão, especialmente à minha avó, Maria Carolina de Oliveira, um dos amores da minha vida, minha eterna fonte de inspiração e que sempre acreditou na minha capacidade, até mesmo quando eu não merecia.

Ao meu pai, Wanderley de Menezes, que nunca poupou esforços para demonstrar seu amor e carinho e para batalhar por melhores condições de vida para os filhos. Agradeço também à minha mãe que sempre torceu pela minha vitória.

Agradeço ao Bruno Magnum Pereira, meu amigo, companheiro, psicólogo, colega de trabalho e de turma (desde a Graduação) e namorado que sempre apoiou minhas decisões e as compreendeu. Agradeço, também, seu auxílio na confecção dos mapas e pelas constantes leituras e debates que fizemos no decorrer desta pesquisa. Agradeço, também, à sua família: Dona Lúcia, Sr. Aurelino (*in memoriam*), Suzzanne, Nilson e Laura (a afilhada mais linda desse mundo), que sempre me tratou com muito carinho e dedicação.

Às amigas Elisângela e Viviane, pelo apoio emocional, pela compreensão das minhas ausências e pela torcida por mim.

Aos amigos Diego, Juheina, Manoel, Gabriel e Onofre, que dividiram angústias e alegrias desde a Graduação, seleção no Programa de Pós Graduação em Geografia e momentos além da vida acadêmica. São amigos que ajudaram para que esse trajeto fosse um pouco mais leve e prazeroso.

Aos amigos do LEPEG/NUPEC/REPEC, Kamila Santos de Paula Rabelo, Lucineide Mendes Pires, Karla Annyelly Teixeira de Oliveira, Flávia Maria de Assis Paula, Luan do Carmo da Silva, Zuzy dos Reis Pereira, Thiago Aires, Silva, Izabella Peracini Bento, Cláudia do Carmo Rosa, Márcia Virgínia Pinto Bomfim, Alexsander Batista e Silva, pelas conversas, incentivos e oportunidade de convivência.

Aos professores Wildes de Jesus Rodrigues do Colégio Estadual Divino Pai Eterno, em Trindade, e Mauricélia Cândida de Brito da Escola Municipal Professora Cleonice Monteiro Wolney, em Goiânia, que contribuíram muito para o desenvolvimento desta pesquisa, intermediando um primeiro contato com os jovens estudantes e compartilhando suas sabedorias em discussões informais.

Aos colegas da UEG/UnU Minaçu, pelo apoio na reta final desta pesquisa, pelas discussões acadêmicas e pelos momentos de descontração.

Enfim, muito obrigada a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que esta pesquisa se realizasse.

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo identificar e analisar quais as concepções de campo e cidade de jovens residentes no campo, estudantes de escolas públicas das cidades de Goiânia e Trindade e como realizam suas práticas socioespaciais. Em particular, busca-se compreender aspectos da cultura geográfica desses jovens escolares; analisar como os jovens que moram no campo se relacionam com a cidade em seu cotidiano; discutir como os jovens moradores do campo incorporam os conceitos de cidade e campo em suas práticas espaciais. Para tanto, foi feita a opção por trabalhar com uma investigação qualitativa, de cunho interpretativo, aos moldes de estudo de caso. Desse modo, foi realizada a coleta de informações em tempo e espaços distintos, por meio de diferentes técnicas de investigação, quais sejam: pesquisa bibliográfica, observação em sala de aula, questionário, entrevistas e acompanhamento individual de atividades cotidianas. Ao longo da pesquisa, procurou-se demonstrar como o jovem do campo veio vencendo a invisibilidade nas análises científicas e se configurando como importante elemento de análise para as diferentes ciências que buscam uma melhor compreensão social. Assim, com base nos dados coletados, foi possível constatar que esses jovens buscam vivenciar sua condição juvenil tanto no campo quanto na cidade. Contudo, é nos espaços institucionais – escola/trabalho – que eles exercitam sua sociabilidade e constroem suas redes de relacionamento.

**Palavras-chave:** Jovens. Ensino de Geografia. Campo-Cidade. Goiânia. Trindade.

## RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo identificar y analizar las concepciones de los conceptos de campo y ciudad para los jóvenes, residentes en el campo, estudiantes de escuelas públicas en las ciudades de Goiânia y Trindade, y cómo llevar a cabo sus prácticas socioespaciales. En particular, buscamos comprender los aspectos de la cultura geográfica de esos jóvenes escolares; analizar cómo los jóvenes que viven en el campo se refieren a la ciudad en su vida cotidiana; discutir cómo los jóvenes residentes del campo incorporan los conceptos de campo y ciudad en sus prácticas espaciales. Para eso, se hizo la opción de trabajar con una investigación de carácter cualitativo, en los moldes de estudio de caso. De este modo, la colección se realizó en diferentes espacios-tiempo, con diferentes técnicas de investigación: bibliográfica, observación de aula, cuestionario, entrevistas y acompañamiento individual de las actividades cotidianas. A lo largo de la investigación, trató de demostrar cómo los jóvenes del campo llegaron al ganar visibilidad en análisis científico y perfila como un importante elemento de análisis para las distintas ciencias que buscan una mejor comprensión social. Así, de los datos recogidos, fue encontrado que estos jóvenes buscan experimentar su condición juvenil tanto en el campo y en la ciudad, sin embargo, son espacios institucionales – escuela/trabajo - que ejercen su sociabilidad y construye sus redes de relación.

**PALAVRAS-CLAVE:** La juventud.. La enseñanza de la Geografía. Ciudad-Campo. Goiânia e Trindade.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Taxa de urbanização no Brasil e em Goiás (1940 - 2010).....	42
Fotografia 1 – Colégio Estadual Divino Pai Eterno. Trindade – Goiás, 2013....	60
Fotografia 2 – Escola Municipal Cleonice Monteiro Wolney. Goiânia, 2013.....	69
Fotografia 3 – Praça da Igreja. Distrito de Santa Maria. Trindade – Goiás, 2013.	83
Fotografia 4 – Maquinário agrícola nos quintais do Distrito de Santa Maria. Trindade – Goiás, 2013.....	83
Fotografia 5 – Rua e Infraestrutura do Distrito de Santa Maria. Trindade – Goiás, 2013.....	83
Fotografia 6 – Hortaliça cultivada no quintal. Santa Maria. Trindade – Goiás, 2013.....	84
Fotografia 7 – Temperos cultivados no quintal. Santa Maria. Trindade – Goiás, 2013.....	84
Fotografia 8 – Habitações. Cedro, Trindade – Goiás, 2013.....	85
Fotografia 9 – Igreja de São Sebastião. Cedro, Trindade – Goiás, 2013.....	85
Fotografia 10 – Chegada dos carros de boi durante a festa do Divino Pai Eterno. Cedro, Trindade – Goiás, 2013.....	87
Fotografia 11 – Almoço servido aos carreiros durante a Festa do Divino Pai Eterno. Cedro, Trindade – Goiás, 2013.....	87
Fotografia 12 – Casa de moagem. Bugre, Trindade – Goiás, 2013.....	89
Fotografia 13 – Plantação de milho. Bugre, Trindade – Goiás, 2013.....	89

**LISTA DE MAPAS**

Mapa 1 – População em Goiás, 2010.....	44
Mapa 2 – Percentual de participação da agricultura no PIB municipal - RMG 2010.....	46
Mapa 3 – Município de Trindade – Goiás.....	79
Mapa 4 – Roteiro do Aluno 01.....	96
Mapa 5 – Roteiro do Aluno 02.....	102
Mapa 6 – Roteiro do Aluno 03.....	107
Mapa 7 – Roteiro do Aluno 04.....	119
Mapa 8 – Roteiro do Aluno 05.....	124

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de alunos matriculados no Ensino Básico do estado de Goiás em 2012.....	27
Tabela 2 – Produção acadêmica sobre a juventude rural no Brasil e o Tipo de publicação, Brasil 1992-2004.....	48
Tabela 3 – Configurações juvenis de jovens do campo quanto à sua matriz de análise.....	51
Tabela 4 – População residente por situação do domicílio, sexo e idade. Brasil, 2010.....	55
Tabela 5 – Intenção de participação no vestibular e cursos procurados. Trindade, 2012.....	64
Tabela 6 – Atividades MAIS realizadas nos momentos livres. Trindade, 2012..	66
Tabela 7 – Locais frequentados pelos jovens nos momentos de lazer e a frequência. Trindade, 2012.....	67
Tabela 8 – O campo e a cidade para os jovens pesquisados. Trindade, 2012.....	68
Tabela 9 – Atividades MAIS realizadas nos momentos livres. Goiânia, 2012...	73
Tabela 10 – Locais frequentados pelos jovens nos momentos de lazer e a frequência. Goiânia, 2012.....	74
Tabela 11 – O campo e a cidade para os jovens pesquisados. Goiânia, 2012.....	75

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	15
<b>CAPÍTULO 1: O ENSINO DE GEOGRAFIA E O LUGAR DE VIVÊNCIA DO JOVEM ESCOLAR: UMA ARTICULAÇÃO NECESSÁRIA À COMPREENSÃO DAS PRÁTICAS ESPACIAIS DO ALUNO.....</b>	
1.1 O Ensino de Geografia em diferentes contextos.....	26
1.2 Jovens e educação: elementos de uma realidade complexa.....	31
1.3 Ensino de Geografia e o jovem do campo.....	36
<b>CAPÍTULO 2: O JOVEM DO CAMPO: UMA FACETA DA(S) JUVENTUDE(S) CONTEMPORÂNEAS.....</b>	
2.1 Breves considerações sobre o rural e o urbano e a relação campo e cidade.....	41
2.2 A juventude do campo como temática e as múltiplas condições juvenis.....	48
2.3 O jovem na contemporaneidade e o campo como cenário.....	52
<b>CAPÍTULO 3: O LUGAR DE VIVÊNCIA DO JOVEM ESTUDANTE DO CAMPO, SUA CULTURA GEOGRÁFICA E CONCEPÇÕES DE RURAL E URBANO.....</b>	
3.1 A constituição do grupo de sujeitos da pesquisa: a escola, a observação dos alunos, a seleção dos jovens, o acompanhamento.....	59
3.2 O município de Trindade no contexto da Região Metropolitana de Goiânia.....	76

3.2.1 O jovem e seu espaço de vivência no Distrito de Santa Maria e as Comunidades Rurais do Bugre e Cedro em Trindade/RMG.....	81
3.2.2 A trajetória das jovens de Trindade – o cotidiano, a trajetória, a perspectiva e a concepção do campo e da cidade.....	90
<b>3.3 O município de Goiânia no contexto da Região Metropolitana.....</b>	<b>108</b>
3.3.1 O jovem e seu espaço de vivência nos setores Sítio Recreio Caraíbas e São Domingos em Goiânia/RMG.....	111
3.3.2 A trajetória dos jovens de Goiânia: o cotidiano, a perspectiva e a concepção do campo e da cidade.....	114
<b>3.4 Ser jovem, ser estudante, ser do campo em diferentes lugares da RMG.....</b>	<b>125</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>137</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>144</b>

## INTRODUÇÃO

Esse estudo que se insere no conjunto de reflexões sobre a juventude, em especial, sobre aquela que reside no campo e estuda na cidade, busca compreender com base nas práticas espaciais e no lugar de vivência desses jovens, os conceitos de campo e cidade. A escolha desse tema deve-se primeiramente às leituras realizadas ao longo do curso de Licenciatura em Geografia, realizado no Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG), e à participação em grupos de pesquisas e estudos desenvolvidos no âmbito dessa Instituição de Ensino Superior.

Durante a Graduação, tive a oportunidade de participar de projetos de pesquisa que foram fundamentais para minha formação e escolha do tema de estudo no Mestrado. A partir do vínculo com o Programa de Bolsas de Licenciaturas (PROLICEN/UFG)<sup>2</sup>, cujo objetivo é despertar nos alunos da Licenciatura o interesse/hábito da pesquisa relacionada à docência e/ou às distintas atividades ligadas ao processo de ensino-aprendizagem – e com o Laboratório de Estudo e Pesquisa em Educação e Geografia (LEPEG) –, pude participar de relevantes discussões voltadas, principalmente, à importância de a escola considerar a “geografia do aluno” como ponto de partida para subsidiar a formação de conceitos e construção do pensamento geográfico, como propõe Cavalcanti (2005).

Nesse período, foi possível também participar de discussões realizadas na Secretaria Estadual de Educação de Goiás (SEDUC-GO), as quais comungavam com aquelas realizadas no LEPEG e PROLICEN, no que diz respeito aos métodos de ensinar Geografia. Com um debate voltado também à realidade das escolas do campo, e às condições de ensino no estado de Goiás, despertou-me a carência de estudos geográficos voltados à juventude do campo e a suas práticas espaciais. Essa juventude, de acordo com os dados fornecidos pela Secretaria

---

<sup>2</sup> Período em que realizei estudos, sob orientação da professora Dra. Rusvênia L. B. R. da Silva, referentes: 1) ao ensino de Geografia de Goiás e à construção de materiais didáticos e paradidáticos para o Ensino Básico, projeto que tinha como referência MENEZES, P. K., SILVA, R. L. B. R. *Geografia de Goiás: construção de materiais didáticos e paradidáticos voltados ao ensino básico*. Goiânia: UFG, 2009; e 2) a reflexão em torno da Educação e da importância de a Escola considerar os saberes locais na construção do conhecimento dos povos do campo, da situação atual das escolas do campo no estado de Goiás, cujo projeto tinha como referência MENEZES, P. K.; SILVA, R. L. B. R. *Escolas no/do campo: um diagnóstico dos modelos existentes em Goiás*. Goiânia: UFG, 2010.

Estadual de Educação de Goiás e discutidos por Menezes e Silva (2011), era a parcela dos estudantes da Educação Básica que apresentavam a menor procura pela continuidade dos estudos.

Apesar de ser um assunto amplamente discutido pela Sociologia, Educação, Antropologia e outras ciências, com autores como Abramoway (1998, 2005), Carneiro (1998, 2007), Weisheimer (2005) e Castro et al. (2009), o jovem do campo ainda não tem grande enfoque nos estudos da Geografia. Entretanto, essa carência não se restringe apenas à análise do jovem do campo, haja vista que estudos relacionados à juventude, realizados por geógrafos, são recentes. Com base no levantamento bibliográfico realizado para esse estudo, é a partir das últimas décadas que o jovem em suas dinâmicas socioespaciais aparece como sujeito central das análises geográficas. A análise que realizamos neste trabalho traduz um entendimento da articulação dos espaços às culturas neles fixadas e uma compreensão das dinâmicas geográficas construídas pelos jovens, como a territorialização e a utilização dos espaços pela cidade, que geógrafos pesquisadores da temática, como Turra Netto (2004), Cavalcanti (2011), Cassab (2013) e Paula (2013) procuraram investigar, considerando, principalmente, os jovens e suas práticas cotidianas.

A juventude é um tema sobre o qual muito temos a dizer, todos somos ou fomos jovens e construímos múltiplas interpretações, percepções e imagens do que é ser jovem. No entanto, o modo de ver e compreender a juventude é diferente e varia de acordo com o tempo e os espaços e nas diversas realidades sociais e culturais. Por se tratar de um conceito que vai além das bases naturais e biológicas, relacionado principalmente à construção social, é difícil estabelecer limites etários muito rígidos. Sobre isso, Dayrell (2003, p. 41) destaca que

[...] construir uma definição da categoria juventude não é fácil, principalmente porque os critérios que a constituem são históricos e culturais. [...] Entendemos, como Peralva (1997), que a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo.

A fim de compreender essa parcela da população, uma série de autores, como Dayrell (2003, 2007), Novaes (2006), Cavalcanti (2011, 2012), Paula (2013), Pires (2013) e Cassab (2013) já se debruçou sobre o tema e trouxe importantes contribuições. São pesquisadores da Educação, das Ciências Sociais e da Geografia que se comprometeram em produzir uma noção de juventude em sua diversidade e compreendê-la, de acordo com as experiências vivenciadas em seu contexto social.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base em um critério etário, os jovens correspondem à parcela da população com a faixa etária de 15 a 24 anos de idade e representam atualmente 18% da população nacional (34.236.064 pessoas), conforme o último Censo Demográfico (IBGE, 2011). Esses dados são importantes para o conhecimento detalhado dos aspectos demográficos e sociais, que dizem respeito a esse segmento populacional específico. Entendemos, outrossim, que analisar a juventude brasileira é também considerar as disparidades regionais e as relações entre o campo e a cidade. No entanto, a faixa etária não pode ser considerada o critério para a definição de um grupo social de tamanha complexidade, podendo ser utilizada, no caso desse estudo, como referência para selecionar um grupo específico de jovens. Nas palavras de Novaes (2006), são essas diferenças entre ser jovem no campo ou na cidade, e mesmo em cidade grande ou pequena de diferentes partes do Brasil, que podem acentuar ou atenuar vários vetores sociais que caracterizam as condições juvenis.

Optamos por trabalhar com a ideia de “condição juvenil” por considerá-la mais adequada aos objetivos dessa discussão. Do latim, *conditio* refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas também, refere-se às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação. Assim existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, ao modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc.

Na análise, levamos em conta tanto a dimensão simbólica quanto os aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nos quais a produção social da juventude se desenvolve. Os jovens que moram no campo e realizam parte de suas práticas espaciais na cidade, principalmente quando buscam serviços, como: educação, saúde, emprego e lazer, por exemplo, têm sua condição juvenil influenciada pela construção de novos significados, haja vista suas novas experiências e oportunidades de constituição de identidades.

Como as fronteiras entre o campo e a cidade já não podem mais ser claramente identificadas, nas considerações de Pessoa (2007), uma grande quantidade de indivíduos passou a viver numa zona de intersecção entre o rural e o urbano das grandes e médias cidades, gerando grande demanda diária por empregos, serviços de saúde e educação. Dessa forma, segundo o autor, crianças, adolescentes e jovens, moradores rurais, passaram a ser enviados diariamente para as escolas públicas urbanas mais próximas, promovendo a reorganização de seus hábitos, culturas, autorrepresentação, rotinas e manias.

Com essa constante movimentação e alteração das relações socioespaciais, a reflexão e compreensão do espaço dos jovens que moram no campo e realizam suas práticas espaciais cotidianas na cidade tornaram-se necessárias. É preciso conhecer o jovem envolvido nessa dinâmica, suas interações com o meio e as relações entre eles, uma vez que, como afirmou Cavalcanti (2012), a juventude não pode ser vista ou falada de maneira singular e igualitária. É um grupo marcado pelas variações culturais, pelo lugar onde mora, por sua renda familiar e também pelas atividades que desenvolve.

Pessoa (2007) observa que são os jovens os responsáveis por traçar o movimento do mundo, com suas representações e reconhecimentos do espaço, encarnado de regras, costumes e relações culturais, sociais e políticas. Portanto, compreender o jovem diz respeito também a mergulhar em suas práticas espaciais e, conseqüentemente, discutir seu espaço geográfico. Como são indivíduos que circulam entre os bancos da escola e os espaços de trabalho, trazemos aqui a importância de se trabalhar, também, a articulação do conhecimento científico com as práticas cotidianas. Essa articulação há um tempo é defendida por pesquisadores da área do ensino, como Libâneo (1990), Cavalcanti (1998), Callai (2000) e Richter (2011), que ressaltam a necessidade de o professor considerar o cotidiano de seus alunos nas discussões do conteúdo e construção dos conceitos geográficos, a fim de prepará-los para uma atuação crítica e reflexiva da realidade em que estão inseridos.

Compreendemos que os jovens do campo vivenciam diferentes contextos em seu cotidiano. Afinal, são indivíduos que presenciam e são influenciados constantemente pela dinâmica relação entre campo e cidade e, também, por situações comuns a outros jovens, as quais lhes conferem identidades múltiplas e variadas. Estas que, segundo Claval (2007, p. 107), não podem ser vistas apenas como uma identificação de determinada coisa ou lugar, “as identidades se associam ao espaço: elas se baseiam nas lembranças divididas, nos lugares visitados por todos, nos monumentos que refrescam a memória dos grandes momentos do passado, nos símbolos gravados nas pedras das esculturas ou das inscrições”. Assim, os jovens devem ser compreendidos como indivíduos ativos que, com seus contextos, fortificam e produzem aquilo que é expresso em suas linguagens, organizações e territorialidades.

Nesse sentido, reconhecemos a necessidade de se estudar os jovens do campo e suas dinâmicas espaciais pela Geografia, bem como a importância de se refletir sobre o novo contexto em que os jovens estão inseridos. Com base nesse reconhecimento, alguns questionamentos foram suscitados, quais sejam: como os jovens que moram no campo e estudam na cidade utilizam os espaços da cidade? Como esses jovens exercem sua condição juvenil? Os jovens estudantes sentem-se inseridos no contexto urbano? Quais são as práticas espaciais desenvolvidas pelos jovens que moram nas áreas rurais, dos municípios de Goiânia

e Trindade, em seu cotidiano? Como os jovens pesquisados compreendem/definem o campo e a cidade?

Diante do exposto e com o intuito de se responder aos questionamentos supracitados, temos como objetivo geral desta pesquisa: identificar e analisar quais as concepções de campo e cidade para jovens, residentes no campo, estudantes de escolas públicas das cidades de Goiânia e Trindade e como realizam suas práticas socioespaciais. Além disso, como objetivos específicos, pretendemos: compreender aspectos da cultura geográfica desses jovens escolares; analisar como os jovens que moram no campo relacionam-se com a cidade em seu cotidiano; e, por fim, discutir como os jovens moradores do campo incorporam os conceitos de cidade e campo em suas práticas espaciais.

Para alcançarmos esses objetivos, optamos por trabalhar com uma investigação de cunho qualitativo que, segundo Martins (2004), nos permite uma flexibilidade nas análises dos dados, considerando o ambiente em que esses dados são coletados e um estudo intensivo destes, admitindo um confronto entre a visão teórica do problema pesquisado e os dados colhidos na realidade. Assim, julgamos necessário esclarecer os procedimentos metodológicos utilizados nessa pesquisa, que escolhemos realizar aos moldes de um estudo de caso.

O modelo estudo de caso, segundo Lüdke e André (1988), refere-se ao estudo de um caso bem delimitado, com contornos claramente definidos no decorrer da pesquisa, e pode ainda ser um caso similar a outros, mas que ao mesmo tempo é distinto, uma vez que o caso estudado desperta um interesse próprio e singular. Esse modelo de pesquisa visa incidir na particularidade dos sujeitos, mesmo que posteriormente venham ficar evidentes semelhanças com outros casos ou situações.

Nesse sentido, com base em um quadro teórico inicial, construído por meio de um levantamento bibliográfico de obras geográficas e de áreas afins que discutem as relações entre campo e cidade, os conceitos e análises da juventude brasileira e o ambiente escolar na perspectiva dos modelos e métodos de ensino de Geografia, essa pesquisa teve, a princípio, como orientação apreender da forma mais completa os sujeitos estudados e seus espaços/contextos cotidianos. Tal apreensão, segundo Lüdke e André (1988), é fundamental para o desenvolvimento desse tipo de pesquisa.

A fim de conhecer e caracterizar os jovens sujeitos dessa pesquisa, utilizamos, como instrumentos metodológicos para a coleta de dados, a aplicação de questionário semiaberto, entrevistas estruturadas e, por fim, o acompanhamento de atividades cotidianas desenvolvidas por alguns jovens selecionados. Todos elaborados com o objetivo de traçar um perfil do jovem residente em áreas rurais e estudante da cidade – no caso, são jovens que estudam em

Trindade e Goiânia –, bem como tentamos demonstrar, a partir de uma amostragem, como esses jovens estabelecem suas práticas espaciais e vivenciam sua condição juvenil.

Para a aplicação do questionário e entrevistas, primeiramente, foi preciso selecionar duas escolas públicas, situadas na cidade, que atendessem estudantes jovens – classificados nessa etapa de levantamento de dados para a pesquisa, de acordo com a faixa etária adotada pelo IBGE, de 15 a 24 anos – residentes no campo. A seleção das escolas foi possível a partir de um levantamento informal feito pelas Secretarias Municipais de Educação dos municípios da Região Metropolitana de Goiânia (RMG). A Secretaria Estadual de Educação de Goiânia forneceu uma listagem de escolas, então optamos por utilizar, como escolas-campo desse estudo, o Colégio Estadual Divino Pai Eterno, em Trindade, e a Escola Municipal Professora Cleonice Monteiro Wolney, em Goiânia, ambas com um expressivo número de alunos que atendiam às condições especificadas.

Após a seleção das escolas, foram necessários uma observação preliminar e um contato inicial com as instituições de ensino e com os discentes a serem analisados. Desse modo, no decorrer de parte do primeiro semestre e de todo o segundo semestre de 2012, dedicamo-nos a acompanhar a dinâmica escolar e dos alunos nas instituições. Como as escolas trabalhavam com os jovens somente em um período do dia, acompanhamos no turno matutino em Trindade, alunos que cursavam o 3º ano do Ensino Médio, e, no horário noturno, em Goiânia, os alunos que cursavam do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental do modo Educação de Jovens e Adultos (EJA). Naquele momento, procuramos observar principalmente como era a relação desses jovens com os outros jovens estudantes e com a escola.

Após o período de observação no interior das escolas, no final do mês de setembro de 2012, em momentos cedidos pelos professores de Geografia, passamos a desenvolver conversas direcionadas à pesquisa com os jovens selecionados para o estudo, aqueles que residiam no campo e estavam na faixa etária entre 15 e 24 anos. Assim, no mês de outubro desse mesmo ano, aplicamos os questionários semiabertos e, no mesmo mês, iniciamos as entrevistas individuais.

Foram aplicados, em Trindade, 18 questionários e realizadas 18 entrevistas. Em Goiânia, foram aplicados 5 questionários e realizadas 5 entrevistas. A partir das entrevistas estruturadas que, segundo Severino (2007, p. 123), são “aquelas em que as questões são direcionadas e previamente estabelecidas, com determinada articulação interna”, procuramos compreender as respostas dadas no questionário e também aprofundar algumas questões apresentadas de maneira superficial nesse primeiro instrumento.

Após as entrevistas e uma breve análise das informações recolhidas, iniciamos a terceira etapa dessa pesquisa: acompanhar um grupo específico de jovens em suas atividades diárias. Isso configuraria, enfim, a prática do campo no estudo de caso. Para ocorrer de maneira igualitária nas duas instituições de ensino, optamos por trabalhar com três estudantes de cada escola, que foram selecionados de acordo com suas disponibilidades e lugares em que moravam. Houve uma única restrição feita aos estudantes, tivemos o cuidado para que não houvesse jovens apenas de uma comunidade, setor ou distrito. Desse modo, foram escolhidos três estudantes em Trindade, entretanto, em Goiânia, devido a problemas de disponibilidade, foi possível selecionar apenas dois estudantes.

O grupo de jovens da turma observada na escola de Trindade era composto predominantemente pelo gênero feminino, 16 moças e 2 rapazes; e no momento da seleção para a terceira etapa da pesquisa, acabou sendo composto somente por um gênero, o feminino. Esse fato, acreditamos, está principalmente relacionado ao sexo da pesquisadora, afirmação que faço devido à constante posição de desconforto dos alunos do sexo oposto e a um certo constrangimento nos momentos da entrevista que acontecia individualmente. Com isso, foram selecionadas três jovens, em razão da disponibilidade demonstrada por elas, para o acompanhamento de suas atividades diárias. Essas jovens são moradoras das comunidades rurais Cedro e Bugre e do Distrito de Santa Maria, em Trindade. Como o acompanhamento das atividades foi realizado no ano de 2013, as jovens que eram estudantes do 3º ano do Ensino Médio foram acompanhadas em suas novas rotinas, ligadas principalmente aos momentos de lazer, trabalho e faculdade.

O grupo de jovens de Goiânia – composto por 3 rapazes e 2 moças –, após a seleção para as atividades de acompanhamento das atividades cotidianas, ficou formado por uma moça e um rapaz que se dispuseram a participar da terceira etapa da pesquisa. Esses jovens que residiam no Bairro São Domingos e no Setor Sítio Recreio Caraíbas, ambos localizados na região norte de Goiânia, foram acompanhados no decorrer do segundo semestre de 2013, em períodos determinados por eles e, conseqüentemente, nem sempre contínuos, haja vista a indisponibilidade e os imprevistos impostos a cada indivíduo. Como os jovens cursavam o 6º e o 8º ano do Ensino Fundamental no modo EAJA em 2012, no ano seguinte, foi possível observá-los em suas rotinas (relacionadas à casa, ao trabalho e à escola), que eram semelhantes àquelas relatadas nas entrevistas.

Os acompanhamentos das atividades e rotinas dos jovens selecionados aconteceram de acordo com os melhores dias escolhidos por eles, com uma única restrição: que não fossem apenas dias especiais, com momentos de festas, encontros ou manifestações religiosas, por isso os encontros variaram entre uma semana ininterrupta e um mês de observações. No

entanto, mesmo no caso de observações continuadas, foram realizadas distintas visitas posteriores, as quais aconteceram, na maioria das vezes, devido a convites do jovem. Esses convites aconteciam, principalmente, quando os jovens julgavam a ocasião importante de ser observada e relatada nesta pesquisa, pois, muitas vezes, tratava-se de momentos ímpares em suas vidas. Desse modo, foi possível acompanhá-los desde o raiar do sol até o cair da noite e, em momentos específicos, até tarde da noite. Nos períodos de observação, cada um foi acompanhado em sua rotina escolar e profissional e, ainda, nos momentos de lazer que incluíam visitas a familiares e participação em manifestações religiosas. Nesses momentos, foi feita a opção de acompanhá-los também em seus trajetos com seus diferentes meios de condução.

Por fim, como último procedimento metodológico, foi estabelecida a análise das informações coletadas na observação, nos questionários e entrevistas, nos acompanhamentos em campo, e a produção textual desta pesquisa. Podemos dizer, todavia, que no decorrer das atividades de pesquisa esse processo mesclou-se para a produção deste estudo, uma vez que a análise dos fatos acabava ocorrendo também nos momentos de anotação e reflexão dos dados coletados em caderneta e na transcrição das entrevistas.

Sabemos que o jovem do campo, assim como afirmou Abramo (2005), ainda é um sujeito difícil de ser discutido, tendo em vista sua complexidade sociocultural e sua pouca representatividade nas pesquisas no que concerne a suas dinâmicas culturais e sociais. Contudo, ao realizarmos esta pesquisa nos municípios de Trindade (distrito Santa Maria e comunidades rurais Cedro e Bugre) e Goiânia (região Norte da capital), percebemos as desigualdades desse jovem da contemporaneidade. Apesar de os sujeitos terem em comum o fato de ser jovem e de morar na zona rural, são indivíduos que apresentam significativas disparidades, as quais muitas vezes estão relacionadas ao modo de ver e viver a vida, e de ter o direito ou não de exercer sua condição juvenil. Como acreditamos que as espacialidades e o lugar onde as pessoas vivem marcam profundamente suas identidades, essas diferenças e as maneiras de perceber e de se expressar nas diferentes situações cotidianas são marcas importantes demonstradas na forma de pensar dos jovens.

Os jovens que vivem no campo e têm a possibilidade de exercer sua condição juvenil, sem assumirem responsabilidades mais definidas para a vida adulta, como: trabalho, sustento familiar, cuidados com a casa e educação/saúde de filhos, porque seus pais têm condições de garantir suas condições de estudos e crescimento pessoal, apresentam preocupações comuns aos jovens urbanos. Estes podem ser comparados, por exemplo, aos sujeitos das pesquisas de Novaes (2006), Guimarães e Silva Jr. (2012) e Paula (2013) que se preocupam com a violência e o desemprego, principalmente. São jovens que se espacializam na cidade e, à sua

maneira, utilizam-se dos espaços sociais como: *shoppings*, cinema, bares e sanduicherias para suas práticas de lazer e consumo.

Os jovens que há muito tiveram que se portar como adultos, assumindo responsabilidades com o trabalho, sustento familiar, cuidados com a casa e educação/saúde de seus filhos, diferenciam-se daqueles cuja juventude têm a oportunidade de exercer. Esses jovens apresentam em seus depoimentos preocupações principalmente ligadas a terra, às condições deixadas para os filhos – principalmente quanto aos estudos e situação financeira – e à violência. São jovens “chefes de família” ou “moças casadas” que têm em suas práticas socioespaciais, principalmente, o hábito de frequentar a igreja, as feiras e a casa de parentes.

Essa heterogeneidade entre os jovens do campo já justifica a necessidade de discuti-los e nos instiga a pensá-los quanto aos seus anseios e dinâmicas socioespaciais. Assim, para melhor discussão do tema proposto e dos sujeitos envolvidos, optamos por estruturar esta dissertação em três capítulos, nos quais são realizadas discussões teóricas acerca dos principais conceitos relacionados à temática trabalhada e à apresentação, análise e interpretação dos dados coletados e produzidos para a efetivação desta pesquisa. Desse modo, a seguir, fazemos uma breve explicação do conteúdo de cada um deles.

O primeiro capítulo, intitulado “O Ensino de Geografia e o lugar de vivência do jovem escolar: uma articulação necessária para se compreender as culturas geográficas do aluno”, discorre sobre o processo educativo, em especial sobre o ensino de Geografia, como parte elementar para a formação do jovem aluno, enquanto sujeito social no contexto em que está inserido. Nesse sentido, discute-se o ensino em diferentes situações e a possibilidade de uma efetiva formação cidadã do jovem em sua pluralidade de posicionamentos sociais.

O segundo capítulo, cujo título é “O jovem do campo: uma faceta das juventudes contemporâneas”, apresenta uma breve análise do jovem do campo e seu avanço frente aos estudos científicos e sociais, bem como do seu lugar no cenário rural. Com uma apresentação do rural, do urbano e das relações entre o campo e a cidade, na história e, em especial, no estado de Goiás, discutem-se o jovem do campo, suas práticas espaciais e suas redes de sociabilidade, em uma tentativa de entendermos quem é o jovem do campo e quais são seus conflitos na contemporaneidade.

O terceiro capítulo, intitulado “O lugar de vivência do jovem estudante do campo, sua cultura geográfica e concepções de rural e urbano”, apresenta os dados obtidos mediante a aplicação dos instrumentos metodológicos: questionário e entrevista, aplicados e realizados com os estudantes sujeitos desta pesquisa e uma breve contextualização dos seus espaços de vivência. Com base nos dados obtidos, fizemos uma análise e a caracterização do perfil dos jovens moradores do campo e estudantes das cidades de Trindade e Goiânia. Com as rotinas

descritas e demonstradas em mapas que as traduzem, procuramos demonstrar como os jovens exercem sua espacialidade e objetivamos estruturar, ao mesmo tempo em que tentamos empreender, sentidos que (re)signifiquem o que é ser jovem, ser estudante e ser do campo nos dias atuais.

Por fim, nas “considerações finais”, retomamos algumas questões apontadas ao longo do trabalho que julgamos fundamentais para uma compreensão geográfica acerca do jovem do campo, de suas práticas espaciais e de suas concepções de rural e urbano.

## CAPITULO 1

### **O ENSINO DE GEOGRAFIA E O LUGAR DE VIVÊNCIA DO JOVEM ESCOLAR: UMA ARTICULAÇÃO NECESSÁRIA À COMPREENSÃO DAS PRÁTICAS ESPACIAIS DO ALUNO**

*Uma grande massa de jovens sedenta de mundo diariamente ferve o ambiente escolar com suas cores, seus gestos, fugas, perguntas, astúcias. Na escola, exercem a sua corporeidade, internalizam o mundo e estabelecem sentido para tudo que tocam, veem, escutam e falam.*

(Chaveiro, 2011, p.186)

Os jovens, com suas representações e reconhecimentos do espaço, que se manifestam em suas trajetórias espaciais e em suas relações sociais, vivenciam diferentes contextos em seu cotidiano e situações comuns a outros jovens e, ao mesmo tempo, específicas ao seu grupo. Tentar entender e analisar o jovem enquanto sujeito social, ligado às diferentes práticas geográficas, sociais e educacionais tem sido o esforço maior de muitos pesquisadores que buscam compreender como ocorre a construção das distintas condições juvenis e como estas são vivenciadas. Partindo da importância dessas discussões, neste capítulo, apontamos o processo educativo, em especial o ensino de Geografia, como parte elementar para a formação do jovem aluno no contexto social em que está inserido.

Nesse sentido, nosso intuito inicial no presente capítulo é refletir sobre como o ensino, em diferentes situações, vem se realizando e possibilitando uma efetiva formação cidadã. Posteriormente, debruçamo-nos na apresentação do jovem e da educação enquanto sujeitos de uma realidade complexa. Assim, finalizamos este capítulo apresentando como os espaços vivenciados pelo jovem, cotidianamente, são importantes para a análise e prática do ensino de Geografia. Nesse momento, destacamos as reflexões existentes sobre a necessidade de se considerar o lugar do aluno no ensino de Geografia, haja vista sua importância na atuação do jovem enquanto sujeito social. É oportuno lembrar que essa reflexão se faz necessária, pois, nos capítulos posteriores, tentamos enfatizar como o jovem do campo vem se tornando visível na sociedade e exercendo sua condição juvenil em sua dinâmica espacial.

## 1.1 O Ensino de Geografia em diferentes contextos

O processo educativo das populações que vivenciam um contexto diferente daquelas que moram na cidade há muito tempo apresenta-se como uma não prioridade investigativa das universidades brasileiras. Apesar de a universidade estar ciente das disparidades socioculturais existentes entre o campo e a cidade, e ver os estudos das escolas no/do campo<sup>3</sup> tomarem maiores proporções nas últimas décadas, essa temática ainda permanece periférica nas análises das diferentes ciências relacionadas à Educação.

Sabe-se que, com o incremento populacional e o crescimento econômico que conduziram a altas taxas de urbanização e industrialização, o Brasil, no decorrer do século XX passou de um atendimento educacional de pequenas proporções, típico de países predominantemente rurais, para serviços educacionais de grande escala (SAVIANI, 2011). Todo esse avanço no número de pessoas atendidas pelos serviços educacionais, segundo o autor, no período de 1930 a 1998, teve seu número aumentado em cerca de vinte vezes. Isso representou praticamente a universalização do acesso ao Ensino Fundamental e acabou também destacando os diferentes problemas referentes à qualidade do ensino.

No estado de Goiás que até meados do século XIX tinha uma população predominantemente rural e não tinha a educação como prerrogativa para seu crescimento social e econômico, e tampouco se preocupava com a diversidade dos ambientes escolares existentes em seu território, o avanço no número de pessoas atendidas pelos serviços educacionais não foi diferente do histórico nacional. Com 1.116.243 alunos matriculados no Ensino Básico, segundo o Censo Escolar de 2012, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), distribuídos entre escolas em áreas urbanas e rurais, conforme Tabela 1, o estado de Goiás tem alunos e professores que encontram em seu cotidiano escolar diferentes contextos, que justificam a preocupação com uma melhor abordagem do ensino, especialmente, do ensino de Geografia.

---

<sup>3</sup> Escolas destinadas ao atendimento de populações do campo, que, segundo o Decreto nº 7.352 de 4 de novembro de 2010, são “[...] os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural”.

Tabela 1 – Número de alunos matriculados no Ensino Básico do estado de Goiás em 2012<sup>4</sup>

Localização	2012
Rural	47.714
Urbano	1.068.529
Total	1.116.243

Como a formação docente tem um histórico marcado por sucessivas mudanças e descontinuidades, além de um apoio em propostas políticas pedagógicas falhas em relação aos aspectos teórico-metodológicos, por muito tempo se trabalhou acreditando que o educador deveria ser formado para efetuar a transmissão de conhecimento, de maneira logicamente organizada e com o domínio do conteúdo, habilidades que seriam adquiridas somente com a prática docente (SAVIANI, 2011). O professor de Geografia em sua formação não fugiu a essa regra e, até os dias atuais, pouco se tem visto, nos cursos de licenciatura, a preocupação com seu espaço de atuação e com as diferentes realidades educacionais.

Talvez por ter surgido como disciplina escolar antes mesmo de se constituir em campo de investigação científica, a Geografia desde muito cedo já apresentou um currículo e uma forte ligação com a formação do estado e das identidades das nações (OLIVEIRA, 1998). Essa visão, de acordo com Oliveira (Ibid.), acabou lhe dando um aspecto de simples descrição dos aspectos sociais, econômicos e naturais, uma simplificação que aumentou o distanciamento entre Geografia escolar e Geografia acadêmica. Em seu esteio, conseqüentemente, houve o enfraquecimento do ensino de Geografia. O professor de Geografia, inserido nesse contexto cheio de contradições, deparou-se com a necessidade de refletir sobre toda a incongruência existente entre as Geografias e ainda analisar o currículo escolar que de muitas maneiras mostrava-se fragmentado e distante da realidade da escola e do aluno.

Nas duas últimas décadas com documentos prescritos para orientar seu trabalho como professor de Geografia, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Projeto Político Pedagógico (PPP), o educador se viu com a responsabilidade de colaborar para o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias à formação de um cidadão crítico, mas engessado a recursos didáticos que na maioria das vezes enfatizavam a transmissão do conhecimento a partir da memorização e repetição como estratégia de ensino-

<sup>4</sup> Fonte dos dados: INEP – Censo Escolar 2012.

aprendizagem, modelo prescrito pela Geografia Tradicional – caso de alguns livros didáticos, que se limitavam à descrição de lugares e à narração de fatos. Desse modo, ao contrário de conduzir à autonomia, à criticidade e à conscientização do aluno, o ensino de Geografia acabava fortalecendo adaptações e ajustamentos ao modelo excludente de sociedade.

Concordamos com Callai (2001, p. 135), quando afirma que

[...] o ideal seria que a escola tivesse claro qual a sua filosofia – e sua proposta –, o que quer formar, e daí referi-los a este plano pedagógico geral; cada disciplina ter a definição do que se quer no interior da escola, com ela. Definidos estes critérios, pode-se partir, então, para a explicitação do que estudar, do que desenvolver em cada uma das séries do conteúdo de Geografia.

Mas, essa é uma discussão que deve estar presente tanto nas instituições formadoras quanto na escola, pois, assim como Souza (2012, p. 205) define, entendemos que a escola, em sua complexidade

[...] é uma instituição que se forma e se transforma a partir das ações da sociedade, e, em seu interior, essa ação se dá de forma mais constante por meio dos sujeitos que contribuem diretamente para dar movimento a ela, logo, professores, alunos, enfim, toda a comunidade acadêmica.

Tal definição demonstra que a escola é um lugar de pluralidades, um espaço dinâmico de interações que está em constante diálogo com a sociedade e com os sujeitos que a constituem. Cavalcanti (2012), ao compartilhar desse entendimento, observa que o ensino de Geografia deve atentar-se para a complexidade da sociedade em que vivemos e, a partir de então, desenvolver situações de aprendizagem que promovam um exercício intelectual em relação aos desafios da atualidade. Nesse sentido, o professor deve portar-se também como pesquisador, capaz de problematizar e questionar sua prática e propor novas práticas de ensino com base em suas investigações e objetivos. Como afirma a autora (Ibid.), é preciso que o professor de Geografia domine mais do que a matéria em si, ele deve saber estruturar o conteúdo em função da aprendizagem de seus alunos, e ir além da interpretação da realidade local e do mundo. Ele deve, igualmente, procurar entender os mecanismos que levaram aquele espaço a ser construído daquele modo e interpretá-lo de acordo com o contexto em que se insere.

Ao considerarmos algumas das diferentes realidades com que o professor de Geografia pode se deparar no cotidiano escolar, podemos levar em consideração as espacialidades em que se inserem as escolas no estado de Goiás. Um estado que, apesar de sua localização em uma região povoada por povos indígenas, quilombolas e camponeses, tem em sua história marcas do descaso com a educação de alunos de escolas fora de áreas urbanas, e apresenta,

ainda hoje, sérios problemas quanto à desconsideração do contexto social e político desses alunos, conforme demonstrado por Menezes e Silva (2011). Sabemos que o professor de Geografia precisa levar tais contextos para o planejamento das atividades didático-pedagógicas a serem aplicadas em suas turmas.

É preciso, principalmente, considerar que o ensino de Geografia cada dia mais precisa ser trabalhado de maneira menos distanciada da realidade social do aluno, bem como precisa desenvolver a reflexão da condição humana, para além da simples habilidade de orientação, leitura e interpretação do espaço. O professor de Geografia pode atuar de maneira significativa para os alunos, entre eles, os jovens estudantes que vivem no campo e estudam em escolas do campo ou da cidade. Como bem afirma Cavalcanti (2005, p. 199),

[...] é importante também constatar que as práticas sociais possuem uma dimensão espacial resultante de uma relação direta e cotidiana com o espaço vivido, que se expressa pela linguagem. Por sua vez, o professor necessita estabelecer uma mediação e uma intervenção intencional que conduza o aluno a uma ação com o meio externo para conhecê-lo e interpretá-lo para a construção do conceito científico.

Ao considerar o aluno, que “é um ser histórico e traz em si uma história, e um conhecimento adquirido na sua própria vivência” (CALLAI, 2001, p. 136), o ensino de Geografia reconhece a importância da análise em diferentes escalas e valoriza o cotidiano do aluno. Com isso, o estudo de Geografia pode se tornar prazeroso, pois quando relacionado com as experiências concretas vividas pelo aluno no seu espaço cotidiano, a sala de aula se torna um ambiente de vivências pedagógicas significativas que contribuem para o desenvolvimento cognitivo. O ensino de Geografia cumpre, assim, sua verdadeira função, a de ir além do fornecimento de dados ou informações atuais e passa a estabelecer relações sobre informações do mundo cotidiano, conforme afirma Martins (2011).

Preocupados com esse contexto, autores como Pessoa (2007), Caldart (2009) e Meuer (2010) vêm discutindo a necessidade de se preparar professores para atuarem com jovens que vivem no campo. Segundo esses autores, é preciso que os educadores sejam capazes de refletir e considerar as redefinições do rural, das relações entre o campo e a cidade e da relação desse jovem com a terra e com seus modos de vida. É uma base de sentidos que ele apresenta para a vida cotidiana, algo que não se esvai, mas que permanece com ele, em suas posturas, em seus valores, enfim, em sua formação. Como o campo adquiriu significado distinto daquele que lhe era tradicionalmente atribuído – espaço atrasado e destinado à produção de bens primários – cabe ao professor, aqui enfatizamos, ao professor de Geografia, propor um ensino capaz de discutir as diferentes ruralidades existentes nessa sociedade urbana e industrial que se formou a partir do século XIX. O professor deve se assumir como sujeito

de uma reflexão permanente sobre suas práticas, o ambiente escolar em que está inserido e os alunos que está formando. Pensamos que, assim, conseguirá construir um projeto de ensino capaz de dialogar com a construção/reconstrução do espaço rural, e com as distintas realidades nas quais o jovem está inserido.

Como afirma Meuer (2010), é preciso que o ensino volte a se humanizar e a se ajustar aos sujeitos que dele necessitam. Para que haja essa humanização do ensino, o professor de Geografia deve procurar ter domínio do conhecimento do campo geográfico, mas também o domínio da capacidade de refletir sobre métodos relacionados à construção da disciplina para, conseqüentemente, tomar uma posição sobre as finalidades da Geografia em sua proposta de trabalho. Ao ter um posicionamento frente à ciência e ao seu papel de educador, entendemos que o professor pode articular a prática com a teoria e então definir o que ensinar, para quem e como. Essas são tarefas apontadas por Cavalcanti (2012) como fundamentais para um significativo ensino de Geografia, pois a partir daí é possível que o professor identifique quem são seus alunos e em que contexto social estão inseridos.

O ensino de Geografia, em suas diferentes perspectivas, tem a possibilidade de contribuir para a valorização das diversas identidades territoriais envolvidas e, consoante a análise escolhida pelo professor, enfatizar a compreensão do território de forma que inclua o campo e a cidade sem sobreposição. Ao escolher essa análise sem sobreposições, o professor acabará rompendo com o discurso das dualidades que, de acordo com Souza (2012), é fortemente enfatizado pela Geografia acadêmica. Entretanto, no âmbito da Geografia escolar, a Geografia acadêmica deve ser cuidadosamente analisada uma vez que influenciará diretamente nas ideologias e no comportamento dos sujeitos ali inseridos.

Apesar de a discussão sobre o jovem escolar do campo ainda aparecer de maneira tímida nas análises geográficas, é importante dizer que são tentativas de se superar alguns impasses encontrados por professores diante de parte dos alunos, que vive em uma realidade complexa e em contextos variados. Concordamos com Cavalcanti (2012), quando afirma que os jovens necessitam reconhecer os vínculos de sua espacialidade e de sua cultura com o currículo escolar, com os conteúdos das disciplinas e com o cotidiano escolar. No entanto, entendemos que para que isso ocorra é necessário também conhecer esses alunos e saber em quais condições desenvolvem sua juventude<sup>5</sup>. Esse fato será discutido na próxima seção desse

---

<sup>5</sup> Assim como Pais (2003) e Pires (2013), entendemos que o conceito de juventude não está ligado diretamente à idade que o sujeito possui, mas também não quer dizer que não exista uma “âncora corpórea” uma vez que “[...] É por meio do corpo que os jovens se experienciam e experimentam o mundo social como indivíduos singulares e, com base nos signos, nos elementos visuais, movimentos e sensações, em que se misturam prazeres e riscos, que a sociedade se apropria e categoriza os sujeitos como ‘jovens’.” (PIRES, p.91). Desse modo, mesmo se casados e com filhos podem ser considerados jovens; haja vista não existir “idades certas” para que isso aconteça.

capítulo, em que nos voltamos às indagações sobre o que é ser jovem no Brasil, como os jovens podem exercer suas condições juvenis e quais influências sofrem e emitem no espaço em que se inserem.

## **1.2 Jovens e educação: elementos de uma realidade complexa**

O jovem tem chamado a atenção de inúmeros estudos no Brasil e em outras partes do mundo. Tais estudos, de acordo com Guimarães e Silva Jr. (2012), expressam na maioria das vezes a necessidade de se ampliar a investigação no sentido de se compreender os complexos processos que envolvem os jovens no mundo contemporâneo e de criar mecanismos para intervir nos moldes perversos da sociedade que resultam na exclusão juvenil. Por isso, quando estudados, os segmentos juvenis são diferenciados por critérios relacionados a território, gênero, etnia, classe social e a outros elementos que nos levam a pensar sobre a juventude e seus diferentes modos de vivência.

Com textos que remontam ao início do século XX, como demonstram Castro et al. (2009), em mapeamento feito com relação às diferentes análises da juventude, no Brasil, o estudo dessa temática se torna mais evidente a partir da década de 1990. Inicialmente, com uma abordagem ligada ao discurso de que a juventude é um período de transição para a vida adulta, o jovem durante um bom tempo foi estudado a partir de seus aspectos biológicos associados a comportamentos psicológicos e sociais. Como reflexo dessa análise, a classificação etária foi muito recorrente na definição do que é ser jovem e do que é juventude.

O corte etário de 15 a 24 anos adotado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), com a finalidade de homogeneizar o conceito de juventude e estabelecer limites mínimos e máximos de idade para entrada no mundo do trabalho e término da escolarização formal, foi utilizado por um bom tempo em estudos que visavam identificar os jovens como sujeitos. Essa abordagem, de acordo com Dayrell (2003), trouxe limitações ao entendimento da categoria por um longo período, pois privilegiava a característica de transitoriedade e de pessoas incompletas e sem vivência que precisavam ser reguladas e encaminhadas.

Ao entender que a juventude não poderia ser definida com atributos específicos e tampouco com apenas uma palavra, como defendido por Bourdieu (1983), o debate no Brasil, a partir da década de 1990, passou a trazer um olhar para a diversidade, para além dos recortes etários. A partir de então, foi preciso refletir sobre a juventude e suas associações com a educação e o lazer, abordagem que, segundo Abramo (1997), colocaria o tema, ainda

abordado de maneira periférica, nos estudos sociais, em posição de destaque nas ações governamentais e nos estudos acadêmicos.

Analisar a juventude com base nesse novo olhar tornava possível entendê-la a partir de sua estruturação social e, conseqüentemente, discuti-la quanto às suas diferenças e transformações. O jovem, nas palavras de Paula (2013), passava a ser visto com diferentes olhares e, conseqüentemente, associado a diferentes imagens – inicialmente de revolucionário e contestador – que iam se modificando de acordo com o contexto em que se inseria na sociedade. Essas associações foram dominantes até o momento em que, consoante a autora, esse segmento passou a ser visto pelo capital como um mercado em potencial e intitulado pela mídia como indivíduos alienados e consumistas. Ao se apropriarem das culturas juvenis, mídia e mercado se dedicaram a criar imagens desejadas de jovem que, a partir de então, deveria estar em uma fase da vida dedicada à falta de grandes preocupações típicas da vida adulta. Desse modo, como afirma Paula (2013, p. 73), “ser jovem implicava vestir-se, ouvir músicas, andar, falar e consumir de forma diferenciada dos adultos”.

Nesse momento, as diferentes juventudes e seus problemas sociais eram desconsiderados pela mídia, uma vez que se esquecia dos jovens pobres e trabalhadores que experienciavam realidades distintas daquelas pertencentes às classes sociais mais elevadas. Esses jovens pobres sentiam na pele os problemas enfrentados pela sociedade – a luta pelo direito à terra, educação, trabalho e lazer, e o preconceito e discriminação de classe, raça e gênero – e ainda vivenciavam as dificuldades de projetar o futuro. Em contrapartida, estudos sociais preocupados com o agravamento dos problemas sociais e econômicos que atingiam diretamente os jovens de classes populares, segundo Abramo (1997), passaram a se dedicar, a dar maior visibilidade e a analisar suas produções culturais e problemas sociais.

Conforme assinala Paula (2013), com uma análise mais pluralista, passava-se a buscar um entendimento do jovem em suas diferentes faces: o estudante, o trabalhador, o consumidor, enfim, o sujeito social. A abordagem que procuramos utilizar nessa pesquisa é feita também por diferentes pesquisadores como Dayrell (1996, 2003, 2007), Cardoso e Turra Neto (2011), Chaveiro (2011), Guimarães e Silva Jr. (2012), Paula (2013), Pires (2013), que optaram por debruçar-se sobre o tema, a fim de compreender os sujeitos e conseqüentemente suas manifestações resultantes das culturas juvenis. Portanto, entende-se o jovem enquanto sujeito social que, segundo Dayrell (2003), é o ser humano, com sua historicidade, portador de desejos, que interpreta o mundo e lhe dá sentidos, sentidos esses que são produzidos em suas relações e experiências de vida. Enfim, os jovens “são seres humanos, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se, possuem desejos e propostas de melhoria de vida” (DAYRELL, 2003, p. 43). E isso não se

resume a um grupo de um determinado lugar, circunscrito em um espaço delimitado, mas são condições comuns a todos, que estão em todos os lugares. São condições e sonhos que mantêm laços estreitos com todos os sujeitos nos mais diversos lugares sociais.

Entendemos que não há um único modo de ser jovem, uma vez que este é influenciado por suas experiências, história e práticas espaciais. Todavia, ser jovem também está ligado a essas influências, as quais permitirão ao indivíduo exercer sua juventude de um modo ou outro. O jovem do campo que desde cedo se defronta com questões ligadas às dificuldades de acesso a terra, às expectativas em relação à produção familiar e ao esforço nas atividades agrícolas, por exemplo, tem marcas em sua forma de pensar e agir diferentes daquelas do jovem que mora na periferia urbana. Este não foge à regra e, também, desde cedo, defronta-se com questões que o forcem a procurar diferentes formas de se posicionar e refletir sobre sua condição juvenil. Ambos, por sua vez, posicionam-se diferentemente daqueles que têm maior poder aquisitivo, que vivenciam uma juventude plenamente voltada aos estudos – visando principalmente à futura atuação na “vida adulta” – e ao exercício de sua condição juvenil. Essas diversidades são reforçadas quando analisadas sob uma perspectiva ligada à educação.

Há um direito de todos que deve ser preservado e lembrado, ele está previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas e Constituição Federal do Brasil de 1988, cujo Art. 205 prevê a educação como um direito de todos e dever do estado e da família, para o desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania. Até meados da década de 1980, segundo Gritti (2003), a educação não era pensada e direcionada para todos. A educação não deve se resumir na mera transmissão de informações, mas deve desenvolver e formar a pessoa para integrá-la a uma cultura, a uma tradição e a estilos de vida de uma sociedade – conhecimentos adquiridos nos vários espaços frequentados pelo indivíduo. Contudo, sabemos que, por muito tempo, as análises voltadas à educação estiveram presas a sua relação com a escola. Entendemos a escola como um dos espaços responsáveis por essa educação e, por isso, também é analisada nessa pesquisa.

Por muito tempo, a escola foi marcada pela dicotomia criada pelo confronto de interesses: de um lado estava o olhar oficial que lhe atribuía como tarefa central a transmissão do conteúdo e, do outro lado, estavam os sujeitos envolvidos a quem era reconhecida a importância frente ao processo de construção social. Segundo Dayrell (1996), ela é vista pelos dois grupos como uma instituição única, com sentidos e objetivos comuns: o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente acumulados pela sociedade e materializados nos programas e livros didáticos. Nessa lógica, ensinar tornou-se transmissão e acumulação de conhecimento, sendo assim, “[...] não faz sentido estabelecer relações entre o vivenciado pelos alunos e o conhecimento escolar” (DAYRELL, *ibid.*, p. 139).

Com uma homogeneidade de estratégias e propostas educativas, o processo de ensino/aprendizagem passou a desconsiderar idade, origem social e experiências vivenciadas. Desse modo, ficou comum o professor ministrar aulas em diferentes turmas com o mesmo conteúdo, recursos e ritmos e reduzir a diversidade real dos alunos apreendida na ótica cognitiva ou na do comportamento (DAYRELL, *ibid.*). Esse discurso, segundo o autor, expressa a forma de conceber a educação que, de maneira reduzida a uma instrução centrada na transmissão de informações, acaba consagrando desigualdades e injustiças sociais já trazidas nas histórias dos alunos.

Conforme afirma Sacristán (1994 apud DAYRELL, 1996, p. 141),

o mundo real não é um contexto fixo, não é só nem principalmente o universo físico. O mundo que rodeia o desenvolvimento do aluno é hoje, mais do que nunca, uma clara construção social onde pessoas, objetos, espaços e criações culturais, políticas ou sociais adquirem sentido peculiar, em virtude das coordenadas sociais e históricas que determinam sua configuração. Há múltiplas realidades como há múltiplas formas de viver e dar sentido à vida.

Desse modo, o indivíduo constrói-se enquanto ser humano no decorrer de suas experiências com o mundo e consigo mesmo. Os jovens envolvidos nesse processo de educação, com suas experiências, formarão diferentes sujeitos sociais, influenciados, nas considerações de Dayrell (1996), por sua raça, gênero e qualificação profissional.

É possível perceber que é na escola que os jovens muitas vezes se identificam pelas formas de vivenciar e interpretar as relações e contradições na sociedade; e produzem uma cultura própria – com estilos, representações, símbolos e espaços próprios – que os distinguem da cultura adulta e lhes garantem uma condição juvenil. Essa cultura, segundo Dayrell (2007), refere-se tanto à fase da vida e suas representações sociais, quanto ao modo como essa condição é vivida e influenciada pelo gênero, religião, etnia ou condições financeiras. Nesse sentido, concordamos com o autor que, ao refletir sobre a socialização juvenil e sua relação com a escola, evidencia a necessidade de nos questionarmos “em que medida a escola ‘faz’ a juventude, privilegiando a reflexão sobre as tensões e ambiguidades vivenciadas pelo jovem, ao se constituir como aluno num cotidiano escolar que não leva em conta a sua condição juvenil” (DAYRELL, 2007, p. 1107).

Conforme Chaveiro (2011, p. 181)

Quando se fala em jovem aluno, trata-se de tocar um corpo sensível atravessado por diferentes signos. Filho de densas trajetórias sociais e históricas, mas herdeiro também de conquistas nos planos dos direitos, a sua participação no mundo é tensionada pelo chamamento ao consumo, pela ameaça da violência simbólica e pela dificuldade em estruturar o ego e suas condições de reprodução da vida, como também por uma maior autonomia relativa à visão de mundo, à construção de sua

corporeidade etc. Em outros termos, o jovem aluno insere-se num espaço complexo ameaçado pelo desemprego estrutural, pelas recorrentes – e torrentes – crises da economia mundial, pela ideologia consumista, sexista, etc, e concretiza a sua sociabilidade por meio de redes sociais que refazem o plano de seu cotidiano, de seu contato com o Outro, de seu mundo mental, sua percepção e, especialmente, por um processo vertiginoso de desenraizamento de tradições, de valores e gostos.

São indivíduos que se encontram em um período de alta sociabilidade que, segundo Dayrell (2007), ocorre tanto nos períodos de folga quanto dentro da escola e do trabalho, demonstram a partir de suas práticas espaciais sua necessidade de comunicação e atribuição de sentidos próprios aos lugares que lhes servem de suporte às suas relações sociais. Com suas experiências, eles chegam às escolas e tornam esse espaço dinâmico, reelaborado e cheio de símbolos que, em suas contradições, personifica diferentes grupos sociais e expressam múltiplas falas. Ao observarmos essas relações sociais, percebemos que a educação vai além dos muros da escola. Portanto, ocorrem nos mais complexos processos de experiências e relações materiais e/ou simbólicas da sociedade.

Assim como o espaço geográfico que, de acordo com Castro (2011, p. 139), “é intrinsecamente político, ou seja, ele é uma arena de conflitos e, conseqüentemente, de normas para a regulação que permite o seu controle”, o espaço escolar não é construído ou ocupado de forma neutra<sup>6</sup>. Ao considerarmos como um espaço de formação ampla e não apenas para transmissão de conteúdos, como propõe Dayrell (1996), a escola passa a ser um lugar de ampliação de experiências e com função social na formação de cidadãos. Conforme expressa o autor, essa é uma implicação que desafia o professor a repensar seus instrumentos metodológicos e aprimoramento do seu olhar sobre o aluno, desafio que é necessário para deslocar o centro da escola para o aluno, que se apresenta em sua especificidade enquanto criança, adolescente, jovem ou adulto.

Ao pensarmos o contexto social em que os alunos, escola e educação estão inseridos e as diferenças entre a inserção dos jovens urbanos e rurais nos segmentos escolares, podemos perceber uma diversidade cultural e distintas articulações cognitivas que resultam em novas escalas de valores e particularidades geográficas. Pensando nisso, Dayrell (1996) destaca a importância de o professor conectar conteúdo e realidade a partir do exercício de abstração, questionamento e articulação entre os fatos. Esse exercício é proposto também por Cavalcanti (2011), quando destaca a importância de o ensino de Geografia considerar esse novo contexto social e identificar a Geografia praticada pelo jovem em sua vida cotidiana e em suas relações com a escola.

---

<sup>6</sup> Para Dayrell (1996), a arquitetura e a ocupação da escola são pensadas desde a forma de construção até a localização dos espaços, segundo princípios racionais que expressam uma expectativa de comportamento dos seus usuários. Nesse sentido, a arquitetura da escola interfere desde a circulação das pessoas até a definição das funções para cada local, mas que ao ser apropriado pelos alunos recebe novos sentidos e formas de sociabilidade.

Ao observar o jovem interagindo com o espaço e construindo sua rede de sociabilidade, a Geografia pode trazer importantes contribuições também para a compreensão de novas relações espaciais que vão surgindo, e atingindo fortemente esse grupo que transita pelos distintos contextos da sociedade. Como é o caso dos jovens que vivem em uma zona de intersecção entre o campo e a cidade, que se espacializam em uma nova realidade e, conseqüentemente, têm seus hábitos, culturas, comportamentos, cotidiano e manias reorganizados na coletividade. Nessas circunstâncias, vemos a importância de realizarmos uma breve discussão de como o ensino de Geografia pode contribuir para o desenvolvimento desses jovens. Desse modo, na próxima sessão, atemo-nos à apresentação de uma reflexão sobre o assunto, onde procuramos focar a importância do ensino de Geografia comunicar com o lugar de vivência do aluno.

### **1.3 Ensino de Geografia e o jovem do campo**

A Geografia, ciência que estuda o espaço e as transformações a partir do trabalho do homem e de sua evolução, há algum tempo vem considerando o espaço rural como um produto das ações humanas e resultado de construções sociopolíticas. Nessa perspectiva, o ensino de Geografia tem buscado cada dia mais se desenvolver por meio de dispositivos didáticos que permitem ao aluno entender o espaço estudado em suas múltiplas dimensões, sejam elas social, econômica, política e/ ou territorial (PORTUGAL e SOUZA, 2013).

Muito se tem discutido sobre a importância de o ensino de Geografia contribuir para a construção de um olhar mais atento para as transformações que ocorrem no espaço e para a necessidade de se formar indivíduos capazes de atuar de maneira crítica e reflexiva na sociedade. Essa formação, defendida por Cavalcanti (1998, 2002), Callai (2000), Kaercher (2003) e Castellar, Moraes e Sacramento (2011), há muito tempo veio se tornando um dos focos centrais das discussões relacionadas aos desafios de se ensinar Geografia. Essas discussões comungam com a inovação no ensino, são relevantes contribuições no campo da ciência que também nos instigam a pensar o ensino de Geografia para além da sala de aula e a realizar um trabalho com a disciplina de forma a sair da pura descrição de paisagens.

Diante das constantes transformações na ciência e nas formas de se olhar seu ensino na Educação Básica, a Geografia foi se estruturando como disciplina. Nesse sentido, após analisar os processos históricos pelos quais veio passando o ensino de Geografia, é possível

observar a transição de “uma disciplina que se estruturava na dicotomia entre o físico e o humano, que passou para a construção de um olhar mais integrado e sistêmico das relações sociedade-natureza” (RICHTER, 2011, p. 100).

Com a proposta de considerar o cotidiano do estudante como ponto fundamental para se entender os diferentes fenômenos que o envolve, Cavalcanti (2002) afirma que, assim, a Geografia tem a oportunidade de promover uma ajuda pedagógica na construção do raciocínio do aluno. Essa ajuda seria possível, principalmente, por estar associada à atribuição de sentido àquilo que é discutido em sala de aula. Desse modo, levar em consideração os jovens alunos do campo e seu cotidiano na contextualização do conteúdo possibilita ao professor de Geografia a valorização de saberes socialmente construídos e da história de vida daqueles sujeitos camponeses.

Ao pensarmos essa prática pedagógica, vemos a importância de o professor de Geografia analisar anteriormente quais conceitos, habilidades e atitudes são pertinentes à aprendizagem significativa do aluno, como propõem Castellar, Moraes e Sacramento (2011). De acordo com as autoras, o ensino é uma prática que deve levar em consideração o fato de a escola ser um espaço de encontros de cultura, saberes científicos e cotidianos; e que a Geografia é uma das mediações através das quais esses encontros se dão. Assim, a opção de se trabalhar com os conceitos geográficos – como espaço geográfico, região, território, lugar e paisagem –, integrados a uma linguagem capaz de demonstrar as diferentes realidades existentes, cada dia mais reforça a possibilidade de comunicação do conteúdo com o espaço de vivência.

Cavalcanti (1998), ao discutir a importância de se trabalhar os conceitos geográficos com os estudantes da Educação Básica, propõe um estudo a partir do lugar, conceito geográfico que, segundo a autora, é capaz de proporcionar uma discussão do espaço de vivência e uma reflexão do mundo. Esse caminho também foi escolhido por outros estudiosos que destacam o lugar como principal referência para o ensino de Geografia.

Callai (2011, p. 17) segue essa mesma vertente investigativa e aponta a importância do ensino de Geografia partir de uma reflexão do lugar e, afirma que

Este é um conceito que oportuniza a realização da análise geográfica ao ser trabalhado na perspectiva da escala social de análise. Neste entendimento, o conceito de *lugar* interessa porque se expressa como a possibilidade de entender o mundo.

Contudo, assim como Richter (2011), acreditamos que desenvolver atividades didático-pedagógicas que incluam o lugar como espaço de análise e processo de interpretação dos diferentes fenômenos sociais e naturais não significa apenas realizar um trabalho docente

coerente com as orientações pedagógicas. Significa compreender o lugar como espaço de vivência dos homens que, devido à sua evidência, é onde os indivíduos têm a possibilidade de tornar reais suas decisões e ações.

Nesse sentido, conforme afirma Callai (2011, p. 15) em suas reflexões sobre a busca pelo fazer a educação geográfica, entendemos que

[...] fazer a educação geográfica requer o esforço de superar o simples ensinar Geografia “passando os conteúdos”, e procurar com que os alunos consigam fazer as suas aprendizagens tornando significativos para as suas vidas estes mesmos conteúdos. [...] a Geografia escolar se constitui como um componente do currículo na educação básica, e seu ensino se caracteriza pela possibilidade de que os estudantes reconheçam a sua identidade e o seu pertencimento a um mundo em que a homogeneidade apresentada pelos processos de globalização trata de tornar tudo igual. É, portanto, um componente curricular que procura construir as ferramentas teóricas para entender o mundo e para as pessoas se entenderem como sujeitos nesse mundo, reconhecendo a espacialidade dos fenômenos sociais.

Com isso, acreditamos na necessidade de reconhecer o contexto em que se faz o ensino de Geografia. Cavalcanti (2011) destaca a importância de o ensino atentar para as diferentes experiências espaciais, os diferentes imaginários geográficos e os diferentes lugares vivenciados pelos alunos que podem advir de fatores, como: classe social, espaço de vivência, gênero, idade, etnia e religião, aspectos que dialogam diretamente com os interesses e possibilidades de reflexão proposta pela Geografia. Assim, pensar o jovem do campo em suas diferentes experiências espaciais, imaginários geográficos e lugares vivenciados, como propõe a autora, é uma importante contribuição para a valorização de sua identidade territorial camponesa e compreensão do espaço geográfico. Em outras palavras, rompe-se com dualidades na análise geográfica e enfatiza-se a compreensão do espaço a partir de uma análise totalizante que inclui campo e cidade.

O jovem do campo, ao ter a possibilidade de intercâmbio de informações com o confronto entre a dimensão do seu espaço vivido e a dimensão da Geografia científica, tem a possibilidade de reelaborar e compreender melhor aquilo que vive, de refletir os territórios compartilhados e compreender suas realidades, seus sentidos e significados. De acordo com Cavalcanti (2008), é isso que torna o ensino de Geografia mais significativo e o aluno mais interessado pelas atividades escolares. Ainda sobre esse assunto, a autora ressalta que

[...] a tarefa da escola é justamente propiciar elementos, por meio do ensino de diferentes conteúdos, especialmente os de Geografia, para que os alunos possam fazer um elo entre o que acontece no lugar em que vivem, na sua vida, no seu cotidiano, e o que acontece em outros lugares do mundo, trabalhando assim com superposições de escalas de análise, local e global. (CAVALCANTI, 2008, p. 143).

Desse modo, o jovem do campo que vivencia um espaço físico diferenciado daquele comum às cidades tem a possibilidade de discutir questões ligadas às relações campo-cidade, que é, ainda hoje, objeto de debate entre diferentes estudiosos do mundo rural. Além de se articular melhor nos lugares socialmente determinados a ele, e transformados pelas desigualdades sociais e econômicas que marcam o campo brasileiro, o jovem do campo que estuda na cidade acaba operando como sujeito dessa realidade.

Como a ideia de campo e cidade incorporada no indivíduo se manifesta por meio dos atos e a partir das práticas sociais, consoante atesta Abramo (2005), são inúmeras as manifestações que envolvem esse jovem na atualidade. Por isso, afirmamos que ainda são necessários maiores estudos que discutam o campo e o jovem inserido nele. Estudos com esse propósito podem contribuir para ampliar a visão do jovem enquanto sujeito que fica envolvido exclusivamente com seu trabalho com a terra, estando, assim, distante da cidade. O jovem contemporâneo se locomove com maior facilidade e, também, desenvolve seus conceitos e sua espacialidade.

Com base nessa discussão e a fim de promover uma maior reflexão sobre o jovem do campo e perscrutá-lo a partir de suas diferentes experiências juvenis, experienciadas em um cenário rural e/ou urbano – reflexão comum a outras ciências, principalmente, às Ciências Sociais e Educação – o segundo capítulo tratará desse jovem do campo contemporâneo. Trazendo também um olhar para como a temática veio aparecendo em diferentes estudos acadêmicos.

## CAPITULO 2

### O JOVEM DO CAMPO: UMA FACETA DA(S) JUVENTUDE(S) CONTEMPORÂNEAS

*Minha dor é perceber  
Que apesar de termos  
Feito tudo, tudo, tudo  
Tudo o que fizemos  
Ainda somos os mesmos  
E vivemos  
Ainda somos os mesmos  
E vivemos  
Como Os Nossos Pais...*

(BELCHIOR, 1976)

Nesse capítulo, realizamos uma breve análise do jovem do campo, observando como veio se constituindo como objeto de análise científica e social e como este vem se posicionando frente ao cenário rural. Para avançar na discussão sobre o jovem do campo, optamos por iniciar a discussão a partir de uma reflexão sobre o rural e o urbano e as relações entre campo e cidade. Atemo-nos à apresentação de breves apontamentos sobre o assunto e procuramos dar maior ênfase à relação entre campo e cidade na Região Metropolitana de Goiânia, que incide diretamente na realidade dos jovens analisados nesta pesquisa. Seguimos com um histórico onde procuramos demonstrar como a temática veio aparecendo em diferentes estudos acadêmicos desde o século XX, apontando as diferentes formas como o jovem do campo era encarado – cientificamente e socialmente – e como foi se constituindo em objeto de análise de distintas pesquisas. Dados os distintos aspectos que marcam o jovem do campo e configuram suas práticas espaciais e redes de sociabilidades, procuramos também discutir quem é o jovem que vive no campo e quais são seus conflitos na contemporaneidade.

## **2.1 Breves considerações sobre o rural e o urbano e a relação campo e cidade**

De acordo com o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre a situação da população mundial, publicado em 2011, cerca de uma em cada duas pessoas vive em cidades, e em aproximadamente 35 anos duas entre três o farão (ONU, 2011). No Brasil, desde a década de 1970, quando foi diagnosticado estatisticamente que a maior parte da população passou a morar em cidades, estudos relacionados a esse movimento populacional foram intensificados. Debates a respeito foram se estruturando e os termos “rural” e “urbano” foram sendo incorporados com grande frequência às discussões acadêmicas e de gestão e planejamento territorial.

De acordo com Endlich (2010), discussões relacionadas ao rural e urbano foram muito difundidas no século XX, muitas com um olhar fortemente direcionado às limitações territoriais, que contribuíram para a adjetivação dos termos rural e urbano ligados ao campo e à cidade, respectivamente, e para o estabelecimento arbitrário de limites entre um e outro. Dessa forma, rural e urbano, na maioria das vezes, eram tratados como formas concretas e como parte dos espaços produzidos pela sociedade; esquecendo-se que estes ultrapassam essa relação de oposição entre campo e cidade.

Para Lefebvre (1978), ao utilizarmos a concepção de rural e urbano, precisamos considerar que é o contexto socioespacial que diferencia esses espaços e não somente sua função. Ao abordá-los unicamente pelo aspecto do funcionalismo e reduzi-los à análise numérica, podemos mascarar elementos essenciais da vida urbana e/ou rural e, conseqüentemente, perdermos a noção de sua complexidade e seus processos na totalidade.

O rural e o urbano, então, não podem ser somente encarados como espaços ou propriedades empiricamente observadas, mas como resultado das relações sociais, que contemplam cultura, hábitos, economia e costumes. Em outras palavras, podemos ter o rural e o urbano em um lugar e não um lugar rural ou urbano. Saindo das interpretações que colocam esses espaços em contraposição, com características próprias e isoladas, somos capazes de ver o rural e o urbano em um contexto histórico-espacial que vai além das interpretações puramente econômicas.

Sabemos que, com o processo de urbanização, o campo e a cidade sofreram significativas transformações que, de acordo com Spósito (2010), estavam ligadas principalmente ao acelerado crescimento do número de cidades e da quantidade de pessoas

que passavam a viver nelas. Com novas lógicas sociais e de apropriação do espaço, campo e cidade foram assumindo novos hábitos, sociabilidades, ritmos e relações de trabalho que os diferenciavam e, ao mesmo tempo, os colocavam como complementares a partir das diferenças. Na visão da autora, era possível ver o cotidiano ser construído a partir de um tempo mecânico, seguindo a velocidade da mobilidade dos processos de produção, circulação, troca e consumo.

A terra, que era vista anteriormente como fonte de sobrevivência e que tinha relação direta com o trabalho, passava a ser vista mais como suporte para as diferentes atividades e edificações que viriam a se fixar nas cidades. Com seu conjunto de apropriações e combinações sempre dinâmicas, a cidade podia “ser lida como morfologia material, uma realidade presente, imediata, um dado prático-sensível, arquitetônico” (LEFEBVRE, 1991, p. 49).

Com elevados índices demográficos e com suas diferentes lógicas econômicas e sociais, a cidade passou a ser associada à imagem do desenvolvimento, da modernização, do território das tecnologias e de infraestrutura básica, como água, luz, esgoto, hospitais, escolas, além da integração comercial. Imagem que surgia em contraposição aos hábitos, à cultura e à precariedade das condições de vida do sujeito no campo que, pela ausência de políticas públicas voltadas ao fortalecimento do território camponês, principalmente no século XX, era fortemente influenciado pela supervalorização da vida na cidade.

Em Goiás, segundo Chaul e Silva (2004), as cidades geralmente tinham seu início a partir da construção de uma casa ou outra, ou de uma fazenda que, ao ceder terra para a construção de uma capela e uma praça, promovia novas povoações. Eram cidades que surgiam sob forte influência do modelo socioeconômico vigente na época. No início, eram as cidades formadas pela exploração do ouro, depois vieram cidades oriundas da atividade agropecuária e, em tempos mais recentes, surgiram as cidades planejadas, como é o caso de Brasília e Goiânia. Esse modelo de formação de cidades, segundo Suzuki (2007), não foi muito diferente em outras regiões do Brasil. Como o país sempre teve fortemente características agrárias, os arraiais, as vilas e as cidades apresentavam-se como formas de promover a ocupação do território nacional.

A população atraída pelo ambiente urbano, onde aconteciam as relações políticas, as concentrações demográficas e as articulações de valores culturais, passou a ocupar diferentes polos dinâmicos urbanos construídos por meio dos esforços oficiais no Brasil. A cidade de Goiânia, segundo Estevam (2004), é um exemplo dessas construções administrativas erguidas com uma de suas finalidades: promover novas formas de ocupação do território.

Edificada na década de 1930, para ser a nova capital do estado de Goiás, Goiânia lidou com diferentes fluxos migratórios que resultaram em significativas transformações em seu espaço urbano e no seu entorno. Portanto, em função da nova capital, novos municípios surgiram, os vizinhos se desdobraram (como é o caso de Anápolis e Trindade), houve a expansão das estradas, dos modelos de produção, transporte, infraestrutura e comunicação. Conseqüentemente, houve uma progressiva redução da população do campo. A redução da população no campo, nesse período, era um fato comum ao território nacional, que tinha o aumento significativo no número de pessoas que passavam a morar em áreas urbanas (ARRAIS, 2004). Para uma melhor visualização desse fluxo migratório, optamos por lançar os dados do Censo Demográfico no Gráfico 1, onde é possível acompanhar a taxa de urbanização no Brasil e no estado de Goiás desde a década de 1940 até 2010..

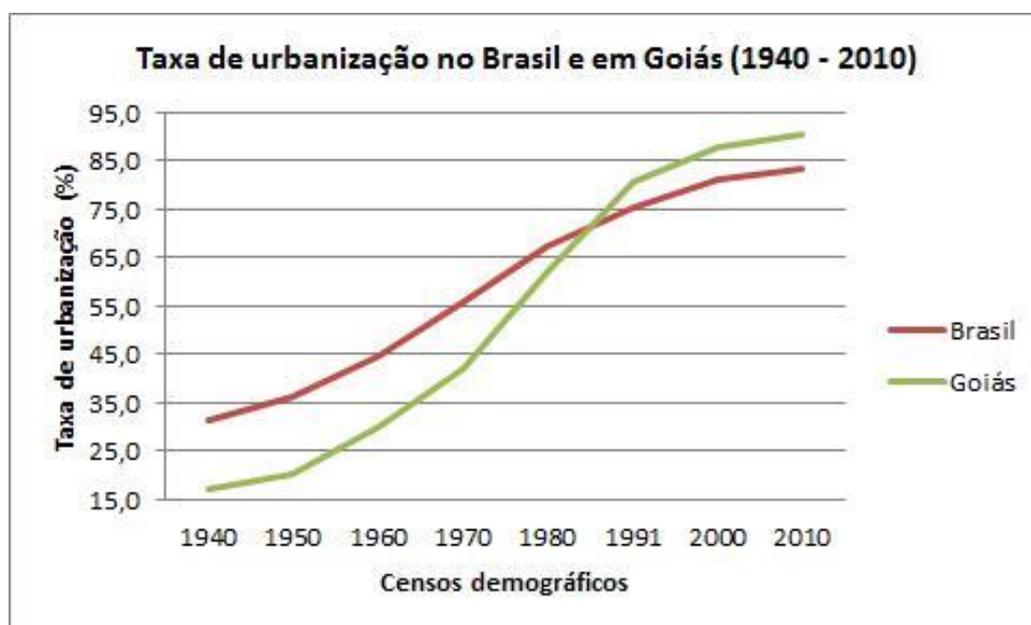


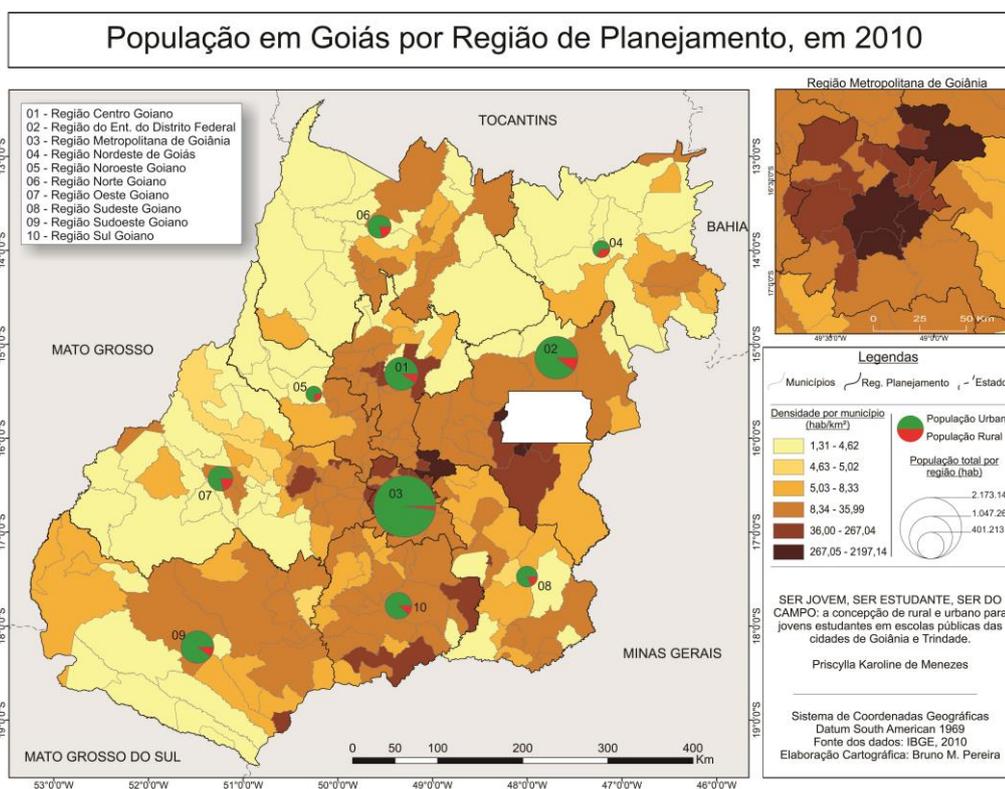
Gráfico 1 – Taxa de urbanização no Brasil e em Goiás (1940 - 2010)  
Fonte: IBGE, Censo demográfico 1940-2010.

Na tentativa de quantificar a população brasileira quanto ao seu lugar de residência, o Censo demográfico, ao trabalhar com a taxa de urbanização, demonstrou também o alto fluxo migratório do campo para a cidade. Esse fluxo, conforme o Gráfico 1, veio se acentuando desde a década de 1940 até 2010, tanto em nível nacional quanto em nível estadual. No caso específico de Goiás que, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresentou no Censo 2010 uma população 90,20% em área urbana<sup>7</sup> – superior ao

<sup>7</sup> Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, é considerada área urbana toda aquela que apresentar ao menos dois tipos de infraestrutura básica, como estabelece a Constituição Federal de 1988 em seu Art. 32: “[...] meio fio ou calçamento, canalização de águas pluviais, sistema de abastecimento de água e esgoto sanitário, iluminação pública, entre outros”.

valor nacional 83,46% –, acreditamos que o aumento na taxa de urbanização esteja relacionado à construção de Goiânia, à estruturação das cidades nos demais municípios do estado e à redução no número de postos de trabalho no campo.

A respeito das variações demográficas em Goiás, Chaveiro, Calaça e Rezende (2009) afirmam que essas variações estão relacionadas às funções desempenhadas pelos municípios e suas transformações territoriais. Para compreender as relações demográficas com as transformações territoriais do estado, os autores propõem olhar Goiás em dois períodos: de 1930 a 1970 e de 1970 a 2000. O primeiro período é visto como importante pelos autores, por se referir ao período das políticas expansionistas, momento em que acontecia a Marcha para o Oeste e, principalmente, era construída a nova capital do estado – Goiânia. Já o segundo período é visto como importante pelos autores, por se referir a “um outro Goiás”, como assinalam Chaveiro, Calaça e Rezende (Ibid, p. 18). É nesse momento que se consolida uma infraestrutura no estado – energia elétrica, rodovias – a economia é modernizada e passa a se articular com a economia nacional e internacional, e ainda sofre influências da construção de Brasília. Desse modo, as modernizações ocorridas no espaço e no tempo resultaram na alteração dos modos de vida e dos seus arranjos espaciais, refletidos na atual distribuição populacional do estado que, como demonstrado no Mapa 1, tem maior concentração em áreas urbanas que rurais.



Mapa 1 – População em Goiás, 2010.  
Fonte: IBGE – Censo demográfico de 2010

Com uma grande oferta de trabalho e bens de serviços nas cidades, e um acelerado processo de modernização agrícola em Goiás, houve uma concentração da população goiana em áreas urbanas a partir da década de 1970, distribuídas entre aglomerados, cidades, vilas e povoados – resultado de um espantoso crescimento da população urbana e redução dos residentes no campo. Influenciada pela industrialização do estado e, segundo Arrais (2004), pela não adequação ao novo modelo de produção, a população goiana proporcionou a partir da década de 1970 altas taxas de densidades demográficas. Isso ocorreu, de acordo com Censo 2010, principalmente, nas cidades próximas a Goiânia e a Brasília, que atingiram a marca de 98% de sua população residindo em área urbana.

Desse modo, no território goiano, loteamentos passavam a expulsar roças e matos, e a quebrar a ordem dos campos. Proprietários de terras, antes ocupadas por lavouras e pecuária, passaram a fragmentar suas terras e a transformar áreas rurais em urbanas, acumulando em seus espaços diferentes atividades econômicas e sociais.

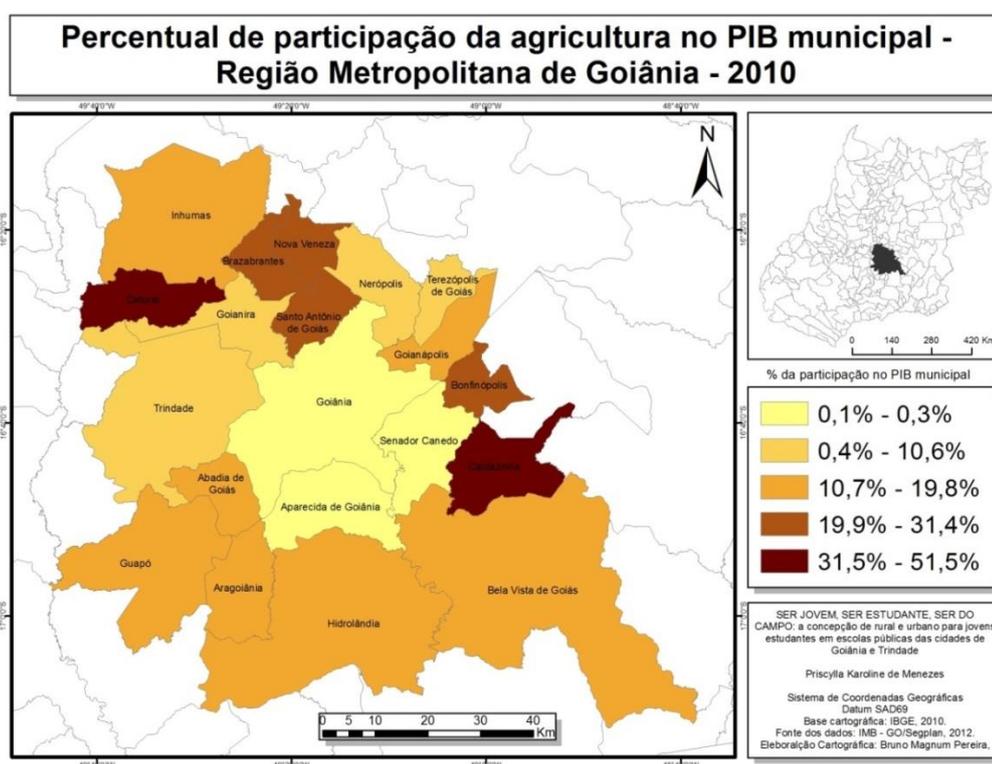
Moysés (2005), ao estudar o processo de transformação de terras rurais em terras urbanas a partir do parcelamento da terra, constatou uma lucrativa valorização do metro quadrado, o que, segundo o autor, estimulava a ação entre os proprietários de terra. Ao trazermos os valores para uma análise na contemporaneidade, como propõe Moysés (2005), e usarmos o exemplo de Goiânia em tempos mais recentes – início da década de 2000 – vemos o alqueire goiano que era comercializado em torno de R\$ 250.000 (duzentos e cinquenta mil reais) ser incorporado à área urbana e parcelado, e ter seu valor aumentado em até seis vezes.

Como resultado dos contínuos processos de expansão urbana, o campo e a cidade estreitaram significativamente as fronteiras entre seus territórios. Spósito (2010), ao discutir os processos que resultavam na aproximação entre cidade e campo, afirmou se tratar da alteração morfológica da cidade, que passou a ser “levada” para onde fosse conveniente e houvesse espaços produtivos. Assim, a partir dos loteamentos próximos ao campo, a cidade passou a se organizar em novas paisagens e a adequar suas práticas socioespaciais aos interesses políticos e econômicos do lugar, relacionando tempo e lógica capitalista. Desse modo, apesar de há muito tempo serem entendidos, pelos discursos acadêmicos, como complementares quanto aos seus fluxos de informações, mercadorias e capital, cidade e campo começaram a vivenciar suas populações em um mesmo contexto.

Como o campo e a cidade foram cada vez mais se aproximando e, conforme destaca Pessoa (2007), uma grande quantidade de pessoas passou a viver numa zona de intersecção entre o rural e o urbano das grandes e médias cidades. Os hábitos, culturas e comportamento cotidianos passaram a ser reorganizados de acordo com a nova realidade. Os espaços e suas funções assimilaram nova racionalidade técnica e variaram de acordo com suas regiões. Desse

modo, a relação campo-cidade em Goiás se apresentou de diferentes formas, influenciada principalmente pelo modelo de modernização introduzido.

O espaço rural da Região Metropolitana de Goiânia, por exemplo, diferente de outras regiões do estado, tem a população camponesa vivendo principalmente nas pequenas propriedades<sup>8</sup>, e mantém fortes ligações com a cidade, como afirmaram Chaveiro, Calaça e Rezende (2009), após um levantamento sócio econômico na região. Estando o rural em meio ao urbano, a tradição camponesa é inserida no contexto da cidade e exige novas interpretações. Com mais de um terço da população goiana, conforme Censo 2010, a Região Metropolitana de Goiânia atualmente não é uma região com elevados níveis de produção agropecuária, mas é interessante perceber que ainda apresenta municípios que se destacam na produção agrícola e têm na atividade significativa participação no Produto Interno Bruto (PIB) do município. Esse é o caso do alho em Nerópolis, do tomate em Goianápolis e do rebanho bovino de Trindade, além da avicultura em Goiânia, Nerópolis e Hidrolândia, conforme apresenta o Mapa 2.



Mapa 2 – Percentual de participação da agricultura no PIB municipal – RMG, 2010.  
Fonte: IMB – GO / Segplan / Gerência de contas Regionais e Indicadores - 2012.

<sup>8</sup> De acordo com a Tabela de Imóveis Rurais do INCRA (2003), são consideradas pequenas propriedades, na Região Metropolitana de Goiânia, aquelas cujas áreas variam em média de 0 a 80 ha; com exceção daquelas situadas em Goiânia e Senador Canedo, cuja classificação feita pelo INCRA denomina como pequena propriedade aquela cuja área varia entre 0 e 28 ha.

Esse indicador nos permite avaliar o fluxo da produção municipal segmentado pelos setores de atividades, o PIB, segundo os dados registrados no Mapa 2, o que nos possibilita observar a significativa participação da agricultura na economia de alguns municípios da Região Metropolitana de Goiânia. Caturai e Caldazinha, com uma distância média de 30km de Goiânia, apresentaram, em 2010, índices que chegaram a mais 50% do PIB ligado a atividades agrícolas; Nova Veneza, Brazabrantes e Santo Antônio de Goiás, localizados na porção Norte de Goiânia, apresentaram índices superiores a 30% do PIB relacionado a atividades agrícolas; Hidrolândia, Guapó e Bela Vista de Goiás, localizados na porção Sul de Goiânia, apresentaram índices superiores a 10% do PIB relacionado a atividades agrícolas; e Goiânia e Aparecida de Goiânia, municípios responsáveis por cerca de 26% do PIB estadual, conforme informação da Secretaria de Estado, Gestão e Planejamento de Goiás (SEGPLAN), apresentaram índices que variavam entre 0,1 – 0,3% do PIB ligado a atividades agrícolas. Dessa forma, apesar das grandes influências da expansão urbana, alterações e concentrações de atividades tipicamente urbanas, tradições da vida rural permanecem no cotidiano da Região Metropolitana de Goiânia, como havíamos dito anteriormente.

Lavouras temporárias e pastagens naturais destinadas à pecuária são paisagens comuns à Região Metropolitana de Goiânia. São espaços que têm sua existência ligada a atividades rurais e à permanência de uma ruralidade expressa nas práticas sociais, fato que Oliveira (2011), ao estudar as ruralidades na metrópole Goiânia, disse estar vinculado à metropolização de uma sociedade rural, que não construiu com um único tecido sua malha urbana. Portanto, essas novas relações entre campo e cidade vão se efetivando e passando a ser essenciais para a proposição de políticas adequadas, tanto para o espaço rural quanto para o urbano.

Nesse sentido, campo e cidade são materialidades que se concretizam como paisagens contrastantes, mas que podem atuar de maneira integrada. É possível à cidade sua organização em função da logística e demanda do campo, assim como também é possível ao campo sua organização a fim de atender a regulações da cidade. Esses espaços, segundo Graziano da Silva (2002), já não podem mais ser diferenciados por suas funções, ou separados por setores econômicos, uma vez que,

[...] o espaço rural não mais pode ser pensado apenas como lugar produtor de mercadorias agrárias e ofertador de mão de obra. Além de ele poder oferecer ar, água, turismo, lazer, bens de saúde, possibilitando a gestão multi-propósito do espaço rural, oferece a possibilidade de, no espaço local-regional, combinar postos de trabalho com pequenas e médias empresas (GRAZIANO DA SILVA, 2002, p. 28).

Portanto, é necessário entender os papéis assumidos pelo campo e pela cidade e, conseqüentemente, suas complementaridades, as quais se materializam a partir das trocas simbólicas e econômicas que resultam em fluxos de informações e mercadorias. É preciso perceber que o campo e a cidade são espaços com uma grande parcela de pessoas morando em um e trabalhando, estudando, “vivendo” no outro, como é o caso dos jovens estudados nessa pesquisa, e de outros tantos espalhados pelo Brasil, que vivenciam o campo e a cidade cotidianamente. Indivíduos que vivenciam os espaços e, com base em suas experiências, constroem-se enquanto sujeitos sociais.

## 2.2 A juventude do campo como um campo temático e as múltiplas condições juvenis

É grande o número de estudos sobre a juventude a partir do século XX, em boa parte decorrente da maior presença de jovens em movimentos sociais e conseqüentes formulações políticas geradoras de emprego, renda, educação e lazer. No entanto, até 2002, temas ligados à juventude rural, juventude do campo, juventude do meio rural, pouco apareciam em estudos que não fossem da Educação ou da Sociologia. De acordo com Weisheimer (2005), em seu mapeamento das produções bibliográficas sobre o tema juventude rural no Brasil no período de 1990 a 2004, até 2004 havia pouca produção acadêmica no país, uma média inferior a quatro trabalhos por ano, os quais se concentraram principalmente entre os anos de 2002 e 2004. Assim, a partir da análise de artigos publicados em revistas e eventos, até teses referenciadas no Banco de Teses da Capes, Weisheimer (2005) obteve os seguintes valores organizados, conforme Tabela 2.

Tabela 2 – Produção acadêmica sobre a juventude rural no Brasil e o Tipo de publicação, Brasil 1992-2004<sup>9</sup>

Ano	Artigo	Dissertação	Livro	Tese	Total
1992	0	1	0	0	1
1996	0	1	0	0	1
1998	1	1	1	0	3
1999	2	0	0	0	2

<sup>9</sup> Fonte: Weisheimer, 2005.

Ano	Artigo	Dissertação	Livro	Tese	Total
2000	1	7	0	0	8
2001	1	2	1	0	4
2002	8	2	0	1	11
2003	9	2	1	1	13
2004	5	2	0	0	7
Total	27	18	3	2	50

De acordo com Abramo (1994), Turra Neto (2004), Novaes (2006), Guimarães e Silva Jr. (2012), entre outros autores, que se dedicam à temática da juventude, o debate sobre juventude no Brasil se intensificou a partir da década de 1980 e foi no início da década de 1990 que os pesquisadores viraram seus olhares à diversidade. Com isso, consolidou-se um caminho que contribuiu para fugirmos de uma análise homogeneizante dessa temática. No entanto, é importante destacar que essa diversidade era vista, principalmente, por meio dos conflitos da vida urbana e da consequente possibilidade de o jovem exercer sua condição juvenil na cidade. Pois, como afirma Abramo (1994), era na cidade onde, na década de 1970, houve a grande fragmentação do cenário juvenil e divisão dos jovens em grupos.

Com temas que giravam em torno da participação nas dinâmicas migratórias e da persistente invisibilidade social do jovem do campo, pesquisadores brasileiros passaram a voltar seus olhares para as especificidades da juventude que vive no meio rural (WEISHEIMER, 2005). Contudo, ao analisarem o jovem do campo, começaram a desenvolver suas pesquisas de maneira semelhante às análises dos jovens da cidade que, apesar de viverem uma fase com similitudes, era uma opção que, de acordo com o autor, acabava desconsiderando a dimensão histórica e estrutural da sociedade camponesa. Desse modo, por muito tempo a imagem do jovem do campo se restringiu a imagem do filho de agricultores familiares ou camponeses, que vivia um período da vida em que se preparava para suceder os pais nas atividades com a terra.

De acordo com Castro et al (2009), com a crise dos processos sucessórios no campo e a tensa relação entre campo e cidade ocorridos principalmente no século XX, os jovens do campo passaram a deixar a condição de apenas filhos de agricultores e tornaram-se categoria significativa nos estudos acadêmicos e sociais. Os jovens passavam a ser vistos como aqueles que vivenciavam na pele o dilema entre o campo e a cidade e, ao transitarem pelos dois espaços, sentiam as transformações socioespaciais trazidas pelo modelo de desenvolvimento econômico e por elas eram influenciados. Assim, compreender como a juventude que mora no

campo e transita pela cidade constrói suas representações sobre o campo e a cidade era uma importante questão a ser pesquisada.

A Geografia, ao estudar os jovens e suas práticas espaciais, seus lugares e suas formas de exercer sua condição juvenil, constitui um importante e heterogêneo campo de investigação, bem como produz contribuições sociais significativas com suas pesquisas. Ao trabalhar com um viés espacial, ela pode demonstrar como o jovem que mora no campo e transita pela cidade se espacializa e vivencia sua juventude enquanto sujeito social. As contribuições da Geografia para esse tema relacionado ao meio urbano já vêm sendo feitas na atualidade por pesquisadores que o interpretam a partir de sua diversidade e capacidade de interação com os diferentes lugares e territórios na cidade. Como exemplo disso, podemos citar Turra Neto (2004), ao analisar os jovens punks em Londrina, no Paraná, Cassab (2013), ao discutir as espacialidades dos jovens de Juiz de Fora, em Minas Gerais, e Paula (2013), ao estudar os jovens migrantes em Goiânia. Com experiências sociais construídas por meio da relação com diferentes espaços sociais e culturais, a juventude do campo contemporânea passou a se diferenciar das gerações passadas que contavam com um espaço social mais restrito; e passou a ter a oportunidade de repensar suas identidades e relações sociais. Nesse contexto, questionamentos sobre a juventude do campo e sua dinâmica social tomaram força nas pesquisas acadêmicas. Para Carneiro (2007), tais pesquisas passaram a investigar a dinâmica territorial – casa, vizinhança, campo e cidade – e a vida cotidiana dos jovens do campo para, assim, entender sua inserção na sociedade. O autor reitera que, ao estudarem a dinâmica territorial e a vida cotidiana dos jovens do campo, possibilitava-se o entendimento do passado das tradições familiares que inspiram as práticas de sociabilidade do presente e as expectativas para o futuro – ligados principalmente às estratégias de migração temporária ou definitiva. Para a autora, essas práticas presentes e expectativas futuras são dinâmicas que se interligam e fazem surgir um ator social que ao mesmo tempo deseja a ruptura e a continuidade do mundo rural.

De acordo com Castro et al. (2009, p. 39),

[...] essa aparente ‘contradição’ impulsiona o desafio de analisar em que medida a juventude rural hoje gera questões para o debate amplo de transformação da realidade de desigualdade social e econômica que marca o campo brasileiro. E, ainda, como essa juventude se organiza e se expressa como ator político.

Para as autoras, a atual juventude rural muitas vezes rejeita a atividade agrícola e o modo de vida dos pais, mas também se articula em movimentos sociais para lutar por melhores condições de trabalho na terra e debater sobre a invisibilidade dada a ela pelos agentes sociais e políticos. Essas atitudes tomadas pelos jovens rurais demonstram a formação

de grupos dicotômicos – dos jovens que rejeitam as atividades agrícolas e dos jovens que lutam por melhorias no campo –, mas que, ao seu modo, buscam formar sua identidade.

Desse modo, a juventude do campo veio se tornando um importante objeto de estudo de um distinto conjunto de análises que, segundo Weisheimer (2005), procurava compreender: a inserção dos jovens na rede pública de educação, onde se buscava demonstrar o descompasso entre o modelo educacional e as necessidades específicas dos jovens do campo; a heterogeneidade existente entre os jovens, em especial, os jovens do campo e da cidade quanto aos seus comportamentos e estilo de vida; as formas de inserção dos jovens do campo no processo de trabalho, quando eram destacadas a divisão de gênero e faixa etária e evidenciados os conflitos quanto à subordinação, remuneração e ao não reconhecimento social do jovem do campo no grupo social; e o jovem quanto à produção social do campo que não poderia ser mais caracterizada ou confundida com a agrícola. Com isso, tivemos um parâmetro de investigação que buscava perscrutar a identidade ou as identidades juvenis, em sua heterogeneidade, em um constante diálogo com as demandas sociais que inseriam, também, o jovem do campo e suas condições de existência no cenário da pesquisa acadêmica.

Procurava-se discutir uma juventude do campo a partir de uma abordagem teórica capaz de trabalhar com o conjunto de relações sociais vividas pelos jovens do campo na sociedade. Segundo Weisheimer (2005), nesse momento, procurava-se discutir a condição juvenil, abordagem que buscava apreender quem poderia ser denominado jovem naquele contexto sociocultural, com base em fronteiras móveis e incorporação de papéis e/ou funções sociais. Essa preocupação permitiu entender a constituição de diferentes expressões juvenis. Como resultado, surgiram algumas configurações juvenis que se pautaram principalmente na dimensão geográfica – onde residem; e na sua socialização – com o que se ocupam, conforme demonstra a Tabela 3.

Tabela 3 – Configurações juvenis de jovens do campo quanto à sua matriz de análise<sup>10</sup>

<b>Geográfica</b>	<b>Socialização</b>
Jovem do campo	Jovens agricultores
Jovem rural	Jovens assentados
Jovem do Interior	Jovens estudantes rurais
Jovem do Sertão	Jovens sem-terra

<sup>10</sup> Fonte: Weisheimer, 2005.

Assim, com base nas configurações juvenis apresentadas, percebemos que, ao trabalhar com a análise da condição juvenil, pesquisadores demonstraram que estas denominações estão ligadas principalmente à construção social, cultural e histórica do jovem, o que implica não interpretá-lo de maneira homogênea. Quando se consideram as diferenças, percebem-se as distinções relativas às posições ocupadas nos espaços sociais. Essa heterogeneidade juvenil nos permite concordar com Dayrell (2003), Cavalcanti (2012) e Paula (2013), quando afirmam existir “juventudes”, no plural, uma vez que os jovens vivem realidades sociais distintas e, por meio de suas experiências, constroem identidades individuais e coletivas.

Além disso, é importante lembrar que as possibilidades de inserção social do jovem também estão condicionadas aos recursos materiais e simbólicos que lhe são disponibilizados. Com o ritmo acelerado das mudanças nas relações sociais e de trabalho no campo, que afetam também as noções de rural e urbano e deixam cada vez mais difícil a visualização das fronteiras entre cidade e campo – que vivem distintas realidades culturais e sociais, a juventude do campo torna-se cada vez mais complexa e passível de variedades de recortes analíticos e conceituais. Diante disso, vemos a necessidade de discutir o jovem contemporâneo que tem como cenário cotidiano o campo. No tópico a seguir, apresentaremos o jovem do campo na contemporaneidade.

### **2.3 O jovem na contemporaneidade e o campo como cenário**

Abordados por recentes estudos das diversas áreas de pesquisas da Ciência Humana – entre elas Sociologia, Educação, Antropologia e Geografia – o jovem veio sendo realçado quanto às suas mudanças de valores e comportamentos sociais nas últimas décadas. Indivíduos classificados segundo a faixa etária de 15 a 24 anos, pelos órgãos de pesquisa e legislação, nas últimas décadas passaram a ser considerados quanto a sua trajetória de vida e papéis sociais, o que lhes confere o direito ao “prolongamento” ou “encurtamento” de seu tempo de juventude, tempo que, segundo Novaes (2006), está claramente ligado à sua classe social.

Ao pensarmos o jovem do campo que, consoante Lei Federal nº 12.852/2013, passou a ter garantido em lei o direito à participação social e política, à educação de qualidade, à profissionalização, à comunicação, ao território e à mobilidade, fomos instigados a refletir

sobre como podemos visualizá-lo em seu contexto espacial, e a nos questionar quanto à sua forma de vivenciar o campo e exercer sua condição juvenil frente às constantes alterações socioespaciais vivenciadas.

Sabe-se que tanto o campo quanto a cidade tem passado por significativas transformações em seus espaços e manifestações materiais, culturais, econômicas e sociais, que contribuem para a formação de espaços complexos e não mais exclusivos a determinadas funções e/ou atividades. Nesse sentido, o jovem tem chamado atenção de pesquisadores, como Carneiro (1998), que afirmam ser essa a faixa demográfica mais afetada pela dinâmica diluição das fronteiras entre campo e cidade. Pois são sujeitos que, em processo de formação da identidade, experimentam o confronto entre os laços que os prendem à cultura de origem – principalmente à família, e ao dinamismo trazido pela cultura urbana.

Nas palavras de Rizzini et al. (2009), a juventude é a parcela da sociedade mais afetada pelos problemas sociais, e limitada quanto a suas possibilidades de mobilidade e bem-estar social. Os jovens, segundo o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre a situação da população mundial, publicado em 2011, representam 37% da população mundial. No Brasil, os dados do Censo 2010 apontam que há mais de 35 milhões de jovens no país<sup>11</sup>, desses, 15% são jovens moradores do campo, ou seja, são 5.250.000 jovens que vivem o seu dia a dia no campo e que, muitas vezes, carregam uma juventude marcada por problemas quanto à sua formação profissional, discriminação de gênero, social, etária e espacial.

Situados em meio a uma cruzada entre a dependência e a autonomia social e econômica, os jovens do campo, de acordo com Castro et al. (2009), realçam os fortes embates quanto à sua posição hierárquica subalterna. Com o peso da autoridade paterna nas relações no campo, o jovem encontra, no espaço doméstico e em parte dos espaços sociais a que tem acesso, uma forte subordinação ao que entendemos por “vida adulta”.

A relação de subordinação, trazida desde as gerações passadas, vai se configurando em constantes conflitos e frustrações entre gerações que, muitas vezes, resultam na rejeição da continuação da vida no campo e em uma negação ao mundo tal como estão inseridos. Esse comportamento de rejeição assumido pelos jovens, para Novaes (2007), é comum ao jovem e, muitas vezes, independe de estar no campo ou na cidade, pois “ser jovem é viver uma contraditória convivência entre a subordinação à família e à sociedade e, ao mesmo tempo, grandes expectativas de emancipação” (NOVAES, 2007, p. 7).

O jovem que muitas vezes é considerado muito urbano pelos pais e roceiro por parte dos colegas da cidade, com quem estuda e/ou trabalha, segundo Castro et al. (2009), enfrenta

---

<sup>11</sup> O valor apresentado é referente ao número de jovens com idades entre 15-24 anos, e não o valor absoluto apresentado pelo Censo 2010 de 51.330.569 de jovens, que corresponde à população jovem entre 15-29 anos.

fortes embates sociais em sua formação e na construção de sua identidade. Conflitos são intensificados se considerarmos as questões de gênero. Os autores, ao estudarem o peso da subalternidade relacionada ao gênero e às diversidades sexuais na vida dos jovens do campo, relataram uma subordinação ainda maior entre as jovens.

Se pudermos afirmar que ser jovem no espaço rural do Brasil carrega o peso de uma posição hierárquica subalterna, ser jovem e mulher e/ou ainda homossexual representa situação de subalternidade na hierarquia social ainda maior. [...] As jovens vivenciam intenso controle social, dentro e fora da família, exclusão dos processos de produção agropecuária, de sucessão e herança e, ainda, dos espaços de decisão. E, também, muitas vezes são as únicas responsáveis pelos afazeres domésticos de toda a família. O peso da autoridade paterna no espaço doméstico se estende para os espaços públicos de participação política. (CASTRO et al., 2009, p. 139).

Convivendo com o paradigma construído historicamente, que referenciava a mulher aos espaços privados, ao trabalho doméstico e à determinação do espaço social diferenciado do de homens, as jovens no meio rural há muito tempo vêm se organizando contra esse modelo social. Movimento que Castro et al. (2009) afirmam ter sido intensificado a partir da década de 1990, com o surgimento de movimentos sociais que militam sobre o tema. No entanto, como o controle social da mulher, sobretudo das filhas solteiras, está originado principalmente no interior da família e aparece na reprodução das relações patriarcais, esse comportamento ainda hoje não foi extinto.

Subordinadas inicialmente às regras e à vigilância do pai e, posteriormente, às regras do marido, as jovens do campo na atualidade têm percebido a oportunidade de sair de casa para estudar, como uma forma de se desvencilhar de tal processo. Apoiadas pela família a procurarem por melhores condições de emprego e de salário, por meio da continuação dos estudos, as jovens aparecem com maior destaque nos números referentes à migração temporária e/ou permanente de jovens do campo para a cidade (CASTRO et al., 2009). Sabemos que esse é um processo que não é comum a todas as jovens, pois depende de sua condição econômica e contexto familiar. Porém, é um aspecto importante que deve ser ressaltado, uma vez que é apontado por diferentes autores, entre eles Carneiro (1998) e Castro et al. (2009), como um dos responsáveis pelo processo de masculinização do campo. Tal fato se confirma quando observamos os dados do Censo 2010, apresentados na Tabela 4<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Tabela 4 – População residente por situação do domicílio, sexo e idade, Brasil, 2010

Grupo de idade	População residente					
	Urbano	Rural				
	Total	Masculino	%	Feminino	%	Total
0-14 anos	37.393.414	4.389.835	51	4.149.045	49	8.538.880
15-24 anos	28.745.067	2.914.032	53	2.576.965	47	5.490.997
25-39 anos	40.360.283	3.382.211	53	2.995.011	47	6.377.222
40-54 anos	30.077.160	2.621.595	53	2.284.363	47	4.905.958
55-69 anos	16.540.434	1.656.233	54	1.429.484	46	3.085.717
70 anos ou mais	7.809.434	732.910	51	698.323	49	1.431.233
Total	160.925.792	15.696.816	53	14.133.191	47	29.830.007

Segundo os dados do Censo 2010, há uma significativa diferença entre os jovens residentes de áreas rurais do Brasil, com um predomínio da população masculina. Abramovay (2005), em seu levantamento sobre juventude rural e suas possíveis oportunidades no mundo contemporâneo, atesta que os rapazes são estimulados a permanecer no campo, e/ou a estudarem para dar continuidade às atividades agrícolas nesse novo contexto econômico. Contudo, são jovens que muitas vezes também discordam do modelo patriarcal assumido pela sociedade camponesa, e não fogem de confrontos, principalmente quando se discutem os modelos de produção, distribuição de funções e obrigatoriedade de sucessão.

O conflito entre gerações relacionado à subordinação e sucessão é um evento que Abramovay et al. (1998) identificaram ser comum desde a década de 1970, quando jovens primavam por inovações nas atividades agrícolas, enquanto os pais optavam pela tradição. Tal opção trazia ao cotidiano do jovem do campo o desejo pela busca de novos referenciais para a construção de sua identidade, fora da família. No entanto, o jovem do campo na contemporaneidade tem tido a possibilidade de continuar seus estudos e de estabelecer-se ou não nas atividades agrícolas, com suas perspectivas e relações familiares.

Desse modo, apesar de não ser comum a todos e de depender do contexto social e econômico em que está inserido, o jovem do campo, no que diz respeito às relações familiares, apesar de ainda ver centrado em seus pais o poder de decisão, de controle econômico e de produção, nos levantamentos de Abramovay (2005), parece ter adquirido, na atualidade, maior possibilidade de argumentação e discussão quanto à sua permanência ou

não na propriedade. Acreditamos que essa atitude também pode estar relacionada à maior abertura dada pelos pais, que reconhecem os efeitos das transformações socioespaciais do campo e da cidade que incidem diretamente sobre a juventude.

No que diz respeito à articulação social e política do jovem do campo, hoje é comum encontrar jovens que optaram por participar de movimentos sociais. Uns participam de movimentos de cunho religioso, como a Pastoral da Juventude Rural, outros de movimentos cuja fundamentação é política e social, como os movimentos sociais de luta pela terra. Esse comportamento é comum ao jovem brasileiro desde o início do século XX, conforme as abordagens recentes sobre a juventude, contudo não se estendia aos grupos que moravam no campo. Apesar de no campo também ter ocorrido alguns movimentos sociais nesse período, Castro et al. (2009) atestam que foi a partir da década de 1980 que esses movimentos passaram a olhar efetivamente para a condição dos jovens do campo e tê-los como participantes.

Castro et al. (2009) observam que alguns jovens do campo, incentivados pela família que tinha em seu histórico a participação em mobilizações sociais, e outros interessados na busca por melhores condições de vida e produção no seu lugar de vivência, no final da década de 1980 e início da década de 1990, deixaram sua posição de demanda local e passaram a assumir uma relevância no contexto nacional. Posicionamento que se reflete nos números oficiais disponibilizados pelos movimentos, mas que, de acordo com os autores, ainda não foi capaz de extinguir os conflitos intergeracionais e o distanciamento entre discurso e prática.

Rizzini et al. (2009) assinalam que os jovens do campo, como os jovens pobres da cidade, ao terminarem o ensino médio, tornam-se invisíveis às políticas públicas de assistência, assim como sua condição juvenil. Segundo os autores, ao terminarem seus estudos e não se verem contemplados pelas políticas públicas de desenvolvimento profissional e social, os jovens sentem-se invisíveis e perdidos nas encruzilhadas dos caminhos para a vida adulta. Invisibilidade que influencia diretamente na construção social do indivíduo que, muitas vezes, integra-se ao quadro de jovens com baixas expectativas profissionais e remunerações.

Com vivências juvenis afetadas por problemas, como a discriminação social e espacial que se diferenciam quanto ao pertencimento associativo (grupos religiosos, políticos, culturais), os jovens têm nesses demarcadores de identidades aproximações com jovens socialmente separados e o afastamento de outros jovens socialmente próximos e, assim, engajam-se à realidade que os circunda (NOVAES, 2007).

Ao considerarmos que os espaços, quando observados em uma perspectiva relacional, podem ter diferentes classificações, os atuais jovens do campo nos permite uma releitura de

seu comportamento quanto aos espaços e a suas diferentes formas de idealizações. Releituras nos mostram a importância de se reconhecer que os jovens do campo atualmente são atores de uma reconstrução cultural, feita a partir de imagens construídas por eles, ao vivenciarem campo e cidade em seu cotidiano, e expressam uma nova mentalidade quanto às práticas e aos cenários. Sabemos que esse é um fato que não pode ser generalizado, contudo percebemos que o desejo de ruptura com o modo de vida rural nem sempre expressa o anseio pela saída do campo.

Assim, ser jovem na atualidade e ter como cenário a vida no campo e suas recentes transformações é diferente do que era ser jovem nas gerações passadas, pois os problemas e desafios encontrados são outros e a singularidade histórica pela qual estão passando ajuda a estruturar seus projetos de vida de maneira diferente do jovem urbano. Com singularidades em relação à família que, ao mesmo tempo, é unidade de produção e, por isso, deve ser levada em conta em seu projeto de vida, os jovens do campo se articulam para não perderem a comunicação com a família e com os amigos.

Nesse sentido, o comportamento assemelha-se ao encontrado durante a pesquisa realizada com os jovens do campo e estudantes das cidades de Goiânia e Trindade, apresentados nesta investigação. São jovens que, em sua maioria, visam continuar seus estudos e, assim, arrumar empregos com melhor remuneração na cidade. Eles também associam seu desenvolvimento à estabilidade que encontram nos lugares onde moram. Aprofundamos tal análise no capítulo a seguir, em que são apresentadas as facetas dos jovens pesquisados e uma análise de suas práticas espaciais considerando essa relação constante entre campo e cidade.

### CAPITULO 3

## O LUGAR DE VIVÊNCIA DO JOVEM ESTUDANTE DO CAMPO, SUA CULTURA GEOGRÁFICA E CONCEPÇÕES DE RURAL E URBANO

*A cidade era o lugar onde os jovens acreditavam que por si só poderiam progredir e melhorar de vida.*

(TUAN, 1983, p.69)

No presente capítulo, apresentamos os dados obtidos por meio da aplicação dos instrumentos metodológicos: questionário e entrevista. Responderam a questionários e foram entrevistados estudantes moradores do campo e estudantes de escolas observadas nas cidades de Trindade e Goiânia, bem como foram acompanhadas as rotinas dos alunos selecionados.

Nesse capítulo, as análises dos dados coletados serviram de fundamento para a caracterização do perfil dos jovens moradores de áreas rurais da Região Metropolitana de Goiânia e estudantes nas cidades de Trindade e Goiânia, assim como suas práticas espaciais e concepções quanto aos espaços. Além disso, procuramos também apresentar seus espaços de vivência e os municípios em que estão inseridos, pois acreditamos serem estes aspectos singulares aos grupos de relacionamento dos jovens sujeitos deste estudo.

### **3.1 A constituição do grupo de sujeitos da pesquisa: a escola, a observação dos alunos, a seleção dos jovens, o acompanhamento.**

Nesse item, apresentamos os dados obtidos por meio de observação da e na escola e aplicação de questionários a 23 jovens estudantes matriculados no 3º ano do Ensino Médio da Rede Pública em Trindade e em Goiânia. Embora os aspectos metodológicos da pesquisa já tenham sido apresentados na introdução, vale ressaltar que nessa parte do estudo, antes de apresentarmos a constituição dos sujeitos da pesquisa, optamos por apresentar separadamente o Colégio Estadual Divino Pai Eterno e a Escola Municipal Cleonice Monteiro Wolney, pois são escolas que apresentam diferentes realidades quanto à localização, estrutura e alunado.

As observações, conversas, aplicação de questionários e acompanhamentos nas escolas, apresentados nesse tópico, ocorreram ao longo do segundo semestre de 2012. Nesse período, os alunos do Colégio Estadual Divino Pai Eterno cumpriam a última etapa do Ensino Médio – todos cursavam o terceiro ano – e os alunos da Escola Municipal Cleonice Monteiro Wolney cursavam o Ensino Fundamental – no modo Educação de Jovens e Adultos (EJA) – distribuídos em turmas do 5º ao 9º ano.

Os dados que se seguem foram basilares para podermos traçar um perfil dos jovens pesquisados, bem como para distinguirmos os jovens do campo dos jovens da cidade. Serviram também para identificar quais são suas práticas espaciais e suas redes de sociabilidade. É importante salientar, que são jovens que vivenciam os espaços – no campo e na cidade – de maneira distintas, experiências que estão também vinculadas às suas trajetórias de vida. Assim, apresentamos primeiramente o Colégio Estadual Divino Pai Eterno e seu grupo de jovens e, em seguida, a Escola Municipal Cleonice Monteiro Wolney e alguns de seus jovens.

#### ***Colégio Estadual Divino Pai Eterno***

Um som longo e estridente de sirene corta o silêncio da manhã, juntando-se ao burburinho de vozes, ônibus e carros. São 7h da manhã e a escola dá seu primeiro sinal. É possível observar uma pequena agitação. Os alunos que chegaram, até esse momento, encontram-se em grupos espalhados pelas ruas que dão acesso à escola. É pequeno o centro comercial próximo ao centro da cidade de Trindade, na Região Metropolitana de Goiânia: lojas, mercado aberto, terminal de ônibus, padaria, *lan house*, restaurantes, sorveteria etc. A

entrada de rapazes e moças na escola parece um ritual cotidiano, repetindo-se diariamente os gestos, as falas e os sentimentos no momento do encontro.

Rapazes e moças continuam chegando aos poucos, uns em grupo, outros sozinhos; mas todos com seus uniformes que procuram modificar de algum jeito. Alguns com acessórios, outros com maneiras diferentes de vestir: os rapazes com blusas coloridas por baixo, que deixam aparecer parte das mangas e gola, camisas de futebol ou camisa de manga longa jogada por cima do uniforme; as moças com uniformes ajustados ao corpo, calças na maioria das vezes em cores fortes e diferentes modelos de blusinhas jogadas por cima do uniforme. Grupos de rapazes, grupos de moças, grupos misturados, casais de namorados todos com cumprimentos, risos e conversas que parecem aproximá-los entre si, ali, naquele ambiente.

Branços, negros, mulatos, na sua maioria jovens e adolescentes, com idades que variam de 12 a 19 anos, e com expressiva quantidade de mulheres. Os alunos, com o tocar da sirene, começam a entrar por um portão de ferro localizado na frente da escola. É nesse momento, em que há um aumento no número de pessoas e a “mistura” dos diferentes grupos, que é possível observar risos, olhares, conversas ao pé do ouvido e comentários de um grupo com o outro que, na maioria das vezes, resultam em risadas e leves empurrões.

A escola ocupa todo um grande quarteirão, com uma frente cercada por muro baixo e plantas e, conforme a Foto 1, com fundo e laterais cercados por muros altos pintados na cor creme, com detalhes em azul, tendo uma aparência mais leve que outras escolas da região. Além do portão destinado à entrada dos alunos, existe outra entrada pela frente da escola, por onde professores, pais e funcionários administrativos passam.



Fotografia 1 – Colégio Estadual Divino Pai Eterno. Trindade, 2013.  
Fonte: Acervo pessoal.

Com um espaço claramente delimitado, os alunos, ao passarem pelo portão, descem uma rampa e encontram um novo cenário, diferente daquele vivenciado na rua. Vista de dentro, a escola tem um pátio coberto ao centro que tem de um lado pequenas mesas de

concreto, cada uma com quatro bancos, também construídos de concreto e, do outro, uma área não coberta que termina na cantina. Em volta a esse espaço, há dois corredores que dão acesso às salas de aula e que se encontram em frente à sala dos professores (ao fundo) e em frente à sala da coordenação pedagógica (logo na entrada). Grupos se sentam nessas mesas e sobre estas continuam a conversa iniciada do lado de fora da escola, porém agora de maneira mais comedida. Outros grupos vão para a porta de suas salas onde colocam suas cadeiras e, dispostos em semicírculos, conversam e cumprimentam cada um que ali entra (alguns com saudações mais sérias, outros de maneira mais descontraída, tudo variando de acordo com a relação que existe entre eles). E, após deixarem seus materiais sobre as carteiras voltam à porta para conversar.

No seu conjunto, o espaço físico é liso e retangular, com paredes limpas sem nenhum apelo visual. Cartazes e comunicados são dispostos apenas no mural localizado próximo à sala dos professores, que fica próxima à cantina, sala de vídeo e aos banheiros. Logo atrás da sala dos professores, está localizada uma área destinada à produção de hortaliças de um lado e, do outro, está a quadra de esportes, lugar que muitos alunos utilizam também para realizar algum tipo de transgressão, matar aula e namorar, por exemplo, pois ali é um lugar mais afastado e com pouca circulação de professores e auxiliares da coordenação.

O som estridente da sirene volta a soar, avisando, pela segunda vez, que é hora de iniciar o turno. São 7h e 10min e os alunos continuam entrando pelo portão, agora de maneira mais apressada e um pouco preocupados em chegar às suas respectivas salas. Ainda é grande a algazarra, mas os grupos seguem rindo e brincando em direção às suas salas, após repreensão de alguns auxiliares de coordenação. Nesse momento, misturam-se aos professores que já se direcionam às salas onde ministrarão sua primeira aula do dia. Com o sinal às 7h e 15min, destinado ao começo efetivo das aulas, é possível ver o pátio ficando vazio.

Dentro de uma das 15 salas destinadas aos estudantes do Ensino Médio, o professor de Geografia que acompanhamos na fase inicial dessa pesquisa, após cumprimentar a turma, começa sua fala. Os alunos que antes estavam agitados e eufóricos com a entrada de uma pessoa diferente em sua sala, ao verem o professor começar a falar, calam-se e escutam atentamente o motivo de ela estar lá. Essa atitude que se repetiu ao longo das seis aulas ministradas pelo professor em seis turmas de 3º ano. Esse comportamento foi semelhante ao apresentado pelos alunos observados por Dayrell (1996) e Souza (2012), em suas pesquisas com estudantes de Minas Gerais e Cidade de Goiás, respectivamente.

Em salas bem iluminadas e com boa ventilação, porém com uma acústica ruim, o professor inicia sua aula em meio aos ruídos causados pelas falas dos alunos. O professor de Geografia começa uma aula de revisão do conteúdo que seria cobrado na primeira prova do

terceiro bimestre. Alguns alunos se interessam e discutem a matéria com o professor, além de anotarem o que é falado; outros se debruçam sobre mesa. Há ainda aqueles que, com um fone em um dos ouvidos, escutam suas músicas enquanto mexem no celular. Por ser a primeira aula, ainda é comum ver um ou outro entrando na sala, o que sempre causa algum comentário. O professor, na tentativa de envolvê-los na discussão, associa o tema debatido “Fontes energéticas e a escassez dos recursos naturais” às dificuldades enfrentadas pelos moradores e comerciantes de Trindade, que estavam sofrendo com as constantes quedas de energia. Nesse momento da aula, muitos começaram a citar casos ocorridos, mas logo foram interrompidos pelo soar da sirene anunciando o final da primeira aula.

Semelhantes à aula inicial as outras seguiram, contudo sem os desgastes – do movimento de entrada de alunos – ocorridos na primeira aula. À exceção das demais aulas, a terceira aula contava com um agente externo que fez com que o professor concluísse sua aula antes da sirene tocar. É nesse horário, de acordo com as normas da instituição, que as merendeiras entravam em sala e serviam o lanche – momento aproveitado pelos alunos para saírem de suas salas para barganhar, com funcionários ou outros alunos, mais lanche. As salas, sem estrutura para essa atividade, nesse momento, ficavam pequenas para o intenso movimento de cadeiras e dos alunos com seus pratos e copos.

Às 9h e 30min ecoava a sirene que de maneira estridente sinalizava aos alunos o direito de voltarem ao pátio e reencontrarem alguns dos colegas vistos mais cedo. Com o pátio dividido em grupos, durante os trinta minutos de intervalo, era possível observar nitidamente as diferenças e também as semelhanças entre eles. Era possível identificar jovens que aproveitavam o tempo para conversar e fazer brincadeiras uns com os outros, outros que andavam atrás de professores para o esclarecimento das dúvidas e os casais de namorados que pareciam se esquecer daquele ambiente. A partir dessa observação, era possível ver que todos aproveitavam o momento para se comunicarem com seus pares e, com isso, exercerem sua sociabilidade comum à idade, como dissemos anteriormente nesse trabalho.

Passado o período de intervalo, novamente era tocada a sirene e alunos e professores retornavam às salas de aula. Ao voltarem às salas, alguns alunos percebiam a ausência de alguns colegas que aproveitaram o “recreio” para pularem o muro e faltarem às últimas aulas. “Matar as aulas” não era algo visto como errado pelos jovens das turmas observadas, por muitas vezes encaravam o ato como um feito heroico, pois aqueles que pulavam o muro se livravam de aulas por eles consideradas chatas. Livrar-se das últimas aulas era uma sorte, segundo eles. Havia também os alunos que contavam com o transporte escolar da prefeitura. Estes moravam nas áreas rurais do município de Trindade e diariamente vinham à cidade para estudar, por esse motivo eram dispensados logo após a quinta aula.

Havia um grupo misto de moças e rapazes, formado principalmente por jovens entre 15 e 19 anos, que moravam nas comunidades rurais de Trindade (Bugre e Cedro) e no Distrito Santa Maria. Eram jovens que cursaram a parte inicial dos estudos nas escolas das comunidades onde residem e até o momento cursavam o Ensino Médio na cidade de Trindade. Esses estudantes, em um primeiro olhar, em nada se distinguiram dos 1.652 alunos matriculados em 2012 no colégio. Mas, quando observados em suas particularidades, apresentavam características que os diferenciavam dos colegas da escola. Embora sempre muito educados, os jovens que moravam no campo, em um contato inicial, pouco expunham seus hábitos e atividades desenvolvidas no cotidiano com suas famílias; ao contrário dos colegas, mostravam-se reservados.

Distribuídos pelas seis turmas de 3º ano, os 18 alunos (16 moças e 2 rapazes) vindos do campo, na maioria das vezes, demonstravam estar concentrados nas discussões propostas pelo professor de Geografia. Durante os primeiros dias de observação, era comum falarem pouco e algumas vezes chegarem até o professor para tirar dúvidas, timidez que ao passar dos dias foi dando espaço a participações e movimentos descontraídos dentro e fora da sala. Ao se movimentarem pela sala e pela escola, demonstravam sempre boa integração com a turma, portando-se como jovens que por ali circulavam e estabeleciam amizades para além dos muros do colégio.

Os jovens claramente ambientados ao colégio, com suas normas e restrições, ao serem convidados a participar de rodas de conversas, prontamente demonstravam satisfação em estar com seus pares e em participar da atividade com os colegas. Contudo, ao serem questionados individualmente sobre suas amizades e suas práticas espaciais pela cidade, mostravam-se descontentes com o tipo de amizade que a “cidade” lhes propunha. Segundo os jovens, as amizades eram na maioria das vezes superficiais e marcadas por um clima instável, como demonstra a fala de uma das alunas entrevistadas.

*É claro que não é sempre, porque tenho amigos de verdade aqui, mas as amizades aqui na escola acabam com muita facilidade, principalmente se “a gente” muda de sala. Onde eu moro, lá em Santa Maria, tenho amigos que estudei quando criança e até hoje toda vez que um precisa o outro está pronto pra ajudar. [...] Por isso, quando venho em Trindade, prefiro sair com meus amigos de lá, ou com meus primos que moram aqui. [Aluna 02, Trindade, 2012]*

Os encontros e conversas realizados no decorrer do segundo semestre de 2012 eram marcados por descontração, quando discutiam suas relações, e por seriedade, quando falavam de suas atividades cotidianas. Nesse período, no momento da aplicação dos questionários e da realização das entrevistas, era a época de inscrição em vestibulares, momento em que demonstravam muita curiosidade quanto à vida acadêmica e realizavam planos. Os estudantes apresentavam preocupação excessiva em se firmarem no mercado de trabalho por meio dos estudos, acreditando que assim poderiam ajudar mais a família. Entretanto, os cursos escolhidos nem sempre estavam associados à perspectiva de capacitação para atividades no campo ou de melhoria no desempenho das atividades realizadas na propriedade pela família, conforme Tabela 5<sup>13</sup>.

Tabela 5 – Intenção de participação no vestibular e cursos procurados. Trindade, 2012

<b>Vestibular/ Curso</b>	<b>Administração</b>	<b>Engenharia Agrônômica</b>	<b>Arquitetura</b>	<b>Biblioteconomia</b>	<b>Direito</b>	<b>Educação física</b>	<b>Enfermagem</b>	<b>Engenharia de Softwer</b>	<b>Medicina</b>	<b>Medicina Veterinária</b>	<b>Odontologia</b>	<b>Geografia</b>	<b>Psicologia</b>	<b>NR</b>	<b>Total geral</b>
Não															
Não sei														2	2
Sim	1	2	1	1	2	1	1	1	1	2	1	1	1	0	16
Total geral	1	2	1	1	2	1	1	1	1	2	1	1	1	2	18

A escolha por esses cursos, acreditamos que esteja relacionada à busca por novas relações de trabalho e melhores remunerações, além de uma vida menos fatigante do que aquela das atividades agrícolas. Esse comportamento, na visão de Carneiro (2007), é muito comum entre os jovens que moram no campo e são influenciados por essa mobilidade típica da juventude contemporânea, que se relaciona tanto com o rural quanto com o urbano. No caso das jovens, o papel de trabalhadora rural não era desejado nem por elas nem pelos pais, que as incentivavam a continuar os estudos e a arrumar um bom emprego na cidade. Esse aspecto não é específico às jovens observadas em Trindade, pois Carneiro (2007, p. 60), ao estudar as jovens do oeste de Santa Catarina, também constatou que “[...] em geral, a mulher não é reconhecida como trabalhadora agrícola ou não deseja para si esse papel, fato que ao

<sup>13</sup> Fonte: MENEZES, P. K. Tabulação de dados do questionário, 2012.

mesmo tempo é resultado de uma discriminação, mas que acaba por impulsionar as jovens a níveis mais elevados de educação e à migração para o meio urbano”.

Ao serem questionados quanto às expectativas para o futuro, 100% dos jovens investigados desejavam arrumar um bom emprego e ter um bom salário, 83% cursar uma universidade e 32% conseguir aprovação em algum concurso público. Essas afirmações nos permitem confirmar a ideia de que os estudos e o trabalho são elementos centrais na vida do jovem e de sua produção enquanto sujeitos sociais, como apontaram Dayrell e Reis (2007) e Paula (2013).

Com singularidades que os diferenciavam daqueles que vivem no meio urbano, os estudantes moradores das áreas rurais de Trindade ainda estabeleciam relações familiares e com a propriedade típicas da vida camponesa. Integrantes de uma família predominantemente composta por 4 e 5 pessoas, quando questionados sobre as principais atividades desenvolvidas na propriedade onde moram e seu papel frente a elas, apontaram a produção de leite e derivados, criação de aves e porcos e o plantio de hortaliças, mandioca e milho. Quanto ao seu papel nessas atividades, 87% declararam auxiliar diariamente os pais de alguma maneira, em diferentes expressões: “cuido da casa”, “trato dos porcos e galinhas”, “aguio a horta e as outras plantação”, “busco as vacas e aparto os bezerros”, “eu que ralo a mandioca para minha mãe fazer farinha”, “sou eu que faço os queijos pra vender”.

Um fato que nos chamou a atenção é que 67% dos alunos entrevistados não possuem computadores em suas casas. São 12 alunos que afirmam ter acesso ao computador somente na escola ou na casa de amigos. Tal informação parece-nos ser influenciada pela renda familiar e pelas condições de trabalho no campo, pois dos dezoito alunos entrevistados 27% afirmaram ter renda familiar igual a 1 salário mínimo (R\$ 678,00), 50% afirmaram ter renda familiar entre 2 e 3 salários mínimos (de R\$ 1.356,00 a R\$ 2.034,00) e 23% afirmaram ter renda familiar igual ou superior a 4 salários mínimos (R\$ 2.712,00). Enfim, são famílias que viviam com uma renda mensal em torno de R\$ 2.000. Observamos, também, que 57% dessas famílias não moravam em residência própria, mas em casa cedida pelo proprietário da terra, desenvolvendo com este uma relação de meeiro<sup>14</sup>.

Ao serem perguntados sobre os objetos que possuem em casa, 100% afirmaram ter televisão, rádio, aparelho de DVD e telefone celular. Percebemos que esses aparelhos de

---

<sup>14</sup> De acordo com Souza (1939), Diz-se do agricultor que trabalha em terras que pertencem a outra pessoa. Em geral o meeiro ocupa-se de todo o trabalho, e reparte com o dono da terra o resultado da produção. O dono da terra fornece o terreno, a casa e, às vezes, um pequeno lote para o cultivo particular do agricultor e de sua família. Fornece, ainda, equipamento agrícola e animais para ajudar no trabalho.

comunicação estão diretamente relacionados às principais atividades realizadas apontadas pelos jovens entrevistados quando não estão estudando ou trabalhando, conforme Tabela 6<sup>15</sup>.

Tabela 6 – Atividades MAIS realizadas nos momentos livres. Trindade, 2012.

<b>Atividade</b>	<b>Nº de alunos</b>	<b>Total (%)</b>
Assistir televisão / filmes	18	100
Ouvir Rádio	18	100
Ajudar nas atividades domésticas	12	67
Fazer outra atividade em casa	8	44
Praticar atividade física	6	33
Ler um livro	5	28

Ainda em relação aos seus momentos de lazer, quando questionados sobre os lugares que costumavam frequentar e sobre a frequência com que iam a tais lugares, os jovens disseram frequentar locais diversos, 100% disseram ir à igreja (57% disseram ir sempre e 33% eventualmente); 61% disseram ir à praça de onde moram para encontrar os amigos, 27% sempre e 73% eventualmente; 61% afirmaram ir a shows e/ou a festas com os amigos ou com parentes, 90% vão eventualmente e ressaltaram que, na maioria das vezes, são festas que acontecem na comunidade onde moram ou são festas agrícolas e/ou religiosas na cidade de Trindade; 56% afirmaram ir ao cinema/shoppings eventualmente; 83% afirmaram ir a lugares para encontrar os amigos, 33% sempre e 67% eventualmente (esses lugares, de acordo com o que foi apontado pelos jovens, eram principalmente sorveterias e sanduicherias); 89% afirmaram ir a feiras, 83% sempre e 17% eventualmente (lugar que, segundo os entrevistados, frequentavam semanalmente na companhia dos pais e, muitas vezes, para comercializar seus produtos e conhecer novos compradores). E, por fim, 100% afirmaram ir à casa de parentes semanalmente, 97% sempre e 3% eventualmente, conforme Tabela 7<sup>16</sup>.

<sup>15</sup> Fonte: MENEZES, P. K. Tabulação de dados do questionário, 2012.

<sup>16</sup> Fonte: MENEZES, P. K. Tabulação de dados do questionário, 2012.

Tabela 7 – Locais frequentados pelos jovens nos momentos de lazer e a frequência. Trindade, 2012.

Local	Nº de alunos	Total (%)	Frequência	Total (%)
Igreja	18	100	Sempre	67
			Eventualmente	33
Praça	11	61	Sempre	27
			Eventualmente	73
Shows / Festas	11	61	Sempre	10
			Eventualmente	90
Shopping / Cinema	10	56	Sempre	-
			Eventualmente	100
Lugares para encontrar os amigos	15	83	Sempre	33
			Eventualmente	67
Feiras	16	89	Sempre	83
			Eventualmente	17
Casa de parentes	18	100	Sempre	97
			Eventualmente	3

Muitos apontaram, também, a escola como um lugar para encontrar os amigos. Essa informação não circunscreve a escola a uma mera instituição de ensino, mas estende-a a um espaço de socialização. De acordo com Dayrell e Reis (2007), essa sociabilidade tende a ocorrer em um fluxo cotidiano, seja no ir e vir da escola seja nos intervalos no interior da instituição. Segundo o autor, é nessa criação de espaços e tempos intersticiais que os jovens acabam recriando momentos próprios de expressão da condição juvenil e articulando sua própria cultura.

É interessante destacar que 100% dos jovens afirmaram que em seu tempo livre vão à igreja (100% católicas) e à casa de parentes. E, quanto ao grupo social com o qual mais convivem, 56% afirmaram ser o grupo familiar e 28% afirmaram ser o grupo religioso, isso demonstra que, apesar das transformações sociais que vêm ocorrendo, o jovem do campo, em especial o de Trindade, tem a família e a igreja como principais meios de socialização. Comportamento semelhante é evidenciado por Novaes (2006), em sua análise do jovem nacional e por Paula (2013), ao analisar os jovens migrantes da Região Metropolitana de Goiânia. Segundo as autoras, a igreja e a família são as instituições sociais de maior confiança apontadas pelos jovens.

Em sua pesquisa, Paula (2013) constatou que os jovens migrantes na Região Metropolitana de Goiânia, assim como os jovens aqui pesquisados – moradores de áreas rurais do município de Trindade – constroem suas redes de sociabilidades associadas principalmente aos grupos da igreja, trabalho e escola. Ao procurarem por espaços de lazer nos lugares onde moram e em outros distantes, a autora reitera que os jovens também procuram *shoppings*, praças e igrejas. Dessa forma, tecem uma rede de sociabilidade e usufruem de uma dada urbanidade por meio de suas práticas espaciais.

Com relação ao campo e à cidade e como enxergam tais espaços e suas relações, dos jovens pesquisados, 100% afirmaram que são espaços que se complementam e se relacionam diariamente. Para os jovens, há sempre a relação de produção e trabalho de um para com o outro, elementos que intensificam o vai e vem entre os espaços e a troca de experiências. Ao falarem de sua concepção dos espaços, campo e cidade, os jovens em sua maioria se detiveram em questões ligadas principalmente à estrutura física e social de cada um. Desse modo, com relação ao campo, 50% disseram ser um espaço seguro, de pessoas sinceras e que se ajudam; 44% falaram que é um espaço de trabalho pesado, poucas oportunidades e infraestrutura escassa; 33% disseram que é um lugar de vida tranquila e bom para descansar, e 11% falaram que é o lugar destinado a produção, principalmente, de alimentos consumidos nas cidades. Quanto à cidade, 72% disseram que é um espaço com maiores oportunidades de trabalho e estudo, 44% afirmaram que é um lugar que oferece melhores condições de vida, 28% asseguraram ser um espaço de muita correria e aglomeração de pessoas e construções e 17% falaram que é um espaço de violência e egoísmo (as pessoas não se preocupam com as outras), conforme Tabela 8<sup>17</sup>.

Tabela 8 – O campo e a cidade para os jovens pesquisados. Trindade, 2012.

Campo			Cidade		
Visão	Nº de alunos	%	Visão	Nº de alunos	%
Lugar seguro e com pessoas sinceras e que se ajudam.	9	50	Espaço com maiores oportunidades de estudo e trabalho.	13	72
Espaço de trabalho pesado, poucas oportunidades e infraestrutura.	8	44	Lugar de melhores condições de vida.	8	44

<sup>17</sup> Fonte: MENEZES, P. K. Tabulação de dados do questionário, 2012.

Campo			Cidade		
Visão	Nº de alunos	%	Visão	Nº de alunos	%
Lugar de vida tranquila e bom pra descansar.	6	33	Lugar de grandes aglomerações, correria e vida estressada.	5	28
Lugar da produção.	2	11	Lugar perigoso e egoísta.	3	17

Podemos perceber, nas afirmações apresentadas pelo grupo de jovens observado no decorrer da pesquisa, que estes são indivíduos que, apesar de reconhecerem a complementaridade entre o campo e a cidade, ainda são influenciados pela visão de oposição entre os espaços. De um lado, os jovens afirmam manter uma sociabilidade diferenciada e uma aproximação com a terra típica das populações camponesas; do outro, enfatizam a ideia de avanço econômico e estrutural da cidade frente ao campo. Essas ideias entendemos estarem relacionadas às condições materiais (acesso a bens e serviços) do lugar onde moram. Reconhecemos o cuidado necessário com a generalização das situações, pois as condições sociais não são as mesmas para todos, no entanto é válido considerar esse ponto no decorrer das análises.

Desse modo, marcados por inseguranças, experiências cotidianas e preocupações futuras, os jovens observados no colégio e no seu grupo de amigos mostraram-se distintos, o que realçou a carência de observações cotidianas e individualizadas. Portanto, como descrito na metodologia desse trabalho, selecionamos três alunos desse grupo e observamos: suas atividades cotidianas, trajetórias espaciais, concepções de rural e urbano e perspectivas para o futuro. Tais aspectos mais a frente serão discutidos detalhadamente.

A seguir, apresentaremos as características do alunado camponês que estuda na Escola Municipal Cleonice Monteiro Wolney, localizada na região Noroeste de Goiânia.

### ***Escola Municipal Cleonice Monteiro Wolney***

No pequeno conjunto de chácaras, localizado em uma região periférica de Goiânia, é possível observar uma pequena movimentação nas ruas de acesso à escola. São 18h e 30min e o sol já se esconde no horizonte. Com o cair da noite, cresce um burburinho de vozes indicando o início das atividades noturnas na escola. Os alunos vão chegando lentamente, uns

a pé, outros de bicicleta ou moto e outros no transporte escolar fornecido pela prefeitura aos alunos que moram em áreas rurais mais afastadas da escola. É possível observar uma pequena agitação. Os alunos que chegaram, até esse momento, entram e vão se organizando em pequenos grupos espalhados pelo pátio, enquanto outros, acompanhados por profissionais da escola, caminham ao fundo. Como num ritual cotidiano, alguns alunos conversam, fazem brincadeiras uns com os outros, enquanto outros, lá no fundo da escola, colhem hortaliças que serão utilizadas na confecção do “lanche” servido a eles na hora do intervalo.

Rapazes e moças continuam chegando aos poucos, uns em grupo, outros sozinhos, cada um com seu estilo particular. Negros, brancos e mulatos se misturam ao entrarem na escola, a maioria são pessoas mais velhas, principalmente senhores, mas é possível identificar alguns mais jovens aparentando idades que variam de 19 a 24 anos. Muitos chegam acompanhados por seus cônjuges e filhos, ainda pequenos. Vestem-se de maneira variada, uns com uniforme, outros não, mas há uma predominância do jeans e tênis. Vão entrando pelo portão de ferro localizado entre árvores na frente da escola, com professores e demais funcionários.

A escola que ocupa todo um quarteirão é cercada por um muro alto pintado de verde e por várias árvores, e possui um amplo espaço interno que lhe confere uma aparência leve e aconchegante, conforme Fotografia 2. Vista de dentro, a escola tem um amplo pátio aberto, onde estão localizadas quatro mesas de concreto, cada uma com quatro bancos também construídos de concreto, além de dois outros bancos feitos de cimento. Todos estes ficam em frente à sala da coordenação e à cantina, localizadas logo após o estacionamento da escola, e formam um corredor que passa pelo pátio coberto e termina nos banheiros. Mais ao fundo da escola, estão localizadas a horta e a quadra aberta de esportes, que fica fechada à noite devido à falta de iluminação.



Fotografia 2 – Escola Municipal Cleonice Monteiro Wolney. Goiânia, 2013.  
Fonte: Acervo da Escola.

À noite, a escola se dedica ao ensino de alunos que cursam do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental no modelo Educação Fundamental de Adolescentes, Jovens e Adultos (EAJA), alunos estes que não demoram muito a entrar para suas respectivas salas de aula. A escola não toca nenhuma sirene, mas são 18h e 45min e os professores se direcionam às salas onde ministrarão sua primeira aula do turno. As salas estão distribuídas ao longo de um corredor no andar superior ao pátio, à coordenação e à cantina. Desse modo, os espaços externos às salas de aula vão ficando vazios e silenciosos.

Ao longo das cinco pequenas salas, os jovens se distribuem de acordo com sua turma e, com uma aparência meio apática, demonstram o cansaço oriundo do dia de trabalho. Essa apatia dá espaço a uma pequena agitação quando percebem a entrada de uma pessoa diferente na sala. São poucos alunos por turma. A que está sendo acompanhada é composta por 6 alunos e estes comentam entre eles o acontecimento, mas se calam quando a professora de Geografia, que acompanhei na fase inicial dessa pesquisa, explica o motivo dessa nova pessoa em sala. Apesar de apresentarem uma menor agitação, esses discentes comportam-se de maneira semelhante aos alunos observados por Dayrell (1996) e Souza (2012), inclusive aos descritos no tópico anterior.

Em uma sala apertada, pouco iluminada e com problemas de ventilação, a professora de Geografia inicia sua aula cujo tema é a “Formação do Continente Americano”, conteúdo iniciado na aula anterior, quando iniciaram a construção de mapas do continente. Alguns alunos demonstram interesse e outros que chegaram atrasados iniciam um burburinho no canto da sala, perguntando sobre o que tinha acontecido antes de eles chegarem e o que uma pessoa estranha fazia na sala. “É aluna nova?” – perguntou um dos alunos. A professora, após copiar no quadro alguns tópicos para orientar a discussão, explica a matéria, enquanto os alunos vão copiando em seus cadernos o que está sendo falado. Como a escola não destina aos alunos do turno noturno um livro didático, a professora entrega-lhes a cópia de um texto com parte do conteúdo trabalhado no dia. Avisada que o tempo da aula havia acabado, a docente sai da sala e se direciona a outra turma que, de maneira semelhante a outra, segue com as atividades diárias propostas pela escola.

Após a segunda aula, funcionárias da escola vão de sala em sala avisar que já é a “hora do lanche”, momento em que os alunos voltam ao pátio e se servem do lanche daquele dia. Divididos em pequenos grupos, sentam-se nos bancos e mesas enquanto comem e conversam com seus pares. Nesse momento, não é possível identificar muitas diferenças no comportamento entre jovens e adultos, estudantes dessa escola. Todos aproveitavam o intervalo para conversar uns com os outros e exercerem sua sociabilidade. Contudo, professores e alunos pouco se falam durante esse intervalo, sentados em mesas diferentes,

conversam com seu grupo, às vezes com um ar descontraído, outras vezes de forma mais séria.

Passados os quinze minutos de intervalo, os alunos são orientados pelos funcionários a voltarem para suas salas. Sem tumulto, voltam às aulas que seguem até 22h. Após a quarta aula, os alunos são liberados e, diferentemente do momento da chegada, a saída é marcada pelo agitado movimento do ônibus escolar, das motos e bicicletas, em meio às conversas de alunos e professores que de maneira amistosa se despedem e partem rumo a suas casas. Ao longo das ruas de acesso à escola, é possível acompanhar a imagem dos alunos – jovens e mais velhos – sumirem na penumbra da noite.

Com um grupo misturado (2 moças e 3 rapazes), formado por jovens com idade entre 19 e 24 anos que, até 2012, moravam em bairros próximos à escola e estavam matriculados nas turmas do 6º e 8º ano do Ensino Fundamental, era possível observar algumas peculiaridades que os diferenciavam de outros alunos do EAJA, matriculados na mesma escola. Os jovens ali observados apresentavam hábitos e falas simples, as moças, apesar de tímidas, portavam-se sempre de maneira atenciosa e com fala cuidadosa e os rapazes pareciam sempre preocupados em agir de forma respeitosa e reservada. Eram jovens que, apesar da pouca idade, carregavam uma farta bagagem de conhecimentos e marcas de uma entrada forçada na “vida de adulto”<sup>18</sup>.

Durante os encontros e as conversas realizadas no decorrer do segundo semestre de 2012, ao serem indagados sobre a intenção de prestarem vestibular, os estudantes não se mostraram interessados: apenas 1 (20%) respondeu que talvez prestasse vestibular e 4 (80%) responderam que não. Quando questionados quanto às expectativas para o futuro, 100% afirmaram continuar trabalhando; 4 (80%) querem ganhar dinheiro; 4 (80%) gostariam de comprar um lugar para a família morar; 3 (60%) pensam em qualificar-se para arrumar um trabalho melhor e 1 (20%) pretende cursar uma universidade. São afirmações que colocam o trabalho, a renda, a família e o estudo como centralidade na vida dos jovens observados. Essas preocupações são comuns aos jovens que assumem responsabilidades de uma “vida adulta”, conforme Novaes (2006) e Guimarães e Silva Jr. (2012).

Os jovens observados eram todos casados e com uma família composta por 2 ou 4 pessoas e renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos. Dos alunos investigados, 40% tem vencimentos de 1 salário mínimo (R\$ 678,00) e 60% tem renda familiar entre 2 salários mínimos (R\$ 1.356,00). São rendas familiares comuns entre os jovens trabalhadores no campo distribuídos pelo Brasil, como afirmam Guimarães e Silva Jr. (2012), após

---

<sup>18</sup> Termo utilizado por Novaes (2006), para destacar a vida marcada por grandes preocupações e grandes reponsabilidades atribuídas pela sociedade ao adulto, como: trabalho, família, contas etc.

levantamento sobre juventude, educação e trabalho no Brasil. Segundo os autores, é uma renda que pode ser vista como o cruzamento da trajetória escolar com a trajetória de construções de sobrevivência dos jovens do campo que, desde cedo, precisam trabalhar para completar o orçamento familiar e/ou sustentar a família.

Ao serem perguntados sobre as principais atividades desenvolvidas na propriedade onde moram e seu papel frente a elas, os jovens apontaram a produção de leite e derivados, criação de animais e o plantio de hortaliças. Quanto ao seu papel nessas atividades, 100% declararam trabalhar diretamente com tais atividades, uma vez que elas são a principal fonte de renda da família que, às vezes, é complementada pela venda de trabalhos manuais, conforme afirmam: “tiro o leite para minha mulher fazer o queijo”, “cuido da casa e da horta e trato das galinhas”, “faço tapete para vender”, “capino e roço a área”, “alimento os animais”, “gradeio a terra pra plantar”.

O fato de 100% dos jovens afirmarem não possuir computador chamou-nos a atenção. No entanto, há a presença massiva da TV e do rádio, que estão em 100% das residências pesquisadas, seguidos pelo telefone celular com 80%. São meios de comunicação que além de servirem como fontes de informação também são os mais utilizados pelos jovens nos momentos livres, conforme Tabela 9<sup>19</sup>.

Tabela 9 – Atividades MAIS realizadas nos momentos livres. Goiânia, 2012.

<b>Atividade</b>	<b>Nº de alunos</b>	<b>Total (%)</b>
Assistir televisão / filmes	5	100
Ouvir Rádio	5	100
Fazer outra atividade em casa	3	60
Praticar atividade física	1	20
Ler um livro	1	20

Ainda em relação aos seus momentos de lazer, quando questionados sobre os lugares que costumavam frequentar e a frequência com que iam a tais lugares, os jovens disseram frequentar 100% a igreja, 80% disseram ir sempre e 20% eventualmente; 40% disseram ir eventualmente à praça para encontrar os amigos; 60% afirmaram ir eventualmente a shows e/ou festas com a família, amigos ou parentes; 20% afirmaram ir eventualmente a lugares para encontrar os amigos; 80% afirmaram sempre ir a feiras, (lugar que, segundo os entrevistados, frequentavam na companhia de amigos, filhos e cônjuges, principalmente para comercializar

<sup>19</sup> Fonte: MENEZES, P. K. Tabulação de dados do questionário, 2012.

seus produtos, encontrar os conhecidos e comprar produtos para a casa). Por fim, 100% afirmaram ir à casa de parentes semanalmente, 60% sempre e 40% eventualmente, conforme Tabela 10<sup>20</sup>.

Tabela 10 – Locais frequentados pelos jovens nos momentos de lazer e a frequência. Goiânia, 2012.

Local	Nº de alunos	Total (%)	Frequência	Total (%)
Igreja	5	100	Sempre	80
			Eventualmente	20
Praça	2	40	Sempre	0
			Eventualmente	100
Shows / Festas	3	60	Sempre	0
			Eventualmente	100
Lugares para encontrar os amigos	1	20	Sempre	0
			Eventualmente	100
Feiras	4	80	Sempre	100
			Eventualmente	0
Casa de parentes	5	100	Sempre	60
			Eventualmente	40

Houve jovens que apontaram também a escola como um lugar para encontrar os amigos, colocando a escola como um espaço onde o jovem exerce sua sociabilidade, atividade vista por ele, também, como uma forma de lazer. Tal afirmação pode ser confirmada ao observarmos a fala de um dos alunos entrevistados.

*Apesar de não ser um lugar pra conversar, (risos) gosto de ir pra escola. Lá a gente conversa, encontra pessoas e descansa do trabalho de casa. [Aluna 05, Goiânia, 2012].*

É importante destacar que, assim como os jovens analisados por Novaes (2006) e Guimarães e Silva Jr. (2012), os jovens aqui observados apresentam forte ligação com a igreja e com a família, uma vez que 100% afirmaram frequentar a igreja (60% frequentam igrejas católicas e 40% frequentam igrejas evangélicas) e vão à casa de familiares em seu tempo

<sup>20</sup> Fonte: MENEZES, P. K., Tabulação de dados do questionário, 2012.

livre. Essa ligação também é expressiva quando os jovens respondem com qual grupo social eles mais convivem: 100% dos jovens afirmam ser o grupo familiar; 60% o grupo religioso e 20% o grupo escolar. Essas informações, de acordo com Guimarães e Silva Jr. (2012), são dados relevantes para a compreensão do pensamento dos jovens.

Ao serem perguntados sobre como enxergam o campo e a cidade e as suas relações, 100% dos jovens afirmaram que os dois são espaços que se complementam e que se relacionam constantemente no dia a dia. Apesar de se prenderem a uma visão de troca de produção e trabalho, segundo a qual, o campo é visto principalmente como fornecedor de matéria prima, os jovens também apontam um olhar para a relação social entre os dois espaços. Desse modo, ao falarem do campo, 100% afirmaram que é um espaço de muito trabalho pesado e poucas oportunidades; 80% afirmaram ser um lugar tranquilo e seguro; 80% disseram ser o lugar destinado à produção de matéria prima para as grandes indústrias e comércios da cidade. Com relação à cidade, 80% afirmaram ser o lugar com as maiores oportunidades de emprego e de estudo; 80% disseram que é um espaço violento e inseguro; 60% afirmaram ser um lugar de grandes aglomerações de pessoas e carros; conforme Tabela 11<sup>21</sup>.

Tabela 11 – O campo e a cidade para os jovens pesquisados. Goiânia, 2012.

Campo			Cidade		
Visão	Nº de alunos	%	Visão	Nº de alunos	%
Espaço de muito trabalho pesado e poucas oportunidades.	5	100	Lugar com maiores oportunidades de estudo e trabalho.	4	80
Lugar seguro e tranquilo.	4	80	Espaço violento e inseguro.	4	80
Lugar destinado a produção de matéria prima para as grandes indústrias e comércios da cidade	4	80	Lugar de grandes aglomerações de pessoas e carros.	3	60

Podemos perceber, nas afirmações apresentadas pelo grupo de jovens observado no decorrer da pesquisa, que apesar de morarem no município de Goiânia, a capital do estado, são indivíduos que visualizam uma oposição entre os espaços. São sujeitos que, em suas falas,

<sup>21</sup> Fonte: MENEZES, P. K. Tabulação de dados do questionário, 2012.

desenvolvem uma relação muito forte com o trabalho e com o espaço onde vivem. E, apesar de perceberem o peso e as dificuldades impostas por esses espaços, eles os associam a uma necessidade à condição de vida. Os jovens afirmam abdicarem das oportunidades de buscar trabalho nas cidades, para assegurarem uma vida boa e tranquila à sua família, como demonstra a fala seguir.

*Eu trabalho duro aqui, acordo cedo, ando muito e pego no pesado junto com a minha mulher todo dia até tarde. É cansativo? É. Às vezes dá desânimo? Dá. Mas, me diz o que adianta eu sair da fazenda onde eu moro com a minha família, e trabalho do jeito que eu sei pra ir morar numa cidade como Goiânia, onde não vou ter a casa pra morar, não vou encontrar trabalho pra fazer e ainda corro o risco de ver meus filhos perdidos igual uns que existem por aí? Não adianta ir morar na cidade, que tem tudo de bom pra te oferecer, se você não tem condição de usar. [Aluno 04, Goiânia, 2012]*

Para Guimarães e Silva Jr. (2012), essa é uma visão que vem muito associada à educação e à expectativa de melhores condições de vida que, para o homem do campo, não vem sem muito trabalho e abdição.

Enfim, ao observar as marcas das experiências cotidianas e as preocupações futuras dos jovens observados na escola e no seu grupo de amigos, foi possível perceber a necessidade de uma abordagem individual e cotidiana. Portanto, como descrito na metodologia desse trabalho, selecionamos dois alunos desse grupo e os acompanhamos em suas atividades cotidianas; traçamos suas trajetórias espaciais e procuramos identificar sua concepção de rural e urbano, além de suas perspectivas para o futuro. Essa análise apresentaremos mais a frente de maneira detalhada.

### **3.2 O município de Trindade no contexto da Região Metropolitana de Goiânia**

Para compreendermos o atual contexto dos espaços de vivência dos jovens trindadenses, moradores do Distrito de Santa Maria e das Comunidades Rurais do Cedro e Bugre, cujo cotidiano acompanhamos, acreditamos ser necessária uma breve apresentação do município de Trindade, assim como de sua relação com a Região Metropolitana de Goiânia.

Trindade tem sua história iniciada por volta de 1840, como afirma o IBGE. Nesse período, segundo o Instituto e a partir de uma abordagem fundamentada no que Marilena Chauí chama de “mito fundador”<sup>22</sup>, já existia nas terras pertencentes a Campinas um pequeno aglomerado urbano que margeava o córrego conhecido como Barro Preto e por essa designação o grupo era nomeado. Nesse lugar, viviam famílias que se dedicavam às atividades com a terra e que um dia, ao roçar o pasto, encontraram um medalhão de barro, em que estava gravada a imagem da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria. A partir de então, em 1843, começaram as rezas do terço diante do Medalhão e o então dono das terras, “Constantino Xavier”, dirigiu a construção de uma capela a fim de abrigar os moradores.

Com um grande número de milagres alcançados sob a invocação do Divino Pai Eterno, houve a atração de inúmeros fiéis, que chegavam de diferentes partes do estado de Goiás. Com a constante chegada de pessoas, em 1866, a partir de donativos dos fiéis, foi construída uma capela em alvenaria e as terras foram doadas para a formação do Patrimônio da Capela do Divino Pai Eterno. Nesse momento, o povoado passava a se denominar como Trindade, fazendo relação à Tríade Divina, e a atrair, cada vez mais, grandes romarias ao povoado que, em 1920, passava à categoria de Vila e em 1927 a adquirir os foros de cidade.

A história de Trindade, como foi demonstrada, desde o princípio, foi marcada por fortes expressões religiosas, característica que, de acordo com Teixeira Neto (2002), a diferencia quanto ao processo de povoamento de várias partes do interior de Goiás. Afinal, ao surgir em consequência das romarias em homenagem ao Divino Pai Eterno, Trindade teve um espetacular movimento de povoamento e colonização espontânea. Povoamento que, para o autor, não está relacionado às principais frentes de ocupação ligadas à mineração e expansão agropecuária, pois, apesar das primeiras famílias terem saído da região de Pirenópolis em direção à Trindade em busca do ouro, não foi ligado a esse processo que grande parte da população se fixou na região.

Desse modo, com as atividades inicialmente ligadas à agricultura de subsistência, que contribuía para a sustentação econômica do lugar, Trindade, com o intenso processo de povoamento por meio das constantes romarias, foi se desenvolvendo também pela intensa participação do comércio na região. Com a realização de feiras nas “festas de santo”, hábito

---

<sup>22</sup> Para Marilena Chauí, (2000, p.6) “Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo.” Conforme destaca em sua obra, o mito fundador oferece um repertório inicial de representações da realidade, e em cada momento da formação histórica esses elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de uma hierarquia interna como a ampliação de seu sentido. Para a autora, é dessa forma que as ideologias que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação – entendida como a história propriamente dita – alimenta-se das representações produzidas pela fundação – referente ao momento passado imaginário –, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica. Dessa forma, sob novas roupagens o mito pode repetir-se indefinidamente.

que, segundo Maia e Coelho (2006), refere-se a um fenômeno tanto do mundo rural quanto do mundo urbano. Quando se investigam as tradições festivas, Trindade foi se firmando economicamente e construindo seu contexto social, em meio à associação do comércio às atividades agropastoris que, conforme texto apresentado por Santos (1976 *apud* RODRIGUES, 2007, p. 39), já vinha se tornando expressivo desde os períodos coloniais, quando o atual município já realizava exportações a outros estados.

[...] Uma nota oficial do Governo Provincial, em 1859, comunicava ao Vigário de Campinas o recebimento de ofício com mapa estatístico sobre a criação de gado na paróquia. Licardino de Oliveira Nei, informava que, na década de 1900, seu progenitor Manoel Antônio de Oliveira, tendo-se transferido de Minas Gerais para Barro Preto, a atual Trindade, em 1895, iniciou a vida vendendo porcos para Jataí, tropas de burro, fumo, açúcar e café para Cuiabá.

Emaranhada em uma teia de interesses particulares e coletivos, estatais e religiosos, emotivos e racionais, Trindade foi se consolidando enquanto unidade político-administrativa de forma conflituosa e pouco ligada aos agentes internos de suas fronteiras. Com justificativas muitas vezes de cunho religioso, mais do que político e econômico, de acordo com Rodrigues (2007), o município foi pautando-se em dogmas e crenças que, ao longo da história, ultrapassaram as fronteiras do estado.

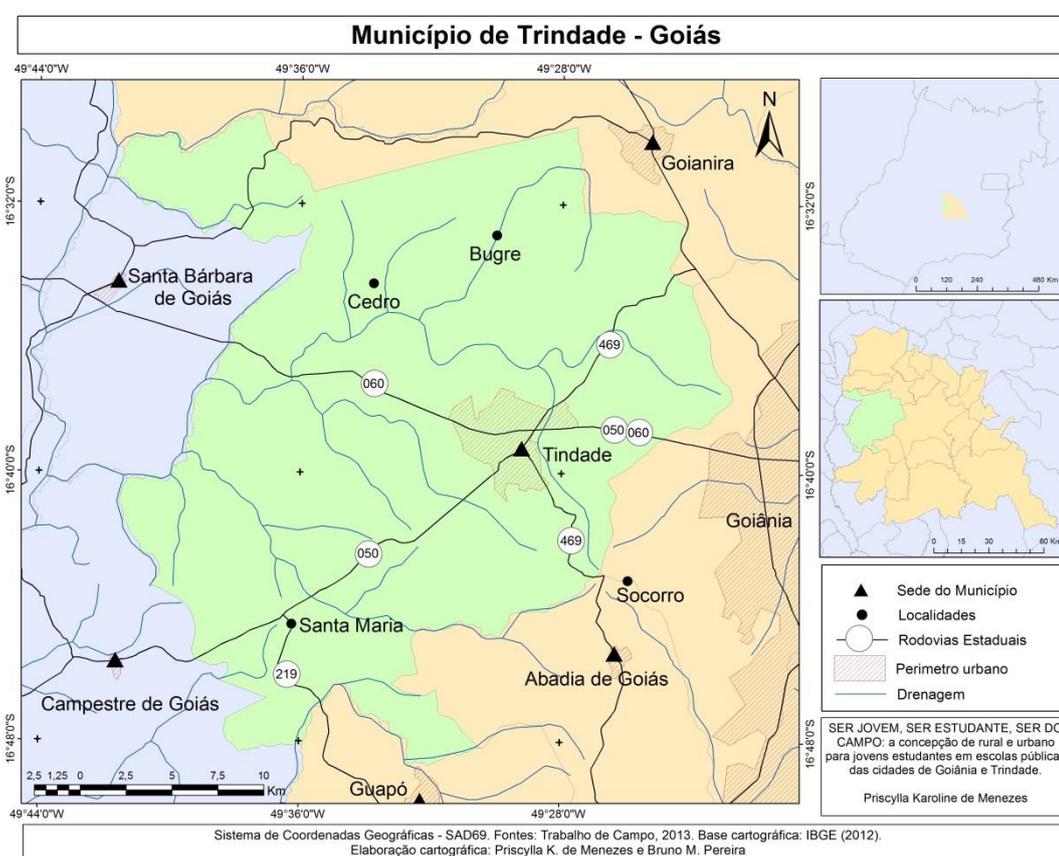
Por estar diretamente ligada à Goiânia, Trindade, que em sua história foi arraial de Barro Preto no final do século XIX, distrito de Campinas em 1909, e depois distrito de Goiânia de 1938 a 1943, passou por uma série de fragmentações territoriais, que não se prenderam somente ao seu caráter físico, mas influenciaram também suas relações socioculturais. Desse modo, antigos territórios davam lugar a novos que, por sua vez, também se reconfiguravam. Rodrigues (Ibid), ao analisar as relações de Trindade com a nova capital, observou que o município sofreu uma forte subtração em seu território com a emancipação dos municípios de Campestre e Santa Bárbara de Goiás.

Incorporando cada vez mais os organismos político-administrativos que chegavam com a urbanização acelerada da região, provocada principalmente pela construção da nova capital, a população trindadense pôde conviver com constantes processos de alteração do território e de sua economia em virtude do ambiente estabelecido. Essas alterações não se restringiram apenas à reorganização territorial de Trindade, mas modificaram também toda sua dinâmica socioespacial e as relações entre o campo e a cidade.

Com um rápido processo de expansão urbana, Trindade passou não só a depender de sua produção agropastoril, mas também dos romeiros que ali participavam do comércio. Por estar tão próximo de Goiânia que, com seu ritmo acelerado, foi regendo o crescimento das

áreas próximas com seu comportamento de metrópole, o município passou a receber indústrias que passaram a se instalar na região a fim de aproveitar o grande mercado existente na capital administrativa de Goiás.

Desse modo, Trindade foi se tornando um município de grande expressão na Região Metropolitana de Goiânia (RMG). Formado principalmente pela sede administrativa, pelo Distrito de Santa Maria e por suas comunidades rurais: Cedro, Bugre, e Arrozal, conforme demonstrado no Mapa 3, o município atualmente tem uma extensão de 719,75 km<sup>2</sup>, de acordo com a Superintendência de Estatística Pesquisa e Informação (SEPIN), e reúne junto aos municípios de Goiânia e Aparecida de Goiânia cerca de 93% da população urbana da RMG, segundo o Censo 2010.



Mapa 3 – Município de Trindade – Goiás  
Fonte: Adaptação IBGE, 2013.

Apesar de toda sua relação com a Região Metropolitana, Trindade ainda não desfruta de uma homogeneidade urbana ou rural, pois suas configurações espaciais se entrecruzam. Assim, é um município composto tanto por áreas urbanas quanto por áreas rurais, apresentando, por meio de seu distrito, Santa Maria, e das comunidades rurais Cedro e Bugre,

características que nos fazem lembrar as palavras de Silva (2008), quando trata da dinâmica da vida nas pequenas localidades – em seu estudo sobre os distritos goianos Cibebe e Caiçara – comum à grande parte do território goiano:

Seja como vila, pouso, patrimônio agrícola, povoados, ou até mesmo comércio, o que caracteriza a existência desses lugares – além da indefinição da nomeação – é justamente a multiplicidade de funções que se traduzem a cada tempo, nas diferentes atividades neles exercidas. De certo modo, a convivência entre operações antagônicas: moderno/rudimentar e exportação/subsistência sempre foi presença constante nestas vilas. A religiosidade, a possibilidade do encontro e o estabelecimento de trocas comerciais e de dádivas existenciais, a realização das festividades, de casamentos, enterros e demais rituais domésticos – íntimos e sociais – coletivos produzem uma dinâmica social que se recria a cada tempo, desenhando no espaço essas alterações. (SILVA, 2008, p. 90-91).

Com um comportamento nada linear quanto ao número de sua população, Trindade teve seu crescimento populacional, segundo dados do IBGE, variando entre momentos de aceleração, repulsão e lenta migração. Sob uma forte influência do processo de urbanização levado à região a partir da construção de Goiânia na década de 1930, Trindade recebeu grande número de migrantes nesse período. Consoante dados do IBGE, essa migração ainda não finalizou, uma vez que, de acordo com o estudo realizado pelo Instituto em 2010, Trindade aparece ainda nos dias de hoje como um dos três municípios da RMG que mais recebem pessoas com o objetivo de conseguir melhores condições de vida e trabalho.

É importante destacar que houve, ainda, pessoas que chegaram à Trindade por já não poderem morar em Goiânia, devido ao decreto Lei nº 11 de 06.03.1944 – que proibia a criação de novo loteamentos em Goiânia, para fins de construção, por um período de cinco anos. Tal determinação não afetava Trindade, uma vez que já era um município emancipado e livre das leis municipais da capital, como bem demonstrou Paula (2003, p. 30) em suas análises.

Na década de 1940, a estrutura urbana da cidade intensifica-se, e são realizadas as primeiras obras de infraestrutura da nova capital, em setembro de 1940. Nesse período há um crescente parcelamento na zona suburbana da cidade, fato que levou Pedro Ludovico Teixeira, ainda interventor do estado de Goiás, a proibir novos loteamentos urbanos para fins de construção por prazo de cinco anos – decreto Lei n. 11, de 03/06/1944.

Dessa forma, Trindade acabou recebendo um grande número de pessoas que buscavam cidades próximas à nova capital e aos centros econômicos e, conseqüentemente inchavam sua população. Em decorrência dessa constante atração, o município trindadense passou a atrair indústrias, que contavam com grandes incentivos estatais e municipais, fatores que foram alterando novamente toda sua estrutura socioespacial. Nesse contexto, o município passou a se organizar principalmente em função da economia da atividade terciária. Esse tipo de

atividade, segundo Deus (2002), é de elevada importância para as áreas urbanas, pois cria condições para a apropriação de mais-valia por meio do comércio e redes locais e globais.

Assim, o município de Trindade foi se estruturando territorial e socialmente a partir das relações entre seus espaços urbanos e rurais e, com isso, reforçando a estreita relação entre campo e cidade. Contando com uma parcela da população cujas relações se efetivam tanto em áreas complementares quanto distintas do rural e do urbano, como é o caso dos jovens estudados nesta pesquisa, ainda é possível visualizar, próximo ao centro da cidade, áreas cujas ruralidades se afirmam. Sejam elas em movimentos sociais cotidianos, como os meios de transporte e a comercialização de produtos primários (hortaliças e tubérculos), além de pequenos animais, sejam nos momentos de lazer nos finais de semana – quando é comum encontrar pela cidade jovens e adultos organizados em grupos de cavalgadas.

### **3.2.1 O jovem e seu espaço de vivência no Distrito de Santa Maria e as Comunidades Rurais do Bugre e Cedro em Trindade/RMG**

A partir do acompanhamento das atividades cotidianas dos jovens selecionados em Trindade, realizado no decorrer do primeiro semestre de 2013, conforme explicado na discussão dos aspectos metodológicos da pesquisa, na introdução, foi possível observar e estudar um pouco os espaços de vivência de cada jovem analisado.

Marcados por uma baixa concentração populacional, se comparados à sede do município, as comunidades rurais Cedro e Bugre e o Distrito de Santa Maria, em Trindade, são compostos principalmente por famílias que vivem em pequenas propriedades rurais. Contudo, à exceção do Bugre, não são espaços que se restringem às atividades rurais. Com comércios, escola, Posto de Saúde da Família (PSF), igreja, indústria e uma significativa produção agropecuária, o Distrito de Santa Maria e o Cedro têm uma dinâmica diferente no município.

Fundados entre as décadas de 1920 e 1940, o Distrito de Santa Maria e as comunidades rurais Cedro e Bugre são resultado das constantes fragmentações que o município de Trindade sofreu nesse período. Caracterizados, segundo a Lei de Zoneamento do município (Lei nº 1.279/08), como áreas em Zona de Desenvolvimento Rural, são espaços cujas atividades econômicas se misturam. Localizados em três das quatro regiões temáticas apresentadas pelo Mapa de Regionalização Rural do município (cf. Anexo 1), Bugre, Cedro e

Santa Maria têm, em seu espaço, áreas rurais utilizadas pela agricultura e pecuária, áreas industrializadas – com presença de laticínios –, áreas que apresentam um tecido urbano e áreas cujas atividades são destinadas ao lazer, como: pesque-pague e fazendas reestruturadas para realização de festas e ecoturismo. Essa estruturação, segundo Graziano da Silva e Del Grossi (1999), após analisarem o novo rural brasileiro, é fruto de profundas transformações oriundas do avanço da modernização agrícola e de novas atividades em seu interior. De acordo com os autores,

[...] o avanço da modernização das atividades agropecuárias, via de regra, está associado à integração da unidade produtiva às redes de produção, cada vez mais especializadas, visando atender "nichos" ou segmentos de mercados. [...] A procura pelas áreas rurais não é exclusividade das indústrias. Há também uma nova onda de valorização do espaço rural, capitaneados por questões ecológicas, preservação da cultura "country", lazer, turismo ou para moradia. Observa-se em todo o mundo uma preocupação crescente com a preservação ambiental que estimulou novo filão do turismo: o ecológico. A nova forma de valorização do espaço vem a remodelar as atividades ali existentes, em função da preservação ambiental e do atendimento aos turistas. (GRAZIANO DA SILVA e DEL GROSSI, 1999, p. 165-166).

O Distrito de Santa Maria, localizado a sudoeste da cidade de Trindade, cujo acesso é feito pelas GOs 050 e 219, é uma região que, segundo o Plano Diretor de Trindade elaborado em 2008, caracteriza-se por terras de média fertilidade e com extensa atividade agropecuária, principalmente, a bovinocultura de leite e grandes lavouras de soja e cana-de-açúcar. Com propriedades cuja dimensão fica em torno de 19 hectares, que nos permite classificá-las como pequenas propriedades rurais, na concepção do INCRA (2003), o Distrito de Santa Maria associa às práticas agropastoris um intenso processo de urbanização que, para a Prefeitura de Trindade, foi intensificado a partir da década de 1990.

Segundo histórico relatado pela Prefeitura de Trindade, o Distrito de Santa Maria teve sua origem em meados da década de 1920. Localizado a 18 km da sede do município e a 10 km de Campestre, o Distrito tem atualmente um espaço cujas estruturas tomam formas que lembram uma pequena cidade do interior de Goiás. Com uma igreja localizada ao centro, Santa Maria organizou seu loteamento em volta, comportamento que, consoante Teixeira Neto (2004), é comum à maioria das cidades goianas que, muitas vezes, foram construídas a partir da doação de terra a um Santo, o que estimulava o loteamento em terras vizinhas. Próximos à igreja, estão centralizados os principais equipamentos de atendimento ao público, como: escola, praça, comércio e PSF, conforme mostram a Fotografia 3 e o Mapa no Anexo 2.



Fotografia 3 – Praça da Igreja, Distrito de Santa Maria. Trindade – Goiás, 2013.  
Fonte: Acervo pessoal, 2013.

De acordo com o levantamento feito pela Prefeitura de Trindade em 2010, o Distrito de Santa Maria tem hoje sua malha urbana composta por cerca de 120 famílias, distribuídas em um território com o uso predominantemente residencial, que conta com 100% das moradias atendidas por água tratada, iluminação pública e ruas asfaltadas. Ainda, no mesmo levantamento, consta que se trata de uma região marcada pela grande maioria de residências com baixo padrão construtivo, conforme Anexo 2.

Como grande parte da população que mora na malha urbana do Distrito tem uma origem no campo e hoje trabalha nas fazendas e chácaras do próprio Distrito ou em fazendas próximas. Consoante levantamento feito entre os moradores de Santa Maria, é comum encontrar na parte urbana do Distrito resquícios de ruralidades. Máquinas agrícolas utilizadas no período da colheita, plantações no quintal, visando ao abastecimento do comércio local e o consumo por parte das famílias que lá residem, bem como a opção pela cerca de arame no lugar dos muros são uma constante no Distrito de Santa Maria, como demonstram as Fotografias 4, 5, 6 e 7.



Fotografia 4 – Maquinário agrícola nos quintais do Distrito de Santa Maria. Trindade – Goiás, 2013.  
Fonte: Acervo pessoal, 2013.



Fotografia 5 – Rua e Infraestrutura do Distrito de Santa Maria. Trindade – Goiás, 2013.  
Fonte: Acervo pessoal, 2013.



Fotografia 6 – Hortaliça cultivada no quintal Santa Maria. Trindade - Goiás, 2013.  
Fonte: Acervo pessoal, 2013.



Fotografia 7 – Temperos cultivados no quintal Santa Maria. Trindade - Goiás, 2013.  
Fonte: Fonte: Acervo pessoal, 2013.

No entanto, também é comum encontrar casos de pessoas, principalmente entre os jovens, que precisam estudar fora do Distrito de Santa Maria, que saem cedo geralmente rumo às cidades de Trindade ou Campestre e voltam no final da tarde ou à noite após sua jornada de trabalho e/ou estudo. Esse comportamento é adquirido por muitos dos jovens, ao iniciarem a segunda fase do Ensino Fundamental, e que continuam “fora do campo” quando terminam os estudos e optam por trabalhar na cidade em atividades menos fatigantes, com melhores remuneração e condições de trabalho.

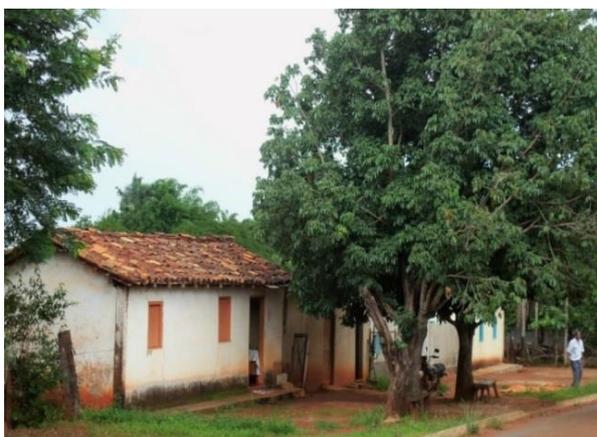
É certo que não são todos que têm a condição de optar pelo trabalho na cidade, contudo é importante considerarmos que, assim como Carneiro (2007) averiguou em seu estudo sobre a juventude e as novas mentalidades no cenário rural, é comum perceber entre os jovens residentes no campo que trabalham na cidade uma demanda semelhante às de jovens urbanos, o que acaba influenciando em sua sociabilidade. A compra de roupas, equipamentos de som e bens materiais, muitas vezes associados aos grupos com os quais se relacionam na cidade, passa a ser associada ao maior poder de sociabilidade desses jovens em Santa Maria. Com isso, eles exercem uma forte atração sobre os demais que passam a desejar o trabalho na cidade.

Em um contexto semelhante também estão os jovens que moram na comunidade rural Cedro e estudam e/ou trabalham na cidade. Cedro que está localizada a noroeste da cidade de Trindade, cujo acesso é feito pelas GOs 060 e 441, é uma região que, segundo o Plano Diretor de Trindade elaborado em 2008, caracteriza-se por suas terras de média e boa fertilidade,

utilizadas principalmente por lavouras de médio porte, bovinocultura de leite e eventuais áreas destinadas ao turismo rural.

Com propriedades cuja dimensão fica em torno de 3 hectares, áreas consideradas, pelo cadastro realizado pelo INCRA (2003), como pequenas propriedades rurais no município de Trindade, a comunidade rural Cedro tem seu território voltado principalmente para as atividades agropecuárias. Contudo, é uma área cuja população também busca por novas dinâmicas econômicas, é o caso dos pesque-pague e hotéis fazendas que surgem na região. Isso nos permite pensar nas discussões tecidas por Graziano da Silva e Del Grossi (1999, p. 170) sobre o “novo rural” que, com seu “conjunto de atividades não-agrícolas, ligadas à moradia, ao lazer e a várias atividades de prestação de serviço”, traz um novo olhar ao campo.

Localizada a 22 km da cidade de Trindade, a comunidade rural Cedro, conforme assinalam Silveira e Campos (2012), surgiu no início da década de 1940, a partir da doação de terras pelo fazendeiro Otaviano Alves de Carvalho para a construção de uma igreja em louvor a São Sebastião, seu santo de devoção. Trata-se de uma construção antiga que se une as outras em cores pálidas e estruturas simples, construídas em adobe, envelhecidas pelo tempo e ainda não cercadas por muros que são tão comuns nas construções atuais. A igreja, assim como as velhas casas, demonstradas nas Fotografias 8 e 9, dá um ar interiorano e nostálgico à região.



Fotografia 8 – Habitações. Cedro, Trindade - Goiás, 2013.  
Fonte: Acervo pessoal, 2013.



Fotografia 9 – Igreja de São Sebastião. Cedro, Trindade - Goiás, 2013.  
Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Com uma malha urbana composta por cerca de 40 famílias, no levantamento estatístico feito pela Prefeitura de Trindade em 2010, e uma estrutura típica de pequenas

idades do interior, Cedro tem uma população que traz consigo a continuação de tradições que aprenderam nos tempos em que moravam no campo e trabalhavam com a terra em busca de fartura. Com suas hortas no fundo do quintal, criação de pequenos animais, entre eles, porcos, carneiros e galinhas, e pequenas plantações de milho, os moradores da comunidade rural Cedro mantêm hábitos aprendidos na juventude, quando moravam em fazendas e trabalhavam na roça da família ou de seus patrões. Com estreita relação com os vizinhos, os moradores desta comunidade aproveitam as conversas ao final da tarde e utilizam-se de mutirões entre amigos para realizarem atividades extras nas propriedades vizinhas. Segundo os moradores locais, é comum ver grupos unidos a fim de ajudar um determinado morador da região, ou mesmo se reunirem na organização de festas na comunidade, principalmente, festas religiosas em devoção ao Divino Pai Eterno e a São Sebastião, momento em que aproveitam para a realização de mutirões para benfeitorias à igreja e à comunidade.

A relação do homem do campo com a religião, de acordo com Moreira e Silva (2010), há muito tempo é também uma forma de socialização e uma maneira de sair da rotina e do isolamento causado pelo trabalho duro no campo. Essa relação é notória na comunidade rural Cedro que, após a missa e nos períodos de festas religiosas, se enche de vida e alegria, com moradores e romeiros se misturando em frente à igreja de São Sebastião e nos espaços públicos de sua malha urbana. É comum, durante a festa tradicional em homenagem à Santíssima Trindade, a essa comunidade rural servir de “pouso” aos romeiros que vêm de outros municípios em seus carros de boi. Estes romeiros, após longas caminhadas, são recebidos com festa e admiração pela fé e devoção, como se compusessem uma mesma congregação.

Como demonstram as Fotografias 10 e 11, os moradores da região recebem homens e seus animais e servem almoço e espaço para descanso. Durante a festa do Divino Pai Eterno, em especial, é possível montarem acampamentos e ranchos onde fiéis se reúnem entre festas e rezas em agradecimento ao santo.



Fotografia 10 – Chegada dos carros de boi durante a festa do Divino Pai Eterno. Cedro, Trindade – Goiás, 2013. Fonte: Acervo pessoal, 2013.



Fotografia 11 – Almoço servido aos carreiros durante a Festa do Divino Pai Eterno. Cedro, Trindade – Goiás, 2013. Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Nesse contexto, conseguimos identificar alguns aspectos/elementos dos pensamentos e comportamentos sociais que influenciam diretamente os jovens e suas condições juvenis. Os jovens que moram na comunidade rural Cedro demonstram a cultura legítima trazida pela família e o orgulho em participar das manifestações sociais que ali ocorrem. Contudo, são indivíduos que para estudar necessitam sair diariamente rumo à cidade de Trindade, o que, segundo os moradores, influencia muito em suas escolhas e posicionamentos frente ao contexto social. Muitos jovens preferem não continuar com o trabalho no campo e julgam melhor os serviços nas cidades que lhe oferecem melhor retorno financeiro e promoção social.

Ao refletir sobre algumas ações dos jovens observados na comunidade rural Cedro, remetemo-nos às “disposições incorporadas” de Bourdieu (2011, p. 23), as quais se materializam em impulsos para fazer algo de determinada forma, muitas vezes, passada pela família ou conectadas às condições sociais e culturais em que estão inseridos. *Habitus*<sup>23</sup> que, segundo o autor, pode ser modificado quando as condições

<sup>23</sup> Conceito desenvolvido por Bourdieu (2003), a partir da necessidade de se compreender as relações de afinidade entre as disposições incorporadas pelos sujeitos sociais ao longo de seu processo de socialização. Para o autor, *habitus* é um produto da história, “[...] um sistema de disposições aberto, permanentemente afrontado a experiências novas e permanentemente afetados por elas. Ele é durável, mas não imutável”. (BOURDIEU, 2003, p. 83).

sociais e históricas são alteradas, uma vez que o indivíduo passa a incorporar outros esquemas de percepção e ação que contribui ou transforma as estruturas sociais.

Ao falar do *habitus*, Bourdieu (2011) busca as condições entre a ação individual e as condições sociais e/ou culturais da sociedade. No que se refere à sua inserção no processo educativo que, como dissemos anteriormente, não ocorre apenas nos ambientes escolares – o *habitus*, segundo o autor, é incorporado sobretudo pela educação familiar e as estratégias de classe. Contudo, podem ser provenientes também da educação escolar, da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa, no caso dos jovens estudados, principalmente a TV e o rádio, que se alteram quando as condições sociais e históricas são alteradas. Essas constantes alterações sociais e históricas, que se refletem também no sistema de ensino, são pontos importantes para a reflexão dos jovens analisados neste estudo, sobretudo os jovens moradores da comunidade rural Bugre.

Localizada na porção norte do município de Trindade, a uma distância de 27 km da sede do município e a 12 km de Goianira, a comunidade rural Bugre, cujo acesso é feito principalmente pela GO 441, é uma região que, de acordo com o Plano Diretor de Trindade elaborado em 2008, caracteriza-se por terras planas e férteis, com extensa atividade agropecuária e Áreas de Preservação Permanente (APP). Situada próxima ao Córrego do Bugre – um dos principais mananciais de abastecimento de Trindade, a comunidade rural Bugre tem suas propriedades com dimensões que variam em torno de 5 hectares, extensão que nos permite considerá-las como pequenas propriedades rurais, segundo a classificação feita pelo INCRA em 2003.

Com uma economia baseada na bovinocultura leiteira, a comunidade rural do Bugre não conta com os serviços de atendimento social e infraestrutura, como: escola, posto de saúde, agentes comunitários, iluminação pública, asfalto ou transporte coletivo. Com sua origem datada em meados da década de 1940, a partir da doação de terras para a construção de uma igreja em louvor à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Bugre também se estruturou com a igreja ao centro, assim como Santa Maria e Cedro. Contudo, diferenciou-se das demais regiões apresentadas por não se constituir nos moldes urbanos. A comunidade rural Bugre, inicialmente formada por parentes e agregados, firmou-se como um aglomerado de chácaras.

Com uma população composta atualmente por cerca de 20 famílias que se distribuem em chácaras na região, segundo levantamento feito pela Prefeitura de Trindade em 2010, a comunidade rural Bugre tem uma população que se dedica principalmente às atividades agropastoris e ainda cultivam suas tradições. Distribuídos

em moradias simples e próximas às hortas e plantações de milho, mandioca e cana-de-açúcar (cf. Fotografias 12 e 13) que são utilizados na propriedade para alimentação da família e dos animais e na produção de derivados para comercialização, os moradores do Bugre, assim como os de Santa Maria e Cedro, têm forte ligação com as festas religiosas da região.



Fotografia 12 – Casa de moagem. Bugre, Trindade – Goiás, 2013. Fonte: Acervo pessoal, 2013.



Fotografia 13 – Plantação de milho. Bugre, Trindade – Goiás, 2013. Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Durante as festas religiosas, como a Festa do Divino Pai Eterno, as festas juninas e a Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, é possível perceber uma singular manifestação de fé e alegria entre os moradores. Movidos igualmente pela tradição cultural, os jovens que ali residem se unem à manifestação e identificam aquele momento também como uma importante maneira de socialização com seus pares.

É comum perceber entre os jovens ali envolvidos a influência do rural e do urbano, pois são indivíduos que transitam diariamente pelo campo e pela cidade e que comumente trazem alterações às manifestações culturais locais. Atrelados à cultura tradicional que vivenciam no campo e com suas famílias e encantados pela cultura urbana, os jovens levam com eles uma releitura do espaço e de suas tradições. Esta, mesmo de modo conflitivo, auxilia uma frequente reconstrução cultural na sociedade.

Componentes de uma região que está sob a forte influência da metrópole Goiânia, as comunidades rurais Bugre e Cedro e o Distrito de Santa Maria têm também

fortes relações socioculturais com o histórico religioso do município de Trindade. Esses elementos julgamos importantes e devem ser considerados, uma vez que se associam diretamente à dinâmica espacial dos jovens observados, à sua formação social e juventude. Desse modo, no próximo tópico, faremos uma breve apresentação do município de Trindade, quanto ao seu contexto histórico e à sua posição enquanto município da Região Metropolitana de Goiânia.

### **3.2.2 A trajetória das jovens de Trindade: o cotidiano, a perspectiva e a concepção do campo e da cidade.**

Antes de apresentarmos as principais características das jovens residentes nessas localidades que foram acompanhadas em suas trajetórias cotidianas, cabe ressaltar que nessa parte da pesquisa optamos por apresentar os dados de cada uma delas separadamente e chamá-las pelo número de sua observação. As três alunas selecionadas, conforme descrito na metodologia, foram estudantes do Colégio Estadual Divino Pai Eterno, em 2012, e moram nas áreas rurais do município de Trindade, na Região Metropolitana de Goiânia. Essa forma de apresentação se justifica pelo fato de que, apesar das semelhanças quanto ao gênero, faixa etária e tipo de moradia, as jovens apresentam atividades cotidianas particulares e diferentes perspectivas de análise do espaço e de vida. Desse modo, achamos conveniente apresentá-las individualmente, segundo suas experiências cotidianas, preocupações futuras e trajetórias espaciais.

As jovens, em 2012, cursaram o terceiro ano do Ensino Médio, período em que desenvolvemos as observações na escola, aplicação de questionários e entrevistas. No ano seguinte, 2013, ano em que destinamos a pesquisa às atividades de acompanhamento de suas atividades cotidianas, elas iniciaram novas atividades que acabaram influenciando também em suas práticas espaciais. Portanto, preocupamo-nos em acompanhá-las em cada passo de suas atividades diárias: estudo, trabalho, festejos, entre outros. Desse modo, foram acompanhadas desde o momento em que caminhavam ao ponto de ônibus pela manhã até a chegada em suas casas, no final do dia. Participei de reuniões familiares, passeios e/ou trabalhos em outras cidades, encontros com

amigos e manifestações religiosas. Assim, segue-se um relato de atividades e reflexões realizadas com base no acompanhamento feito ao longo do primeiro semestre de 2013.

### **Aluna 01**

Filha de pais migrantes, o pai mineiro de Araguari e a mãe tocantinense de Gurupi, a jovem nascida em Trindade no dia 20 de setembro de 1995 já morou em Anicuns e em Fazenda Nova. Hoje, mora na comunidade rural do Cedro, em Trindade. A jovem, desde pequena, viveu no campo e acompanhou as atividades diárias dos pais que até hoje trabalham com a terra. Filha mais velha de uma família composta por cinco pessoas, a Aluna 01, desde cedo, teve em casa algumas atividades a desempenhar, na maioria das vezes, atividades ligadas aos cuidados da casa, dos pequenos animais e de suas duas irmãs mais novas.

Com relação aos estudos, a jovem iniciou o Ensino Fundamental em uma escola agrícola em Fazenda Nova e, com a mudança para Trindade, deu continuidade aos estudos na escola municipal localizada no Cedro, onde estudou até a quinta série. Terminado o Ensino Fundamental, a jovem, contando com o transporte escolar disponibilizado pela prefeitura de Trindade, passou a estudar na cidade de Trindade, a 22 km da comunidade onde mora. Como em Trindade há apenas duas escolas públicas que recebem estudantes vindos da Zona Rural do município, nessa etapa dos estudos, a Aluna 01 foi matriculada no Colégio Estadual Divino Pai Eterno, onde estudou até concluir o Ensino Médio e preparou-se para o processo seletivo do vestibular 2013/1.

A jovem, no decorrer do ano de 2012, dedicava-se diariamente às atividades escolares e às tarefas em casa. Em sala de aula, na escola, a Aluna 01 mostrava-se sempre participativa e preocupada com suas atividades e notas. Ao ser eleita representante da turma, a jovem passou também a se dedicar às tarefas que lhe eram passadas por professores e direção, a saber: auxiliar o professor, caso ele necessite sair da sala de aula, transmitir alguma informação da direção para os colegas de sala e também intervir em favor de sua turma nas reuniões com a direção.

Incentivada pelos pais a continuar os estudos e a procurar um emprego na cidade, onde pudesse obter melhores condições de trabalho e renda para ajudar a família, a Aluna 01 começou a trabalhar nos períodos matutino e vespertino, como auxiliar administrativo em um escritório imobiliário, em regime CLT e, após a

aprovação no processo seletivo para o curso de Gestão em Segurança Pública na UNI-Anhanguera, em Goiânia, iniciou seus estudos no período noturno. Atividades que desempenha de segunda à sexta-feira.

A comunidade rural do Cedro não conta com linhas do transporte coletivo municipal, por isso a jovem todos os dias bem cedo, em companhia de seu pai e irmã, caminha cerca de 1km até a parada do ônibus escolar – responsável por levar os estudantes da zona rural à cidade de Trindade. Este também é utilizado por parte dos moradores da região, quando necessitam ir à cidade. O sol ainda nasce quando a Aluna 01 toma o primeiro ônibus do dia. As pessoas, a maioria jovens e crianças, ainda estão silenciosas e comportam-se de maneira meio sonolenta e, assim, se portam durante quase todo o trajeto que dura cerca de 50 minutos até a entrada da cidade. Em meio à luz do sol que vai se firmando no horizonte, a Aluna 01 desembarca próximo ao terminal de ônibus coletivo, onde toma outro ônibus, com sentido ao centro histórico da cidade, local onde está a empresa em que trabalha.

Ao final da tarde, após sua jornada de trabalho, a jovem retorna ao terminal rodoviário e toma um ônibus, cedido pela prefeitura aos jovens de Trindade que são estudantes universitários em Goiânia. Três vezes na semana salta próximo à Uni-Anhanguera, na região sudoeste de Goiânia, onde cursa Gestão em Segurança Pública e nos outros dois dias da semana salta próximo à Avenida Goiás, no Centro de Goiânia, onde assiste a aulas em um curso preparatório para o concurso dos bombeiros. A aprovação no concurso está diretamente ligada à sua expectativa de melhores condições no futuro, como demonstra em sua fala.

*Eu quero seguir carreira no serviço público, porque nele as condições de trabalho são melhores, a remuneração é fixa e, assim, tenho a possibilidade de ajudar minha família. [...] Desde pequena eu e meu pai conversamos de um dia eu ser bombeira. Ele queria que fosse um de seus filhos, mas ele só teve filhas (Risos). Eu gosto da profissão, acho bonita e vejo na carreira militar um jeito de continuar estudando, enquanto ajudo as pessoas. Além do que, sempre fui boa com trabalhos pesados, em atividades físicas e sei bem como seguir regras. (risos) Espero me dar bem na carreira. [Aluna 01, Trindade, 2013].*

Terminadas as aulas, a Aluna 01, em companhia dos colegas do ônibus, retorna à Trindade. Após a viagem de aproximadamente uma hora em um ônibus cheio de burburinho de vozes e algumas rizadas abafadas, a jovem salta na entrada da cidade, onde reencontra seu pai que vai buscá-la de moto e os dois se dirigem novamente à comunidade rural do Cedro. Tal rotina é seguida pela jovem de segunda à sexta-feira.

Aos sábados, na parte da manhã, a Aluna 01 aproveita para arrumar suas coisas e ajudar a mãe e as irmãs nas tarefas domésticas. Na parte da tarde, frequenta a casa de amigos e parentes, em especial dos avós, tios e primos, que moram na comunidade ou na cidade de Trindade, e/ou vai à casa do namorado, que mora em Goiânia. É nesse momento que a jovem aproveita para se relacionar com seus pares, ir à sorveteria com os primos e encontrar antigos colegas da escola. Em um clima descontraído, discutem sobre suas atividades diárias e conversam sobre seus cursos e fatos ocorridos no decorrer da semana. Quando vai a Goiânia, geralmente acompanhada de uma das irmãs ou dos pais, a jovem aproveita para ir ao cinema e ao Shopping Portal, localizado próximo à Avenida Perimetral Norte, na região noroeste da capital, saída para Trindade, para namorar e andar pelas lojas.

De origem católica, a jovem e sua família aos domingos frequentam a missa, na capela da própria comunidade do Cedro, capela que foi construída pela população que ali reside em devoção a São Sebastião. A jovem frequenta a igreja desde pequena e foi lá que realizou alguns dos sacramentos exigidos pela doutrina católica – batismo, catequese, crisma, entre outros. Participante do grupo de jovens da igreja, a Aluna 01 ajuda na organização de parte da cerimônia, enquanto conversa com outros colegas ali da região. Um domingo ao mês a jovem e sua família vão à missa em Trindade, em especial devoção ao Divino Pai Eterno, o qual ela afirma ser o responsável por grandes milagres na família e na comunidade onde mora.

Em virtude de sua orientação religiosa e da tradição familiar, a Aluna 01, em conjunto com sua família e amigos da igreja, participa anualmente da festa em devoção ao Divino Pai Eterno, que acontece no final do mês de junho no município de Trindade. Para participarem do evento, eles iniciam os preparativos meses antes, geralmente no final de abril ou início de maio, quando começam a organizar para o desfile o carro de boi, relíquia de família, e os mantimentos que precisarão durante o período de pouso. Esse comportamento é comum aos carreiros dessa festa, como demonstram Maia e Coelho (2006, p. 116), em relato dos estudos das tradições da roça na festa do Divino Pai Eterno.

Maio e junho é tempo já de preparar a romaria. Os ovos são guardados na areia para melhor conservação. Ajeita-se o sabão caseiro. Começa o preparo dos doces de figo, de laranja, de leite. E quitanda, muita quitanda: biscoito, bolos, broas e pãezinhos especiais. Mata-se o capado e prepara-se as latadas de carne para a viagem e o tempo da festa. Cada detalhe é importante. Cada gesto tem já um sentido de fé: o Pai Eterno espera para a bênção de todo ano. No finalzinho de junho, os carros de bois são preparados para a grande viagem. Acomodam-se as latas de alimentos, sacos de roupas, colchões e tamboretas, lonas e madeira para a barraca. (MAIA e COELHO, 2006, p. 116).

A casa da família todo ano é cedida aos carreiros que vêm de Anicuns e Nova Veneza, amigos da família que também desfilam durante a festa, como forma de devoção e agradecimento ao Divino Pai Eterno. O período de pouso é marcado por rezas e festejos regados a muita música e comida – a maioria feita, ali, na hora, no fogão a lenha, são alimentos produzidos e colhidos pelas famílias. É comum ver os carreiros que ali acampam se unirem para roçar o mato e colherem milho, mandioca e hortaliças. Ao anoitecer, os jovens se reúnem em volta das fogueiras para conversar e escutar histórias contadas pelas pessoas mais antigas do acampamento. Segundo a jovem, esse é um momento importante para eles, é uma forma de apreciar a beleza dessa tradição e de confirmar sua crença, como demonstra em sua fala.

*Os carreiros é a parte mais bonita da festa, é nessa hora que “a gente” vê a fé, o esforço e a vontade de agradecer ao Divino Pai Eterno por tudo que acontece na vida “da gente”. É incrível o tanto que isso é bom! [...] Eu quero participar dessa parte da festa o resto da minha vida e faço questão de continuar essa tradição. [Aluna 01, Trindade, 2013].*

À exceção das festas oferecidas pela população da comunidade do Cedro que, muitas vezes, acontecem à noite, e da participação na festa do Divino Pai Eterno, a jovem não tem o hábito de sair à noite. Geralmente, frequenta festas diurnas oferecidas por parentes e amigos e não costuma ir desacompanhada de alguém da família, fato que a estudante associa à oportunidade de festejar com a família e aproveitar o lugar tranquilo onde moram. Para ela, “é bom sempre ir com a família, porque é um jeito ‘da gente’ se reunir e aproveitar o lugar sem marginalidade e onde as pessoas são amigas e

livres para sair de casa sem se preocupar em ser abordada na rua”. [Aluna 01, Trindade, 2013].

Quando questionada quanto à sua concepção do campo e da cidade, a jovem que apresenta uma trajetória espacial construída a partir de caminhos que a levam ao campo e à cidade, frisa que são espaços com diferentes usos, como demonstra em sua fala.

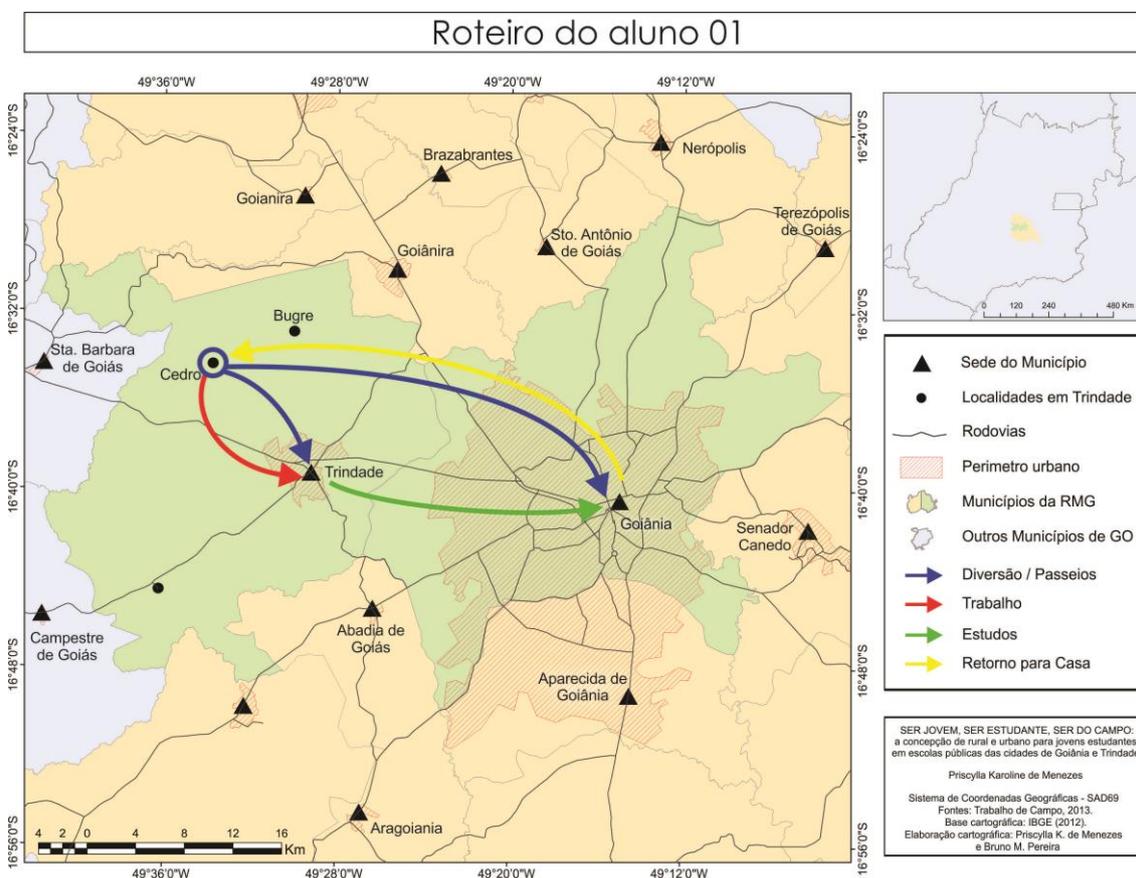
*São espaços que tenho bem claro para o que servem pra mim. A cidade pra mim é espaço onde tenho a oportunidade de estudar e trabalhar em serviços menos desgastantes e que me oferecem mais benefícios – melhor salário, plano de saúde e férias – mas também é o espaço onde eu tenho medo de andar sozinha e procuro não dar bobeira. Já o campo é o lugar onde me sinto bem, onde encontro minha família e tenho a tranquilidade de andar e falar com as pessoas, além de poder ficar perto da natureza. Mas eu sei também que é um espaço com sérios problemas, ainda mais se a gente pensar no serviço e na assistência do governo; aqui se trabalha muito e poucas vezes é reconhecido por isso e, se precisar de um médico, vai morrer esperando. [Aluna 01, Trindade, 2013].*

Desse modo, assim como os jovens apresentados por Guimarães e Silva Jr. (2012), a Aluna 01 frisa a ideia de lugares que se contrastam quanto às oportunidades, às formas de trabalho, aos serviços oferecidos e às relações estabelecidas. Tal imagem não é reforçada quando a jovem é perguntada sobre sua posição enquanto moradora do campo e estudante e trabalhadora da cidade.

*Não vejo diferença, a gente que tá sempre na cidade, acaba que se comporta do mesmo jeito. As roupas são quase iguais, a forma de falar também [...]. É claro que tem coisas que eu não conheço ou não concordo, mas isso tem em todo lugar. [Aluna 01, Trindade, 2013].*

Assim, apesar de ver diferença entre os espaços, a jovem diz não se sentir prejudicada quanto a suas relações ou a suas práticas espaciais. Pela trajetória que

desenvolve em seu dia a dia, que reforçamos no Mapa 4, a jovem que diariamente sai da comunidade rural onde mora e se desloca para outras duas cidades para estudar e trabalhar, assim como os jovens trabalhadores que moram na cidade, aproveita pouco os territórios juvenis da cidade.



Apesar de nos finais de semana procurar se relacionar com seus pares, a jovem se atém aos espaços próximos de sua casa e de seus amigos. Influenciada também por sua classe social, a jovem não se apropria de todos os espaços, mas sim daqueles que o cotidiano lhe oferece, e constrói, assim, sua trajetória espacial a partir deles, seja no campo ou na cidade.

## **Aluna 02**

Filha de pais paranaenses de Palotina que migraram para Goiás em busca de terra e serviço, a Aluna 02, nascida no dia 31 de março de 1996 em Novo Brasil, no estado de Goiás, hoje, reside na comunidade do Bugre, em Trindade, Região Metropolitana de Goiânia. Única filha entre três filhos, desde pequena, vive no campo e acompanha os pais em suas atividades diárias no trabalho com a terra e, em especial, no trabalho com o gado leiteiro. De acordo com a jovem, desde cedo aprendeu a ajudar nas tarefas de casa e a trabalhar com a produção de queijo, principal fonte de renda da família.

Com relação aos estudos, a jovem iniciou o Ensino Fundamental em uma escola rural na região, que oferecia até a quinta série, mas, pela falta de estrutura física da instituição e de profissionais responsáveis pela manutenção e pelo ensino, foi fechada antes que a Aluna 02 terminasse essa etapa de sua formação. Desse modo, a estudante precisou continuar seus estudos na cidade e passou a contar com o transporte escolar fornecido pela prefeitura de Trindade aos estudantes que moram na zona rural do município e precisam ir à cidade para estudar. Inicialmente, estudou na Escola Municipal Professora Gleide Mendes de Lima e depois foi transferida para o Colégio Estadual Divino Pai Eterno – quando pude observá-la em sua rotina escolar –, onde concluiu o Ensino Médio e preparou-se para o processo seletivo do vestibular 2013/1.

Enquanto estudava no Colégio Estadual Divino Pai Eterno, no ano de 2012, a jovem se dedicava diariamente às atividades escolares e às tarefas em casa. Em sala de aula, a Aluna 02 era sempre comunicativa e, algumas vezes, dispersa ao assunto que era debatido pelo professor, pois era comum se distrair em conversas relacionadas às suas atividades do final de semana. Contudo, não se saía mal nas atividades de avaliação e na maioria das vezes era elogiada pelos professores por sua capacidade de reflexão.

Apesar do desejo de cursar Medicina Veterinária, a jovem, quando aprovada na seleção para o curso de Direito na Faculdade Aphoniano, em Trindade, foi incentivada pela família a continuar seus estudos. O curso de Direito, segundo seus pais, é de grande importância social e para a família, pensamento que resulta do valor cultural dado ao curso na sociedade brasileira. Contemplada com meia bolsa na faculdade, a Aluna 02 começou a trabalhar como auxiliar administrativo na Prefeitura de Trindade na parte da manhã, de onde tira sua renda para pagar a outra parte da mensalidade e custear suas despesas com os estudos. A jovem realiza seu curso no período noturno.

A comunidade rural do Bugre, por ser uma região formada principalmente por fazendas, não conta com linhas do transporte coletivo municipal, por isso a jovem todos os dias bem cedo é levada pelo pai até a parada do ônibus intermunicipal, onde o pai aproveita para entregar o leite retirado no dia ao leiteiro da região. Ao raiar do sol, a jovem toma o ônibus para Trindade, e cerca de 40 minutos depois, tempo gasto pelo ônibus para percorrer os 27 km de distância entre a comunidade rural e a cidade de Trindade, a jovem desembarca próximo ao terminal de ônibus coletivo, onde se encontra com o namorado que a acompanha até o prédio da prefeitura.

Ao final da manhã, a jovem encerra suas atividades na prefeitura e duas vezes na semana frequenta o curso de informática, oferecido pela secretaria onde trabalha aos jovens estudantes que atuam na instituição. Nos dias de curso, em companhia do namorado, almoça e retorna à prefeitura para as aulas que duram a tarde toda e, de lá, vai para a faculdade. Nos dias que não tem o curso de informática, retorna à comunidade do Bugre, onde ajuda sua mãe com as atividades domésticas e na produção de queijo. A aluna 02 e a mãe são as responsáveis por temperar, enformar e desenformar os queijos, que são levados a feiras livres e supermercados de Trindade, por um dos irmãos da jovem.

Ao final da tarde, nos dias que volta para casa, a jovem após o término de suas atividades prepara-se para ir à faculdade em Trindade. Acompanhada pelo irmão mais velho que cursa Gestão de Agronegócios, também na Faculdade Aphoniano, a Aluna 02 vai à cidade de onde retorna tarde da noite, após o término das aulas. Nos dias em que as aulas terminam mais cedo, a jovem aproveita para ir com os colegas de curso à sanduicheria próxima à faculdade, lugar muito frequentado pelos jovens trindadenses que vão ali para lanche e conversar com os amigos. Após lanche e conversa, a Aluna 02, acompanhada de seu irmão, retorna à comunidade do Bugre, onde encontra o restante da família. Rotina que desenvolve de segunda à quinta-feira.

Nas sextas à noite e aos sábados, a jovem, com o apoio dos pais e em companhia dos irmãos, amigos e namorado, participa de comitivas de divulgação de rodeios e desfiles de cavaleiros. Algumas vezes na cidade de Trindade, mas, na maioria das vezes, os jovens vão fazer o trabalho de divulgação em cidades próximas, como: Anicuns, Palmeiras de Goiás, Campestre, Guapó, São Luís dos Montes Belos e Goiânia. Quando não estão em comitiva, eles costumam se reunir pelas fazendas ou casas de amigos do grupo. A jovem, além de participar das reuniões com os amigos, aproveita para sair com a família e visitar parentes que moram em Trindade e em Palmeiras de Goiás.

Para a Aluna 02, participar das comitivas de divulgação é uma oportunidade de demonstrar a cultura que vive. Durante as observações, foi possível entendermos que é uma atividade importante também para sua família, o que fica confirmado na fala da jovem.

*Gosto muito de viajar para divulgar rodeios, desfile de cavaleiros e festas agropecuárias, porque desse jeito eu sinto que ajudo a valorizar o trabalho de gente como o pai e a mãe, a nossa cultura e o nosso jeito duro de viver. Tem gente que acha que não, mas eu entendo assim. Meu pai, quando era mais novo, também mexia com desfile de cavaleiros e conta pra gente que conheceu minha mãe numa dessas andanças. Ele fala tanto das experiências dele, que acho que é por isso que a gente tudo gosta de cavalo e dessa cultura caipira, [...] é de tanto ouvir ele falar. [...] Até porque pelo dinheiro que a gente ganha nem dá pra animar muito, vai mesmo é pela alegria de tá com os amigos e montando um cavalo. (Risos) [Aluna 02, Trindade, 2013].*

De origem católica, uma vez por mês vai à missa na Basílica de Trindade na companhia dos pais, em agradecimento ao Divino Pai Eterno e à Santíssima Trindade pelas bênçãos recebidas. De acordo com a família da jovem, é graças ao Divino Pai Eterno que eles conseguiram se estabilizar no município, mantendo-se com uma boa produção de leite e com a produtividade das terras da família. Nos domingos que não vão à Basílica, a jovem e sua família costumam ir à missa que se realiza na capela da própria comunidade do Bugre. Essa capela, uma vez por mês, é cuidada pela família da Aluna 02 que, em devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, cuida do espaço. Em conjunto com outras famílias da comunidade do Bugre, eles organizam festas dedicadas à santa nos meses de maio, julho e outubro. Tais festas, devido à proximidade das comemorações juninas e da festa do Divino Pai Eterno, trazem à comunidade rural um grande número de pessoas.

A jovem diz que essas comemorações demonstram o compromisso dos jovens moradores do Bugre com a comunidade e a expressão que o movimento religioso tem em seu cotidiano. Ao falar sobre a festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e da

Festa do Divino Pai Eterno, a jovem demonstra novamente seu apreço pelos cavaleiros e confirma que participar de tal grupo também lhe confere uma sensação de ascendência durante as festas. Para os jovens, chegarem montados em seus cavalos é um ato de fé, mas é também uma forma de se colocarem em evidência, como demonstra a fala da Aluna 02.

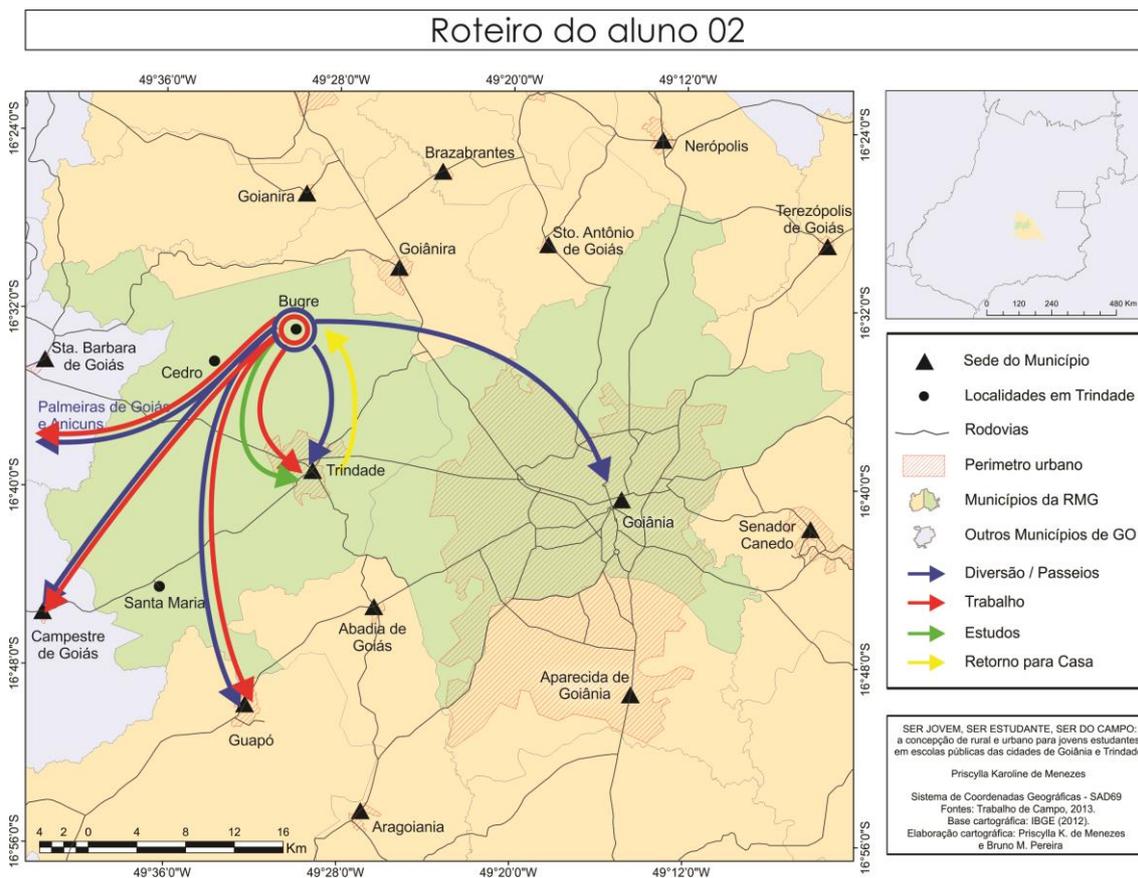
*Participar da festa da Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e principalmente da do Divino Pai Eterno é uma coisa que eu quero fazer pelo resto da minha vida! Nelas, eu sinto como se todo mundo lembrasse do valor das pessoas que moram no campo, da beleza e da força que tem as nossas rezas. Você viu! Não tem coisa mais bonita que quando “chega” os carros de boi e logo atrás os cavaleiros. Agora eles estão separando os grupos, porque os cavalos assustam um pouco os bois, que já ficam meio estressados mesmo com aquele tanto de gente. Mas quando é a hora “da gente” entrar no carreiródromo, todo mundo para. O grupo da frente solta os foguetes e “a gente” vem atrás devagar. Esse ano deve ter vindo uns 300 [cavaleiros], mas todo ano aumenta mais. Não sei te explicar a emoção que a gente sente quando o padre abençoa nossos cavalos e dá a benção um por um. É como se tudo até ali tivesse sido mais fácil. Meu pai e minha mãe ficam que não se aguentam de orgulho. [...] Mas, cá pra nós, uma coisa que eu acho engraçado é que tem gente que acha bobeira a gente ficar o ano todo envolvido com isso e fica falando ‘não sei pra que isso’, ‘esse povo que mora na roça tem uns trem’, mas lá na hora fica todo todo tirando foto pra por no facebook e chamando a gente de amigo. A gente sai de lá cheio de amigo! (Risos). [Aluna 02, Trindade, 2013].*

É possível perceber que, para a jovem, esses desfiles estão ligados à religiosidade, mas também à sua expressão de lazer. Quando questionada quanto à sua concepção do campo e da cidade, a jovem que apresenta uma trajetória espacial

construída por caminhos que a levam ao campo e à cidade, frisa principalmente a questão social e a proximidade dos espaços. Como inscreve em suas palavras:

*Eu vejo o campo como um espaço onde as pessoas são simples, têm hábitos simples, trabalham muito pesado e nem sempre são ricos por isso. É um lugar onde tem tranquilidade e onde é possível viver com naturalidade, fazer as coisas sem muita cerimônia, e fazer porque tem que fazer e não pra agradar ninguém. Já a cidade eu vejo com um espaço que é tumultuado e barulhento, onde o tempo parece que passa mais rápido, onde as pessoas também correm mais. Mas que eu também gosto, porque é na cidade que a gente encontra as coisas mais fácil, num dia só, você resolve um monte de coisa e ainda trabalha menos com o corpo. [...] Pra te falar a verdade, eu não vejo muita diferença entre os dois não, tá certo que a paisagem é diferente, a segurança é outra e a oportunidade de estudar e trabalhar melhor é mais fácil na cidade, mas tem muita coisa que tem nos dois. E, se eu posso morar em um e ir no outro pra procurar o que eu preciso, já tá bom. [Aluna 02, Trindade, 2013].*

Assim como os jovens apresentados por Guimarães e Silva Jr. (2012), a Aluna 02 frisa a ideia de lugares que se contrastam quanto às oportunidades, dinâmicas sociais e formas de trabalho, mas são contrastes que, para a jovem, não dependem só do lugar, mas também do que procuramos. Desse modo, apesar de ver diferenças entre os espaços, ela parece não ver problemas em transitar entre eles, uma vez que não se sente prejudicada quanto às suas práticas espaciais. Pelo que foi apresentado pela jovem, apesar de algumas vezes ouvir alguns comentários sobre sua postura ou sobre o lugar onde mora, isso não afeta suas relações sociais. E, pela trajetória que desenvolve em seu dia a dia, demonstrada no Mapa 5, a Aluna 02, assim como os jovens trabalhadores que moram na cidade, apresentados pelos autores, aproveita pouco os territórios juvenis da cidade. Embora após a aula e nos finais de semana procure se relacionar com seus pares, a jovem se atém aos espaços próximos de sua casa e de seus amigos.



A jovem não aproveita a cidade como um todo, assim como não usufrui dos espaços que os jovens de maior poder aquisitivo utilizam. Pelo que demonstra em sua trajetória, a Aluna 02, utiliza-se dos espaços juvenis marginais ao centro da cidade e aos bairros mais “badalados” pela juventude. Segundo Martins e Souza (2007), esse é um comportamento que muitas vezes está submetido às condições materiais que também resultam nos gostos produzidos pelo universo sociocultural, gostos que não se restringe ao indivíduo. Ao observarmos o comportamento da jovem Aluna 02, podemos perceber que, no atual contexto, as fronteiras entre o rural e o urbano diminuem e cada vez mais se interpenetram. Entretanto, a possibilidade de lazer do jovem não se restringe devido ao espaço (campo ou cidade), mas sim devido à sua renda.

### Aluna 03

Filha de pais nascidos e criados em Trindade, a Aluna 03 nasceu no dia 20 de setembro de 1995, em Santa Maria – distrito de Trindade que fica cerca de 18 km da sede do município. Filha mais nova de uma família composta por quatro pessoas, a jovem desde pequena ajuda os pais com o trabalho da casa. Com o pai comerciante e a mãe professora, a jovem não desenvolveu forte relação com o campo e com o trabalho com a terra, apesar de sempre ter morado na parte rural do Distrito de Santa Maria.

Com relação aos estudos, a jovem realizou parte de seus estudos na escola municipal de Santa Maria, a qual disponibiliza somente o Ensino Fundamental. Ao terminar o Ensino Fundamental, a jovem, com o auxílio do transporte escolar fornecido pela prefeitura de Trindade, junto a outros estudantes do distrito, passou a estudar no Colégio Estadual Divino Pai Eterno, na cidade de Trindade, onde concluiu o Ensino Médio e se preparou para o processo seletivo de 2013/1.

No decorrer do ano de 2012, a Aluna 03 dedicava-se diariamente às atividades escolares e às tarefas em casa. Em sala de aula, na escola, a jovem mostrava-se, na maioria das vezes, atenta às discussões conduzidas pelo professor, sempre anotando o que era passado ou o que era falado. Apesar de ser muito comunicativa nos momentos de intervalo e antes de entrar na sala de aula, no decorrer das aulas, ela pouco falava.

Ao final do ano de 2012, a jovem, ao ser abordada em Santa Maria por olheiros do concurso de miss do município, passou também a se deslocar com frequência para a cidade de Trindade a fim de participar dos processos seletivos do concurso. Eleita a miss Trindade 2013, a Aluna 03 viu no acontecimento a oportunidade de se dedicar à vida na cidade de Trindade. Apesar de gostar de Santa Maria, não vê muitas possibilidades de trabalho no distrito, como atesta em sua fala.

*Eu gosto de morar em Santa Maria, mas nunca pretendi ficar trabalhando por aqui. O lugar é bom pra morar e é onde está grande parte dos meus amigos e parentes, mas com relação a emprego pouca coisa me agrada. Não quero trabalhar no comércio com o meu pai e também não quero dar aulas como minha mãe, desse jeito, só me resta ir trabalhar em Trindade. Minha irmã mesmo fez isso e está se dando bem. Essa oportunidade de ser miss acho que vai me ajudar a arrumar um*

*bom emprego com melhores oportunidades.* [Aluna 03, Trindade, 2013].

Incentivada pelos pais a continuar seus estudos, a jovem foi aprovada na seleção para o curso de Administração de Empresas na Faculdade Aphoniano, em Trindade, e iniciou também um contrato com a prefeitura de Trindade, onde trabalha como auxiliar administrativo no período da manhã. No decorrer de 2013, a Aluna 03 desenvolveu também algumas atividades relacionadas à publicidade que estavam ligadas ao compromisso firmado quando eleita miss.

Todos os dias, logo cedo, a jovem é levada pela mãe até a prefeitura de Trindade, onde exerce sua função de auxiliar administrativa. Trajeto que dura em torno de 20 minutos de carro. Após terminar seu serviço, no período da tarde, a Aluna 03, três vezes na semana, faz cursos de modelagem e comunicação fornecidos pela prefeitura de Trindade. Estes são realizados em Goiânia e, nos outros dois dias, faz o curso de informática que seus pais julgavam necessário para um melhor desenvolvimento na faculdade.

Após suas atividades vespertinas, a Aluna 03 prepara-se para ir à faculdade, no período noturno, trajeto que faz em companhia da irmã mais velha, que cursa Pedagogia, e do namorado que cursa Direito também na Faculdade Aphoniano. De acordo com a jovem, o lugar é visto como um espaço para estudo e socialização com os antigos colegas da escola, que também estudam na instituição. No decorrer da semana, é comum que a jovem vá, após as aulas, aos espaços de convivência da instituição e às sanduicherias próximas à faculdade, onde lancha e aproveita para conversar com seus pares até o horário de ir embora. Essa rotina se segue em quase todos os dias da semana.

Aos sábados, a Aluna 03 aproveita para ajudar sua mãe nas atividades domésticas e para sair com a família e/ou com os amigos. Geralmente, a jovem frequenta a casa de parentes que também moram em Santa Maria e de outros que moram em Trindade, momento que aproveita para conversar com os primos da mesma idade ou para ir à Goiânia, principalmente aos Shoppings Portal e Passeio das Águas, que ficam próximos às rodovias de acesso à Trindade. Conforme a jovem assinala, os shoppings são procurados principalmente por causa dos cinemas e áreas de lazer, que ficam disponíveis em horários mais acessíveis.

*Sempre vamos no Portal e agora no Passeio das Águas, porque é mais fácil de chegar e se precisarmos pegar ônibus, é mais fácil também. [...] Preferimos os shoppings porque podemos ir e voltar sem ter problemas com nossos pais, que ficam preocupados com a violência de Goiânia. Meu pai, por exemplo, quando começa a escurecer, liga logo e pede “pra gente” voltar, ou fala que está indo buscar. Ele morre de medo de acontecer alguma coisa de ruim com a gente. [Aluna 03, Trindade, 2013].*

De origem católica, a jovem e sua família frequentam todo domingo a missa em Santa Maria, compromisso que, para ela, já é tradição e uma forma de se encontrarem com todos os parentes que moram na região. A família também sempre participa das festas da região, festas que na maioria das vezes são de tradição religiosa de alguma família. Quanto à sua devoção religiosa, a jovem diz que os pais a ensinaram ser devota do Divino Pai Eterno, por isso todo ano participa de missas e novenas durante a festa, embora não se dedique muito à devida festa. Em suas palavras, ela diz:

*Sempre vou na missa e participo de uma das novenas na festa do Divino Pai Eterno, mas não participo ativamente da festa não. Esse ano fui mais por causa das obrigações que assumi ao ser miss, mas quem gosta mesmo de ir na festa religiosa são meus pais. Eu e minha irmã gostamos de aproveitar o que o pessoal aqui chama da “festa profana”, que são os shows, as feiras, os parques e as músicas ao vivo que tocam nos bares da cidade. Lugares que geralmente os jovens vão à noite depois que passa os desfiles, as romarias, essas coisas. [Aluna 03, Trindade, 2013].*

O comportamento da jovem nos remete às análises de Moreira e Silva (2010), quando abordam a manifestação cultural e religiosa de Trindade e discutem a entrada dos elementos não associados à festa religiosa, introduzidos pela população e pelas instituições políticas, que veem no comércio ou em shows, parques de diversão, barracas de jogos e bebidas um forte atrativo turístico. Esses são elementos que,

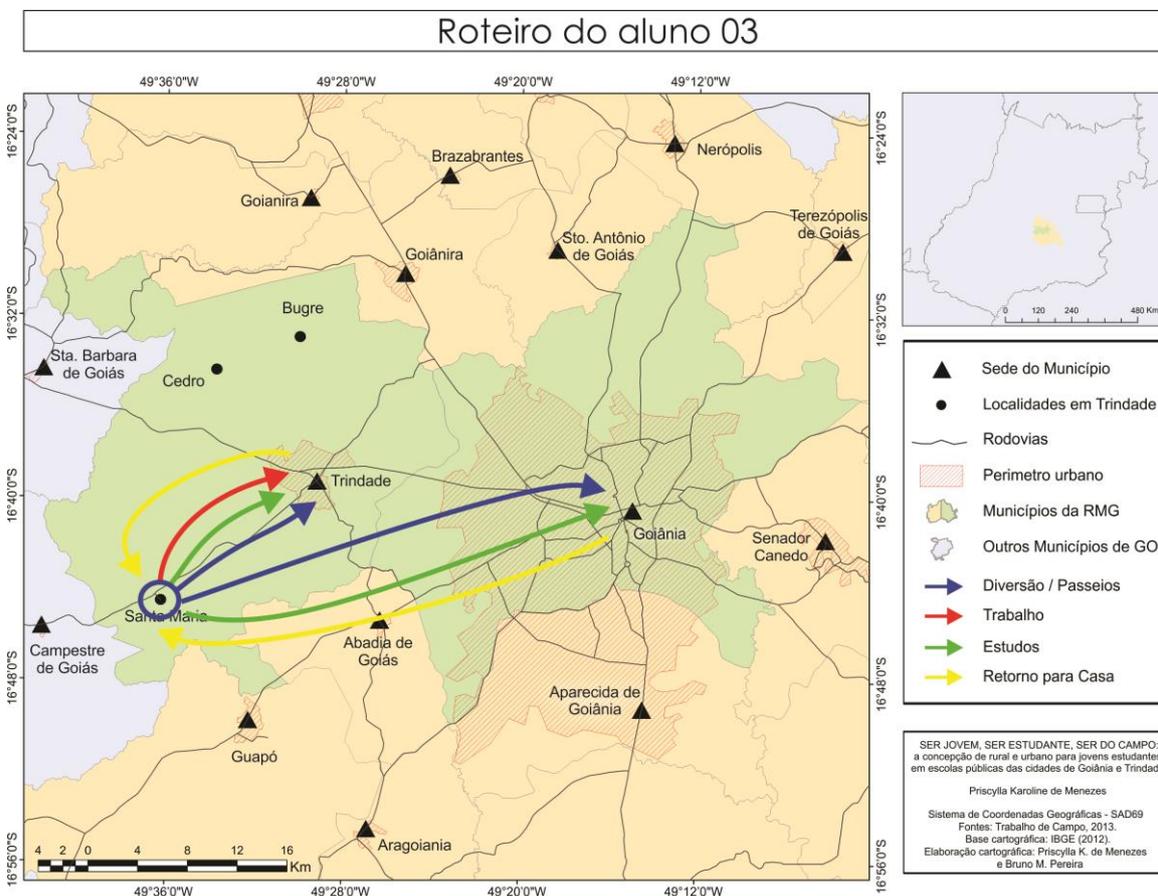
segundo as autoras, são resultado da apropriação da religião para uma socialização que proporciona encontros e fusões do sagrado e o profano. Fazem isso sem deixar de lado o milagre como principal mobilizador das pessoas que vão à festa e ao encontro com a imagem da Santíssima Trindade.

Quando questionada quanto à sua concepção do campo e da cidade, a jovem que apresenta uma trajetória espacial construída a partir de caminhos que a levam ao campo, mas principalmente à cidade, frisa a diferença entre as paisagens. No entanto, destaca aspectos semelhantes de acordo com a cidade.

*Na minha concepção, campo e cidade são espaços que se complementam. Em Trindade principalmente. Falo isso porque em Santa Maria tem os espaços de fazenda e também tem o espaço de cidade, mas é tudo tão perto que a gente nem percebe que já saiu da cidade e Trindade do mesmo jeito, lá tem lugar que apesar de estar bem perto de uns prédios da cidade, as pessoas vivem como se estivessem na fazenda, com direito a gado, galo e tudo (risos). Como a gente sempre teve uma relação muito forte com a cidade, minha mãe sempre trabalhou fora e meu pai por mais que mexesse com queijo e doce, essas coisas feitas em casa – que “a gente” sempre foi encantada – ele nunca ficou só nesse trabalho, sempre colocou “a gente” pra ajudar no comércio e pra ir e voltar em Trindade para buscar as coisas. Então, “a gente” sempre ajudou a mexer com as vacas, mas na maioria das vezes ficou na cidade. [...] Agora em Goiânia, eu vejo um pouco a diferença, porque lá a cidade é bem fechada com prédio, trânsito constante e aquele tanto de gente reunida, lá eu vejo a típica cidade – o lugar do concreto como dia nosso professor. [Aluna 03, Trindade, 2013].*

Assim, a Aluna 03 destaca suas impressões quanto ao espaço que, para ela, é possível ressaltar quando observamos cidades maiores como Goiânia. Contudo, a jovem não se diz prejudicada em suas práticas sociais e espaciais pelo fato de transitar entre campo e cidade – como demonstrado no Mapa 6. Nesse momento, reforça a ideia de que

não é uma jovem totalmente do campo, pode até ter sido quando mais jovem, mas agora se sente muito mais urbana.



**Mapa 6 – Roteiro do Aluno 03**  
Fonte: MENEZES P. K. Trabalho de campo, 2013.

Esse sentimento de repulsa, por ser considerada uma jovem do campo, pode ser fica patente em todos os momentos da observação e se confirma em suas práticas espaciais, demonstradas pelo Mapa 6. A jovem, apesar de se comunicar com seus pares no lugar onde mora, na maioria das vezes procura se espacializar nas cidades de Trindade e Goiânia, fato que também acreditamos estar relacionado à classe social que ocupa.

### 3.3 O município de Goiânia no contexto da Região Metropolitana

Para discutirmos um pouco sobre os espaços de vivência dos jovens moradores de Goiânia – nos setores Sítios Recreio Caraíbas e São Domingos – e tentarmos compreender as relações desses jovens com esses espaços, percebemos a necessidade de uma reflexão sobre o município de Goiânia, no que diz respeito à sua origem e à transformação dos espaços hoje encontrados. Por isso, fazemos uma breve apresentação do município, assim como de sua relação com a Região Metropolitana.

Goiânia, cuja história inicia-se no século XX, teve sua construção marcada pelas alterações políticas e econômicas que ocorriam no país. A cidade que, segundo Chaul (2010), ao caracterizar suas condições iniciais, mesclava o rural e o urbano e expressava modernidade e progresso, foi construída a partir dos ideais das cidades planejadas, rompendo o isolamento característico das cidades anteriores. Erguida nas terras de Campinas, região que apresentava uma topografia plana, com água em abundância e um bom clima, combinações ideais para uma nova capital.

Desse modo, Goiânia, como descreveu Arrais (2013, p. 156),

se instalou a partir de dois processos básicos: doação e venda de terras para construir o sítio da nova capital. Como consta nos registros de doação reproduzidos em Monteiro (1979), os fazendeiros abriram mão de aproximadamente 70 alqueires de terra para formar o perímetro urbano, o que era pouco quando consideramos a área média das propriedades do município de Campinas, que era de 97.500 hectares.

Com um traçado que permitiria o entrelaçamento do campo com a cidade – feito por Atílio Corrêa Lima – Goiânia seguia os modelos urbanísticos conhecidos como “Cidades Jardins”<sup>24</sup> e, segundo Oliveira (2011), apresentava uma possibilidade de cidade que compartilharia o melhor do campo. Tal projeto, nas palavras do autor, não durou muito tempo, visto o grande salto no número da população na capital que estimulava a abertura ao capital imobiliário que, por sua vez, coordenava uma forte expansão urbana.

Conforme atesta Estevam (2004), Goiânia foi edificada em meio a um emaranhado de utopias e jogos políticos. A nova capital promoveu a partir da década de

---

<sup>24</sup> Concepção europeia projetada por Ebenezer Howard, as Cidades-Jardins eram núcleos urbanos que surgiram em contraposição ao modelo apresentado pela sociedade industrial, que busca a independência entre as cidades e tem em seu planejamento finalidades sociais amplas e a união entre cidade e campo em um todo, procurando a harmonia que não existe na cidade industrial.

1940 intensas correntes migratórias, que originavam uma sequência de transformações espaciais advindas de forças políticas e da sociedade civil. De acordo com autor, que se debruçou em análises da estrutura e da dinâmica da formação econômica do estado de Goiás, com recursos que fluíram principalmente de empréstimos do governo federal e da comercialização de áreas na região, em 1942, Goiânia era uma cidade já estabelecida e provocava o desdobramento dos municípios vizinhos, expansão das estradas e evolução nos modelos de produção, transporte e comunicação.

Com uma grande oferta de trabalho, bens e serviços, Goiânia passou a atuar como um gatilho da urbanização no território goiano, sendo responsável pelo aumento de 34,23% do total de domicílios em áreas urbanas no estado, entre as décadas de 1970 e 1980 (ARRAIS, 2013). Goiânia enfrentava um enorme êxodo rural favorecido pela dinamização econômica e pelos resquícios da industrialização e produção em alta escala.

A nova capital se desenvolvia e, em algumas décadas, já apresentava um rápido processo de conurbação com o município de Aparecida de Goiânia. Com uma rápida concentração de moradias, comércios e pessoas, o município crescia voltado especialmente para a porção sul da capital, região em que proliferavam inúmeros bairros e ocorriam ocupações desordenadas. Dessa forma, agentes políticos passaram a dispor de fortes incentivos políticos e fiscais, a partir da década de 1980, a fim de promover maior desenvolvimento das regiões Norte e Noroeste da capital que, até então, eram ocupadas, sobretudo, por reservas de áreas rurais (MOYSÉS, 2005).

Nas considerações de Moysés, Cunha e Borges (2011), Goiânia é, hoje, responsável por concentrar um terço da população do estado em conjunto com os municípios de Aparecida de Goiânia e Trindade. Com uma taxa de urbanização em torno de 99%, consoante Censo 2010, Goiânia é um dos municípios da Região Metropolitana institucionalizada com praticamente toda sua população influenciada pelos processos de urbanização. Essa grande concentração de pessoas no município, segundo os autores, é resultado do grande poder de atração que a capital do estado exerce devido a suas ofertas de serviços e possibilidades de trabalho formal e informal. Moysés, Cunha e Borges (2011) observam que essa ação tem como consequência a extensão dos problemas sociais goianienses para os municípios vizinhos.

De acordo com Moysés, Cunha e Borges (Ibid, p. 16),

[...] se considerarmos os limites territoriais como meros arranjos administrativos, já que para a população esses limites não significam nada em termos de mobilidade urbana, o que se constata é que a metrópole goianiense continua em franco crescimento, porém, cresce para fora de si mesma. Em outros termos, Goiânia é de fato a cidade metropolitana que atrai os fluxos migratórios, porém, grande parte desse fluxo, por razões econômicas e sociais, vão buscar solução de moradia nos municípios de seu entorno. A partir desses municípios, demandam à metrópole em busca de trabalho, dos equipamentos de saúde e de educação.

Com um rápido crescimento populacional, Goiânia hoje tem uma população que ultrapassa a marca de um milhão de habitantes, segundo o Censo 2010, e enfrenta uma ampliação das zonas periféricas da cidade, com a construção de bairros cada vez mais afastados. Tal crescimento não foi acompanhado pelas estruturas de assistência social do poder público, o que resulta em uma alta taxa de desigualdade social – taxa que rendeu à capital goiana o título de cidade com maior desigualdade social na América Latina, segundo estudo feito pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2012.

O processo de segregação espacial em Goiânia, segundo Arrais (2013), acontece desde a década de 1970 e está presente desde sua gênese devido a forte ação de atores sociais ligados aos setores imobiliários. Com o aumento da densidade populacional urbana, só se agravaram as desigualdades que surgiam na sociedade. Como afirmou o autor, “o incremento geográfico gerou uma demanda crescente por serviços distribuídos desigualmente no território.” (ARRAIS, 2013, p. 162). E este se agravou ainda mais quando observado seu cenário marcado por intensas lutas por condições mínimas de habitação. Conflitos que, o autor deixa claro, ainda estão presentes nas décadas de 2000 e 2010.

Consoante o Censo 2010, Goiânia é o município da Região Metropolitana que mais centraliza os empregos formais na indústria (58,97% dos empregos), no comércio (80,5% dos empregos) e nos serviços (76,02% dos empregos); é, contudo, um município que tem baixos níveis salariais. O Censo também registrou que são salários que na grande maioria variam em torno de um salário mínimo, remuneração que não permite que muitos dos trabalhadores na cidade ali residam. Desse modo, estimula a procura por municípios limítrofes à metrópole que não apresentam as mesmas infraestruturas e forçam o trabalhador a manter sua condição migrante.

Assim, Goiânia, com sua dinâmica econômica e demográfica associada à integração territorial e forte polarização em relação aos espaços regionais, foi se estruturando e se relacionando com a região metropolitana. Sem esquecer que em seu território ainda existem áreas destinadas às atividades rurais, como as estudadas

anteriormente, Goiânia hoje tem sua área metropolitana se expandindo para a região noroeste da capital, reforçando ainda mais suas aproximações, agora com outras cidades vizinhas.

### **3.3.1 O jovem e seu espaço de vivência nos setores Sítio Recreio Caraíbas e São Domingos em Goiânia/RMG**

Situados na porção norte de Goiânia, os setores Sítio Recreio Caraíbas e São Domingos (Fotos 14 e 15) estão localizados em uma região instituída pelo Plano Diretor de Goiânia em 2007, como áreas destinadas às atividades econômicas sustentáveis e de proteção ambiental. Com acesso realizado principalmente pela GO-462 e estradas vicinais, os setores estão próximos ao Ribeirão São Domingos e Córrego Samambaia, importantes contribuintes do Rio Meia Ponte, principal manancial de abastecimento de água na capital.



Fotografia 14 – Ortofoto do Bairro São Domingos. Goiânia – 2011.  
Fonte: SEPLAM – Goiânia, 2011.



Fotografia 15 – Ortofoto do Setor Sítio Recreio Caraíbas, Goiânia – 2011.  
Fonte: SEPLAM – Goiânia, 2011.

Os setores são resultado do parcelamento de terras na região, parcelamento que, de acordo com os estudos realizados pela prefeitura, encontra-se em processo de legalização. Por estarem localizados em uma região da cidade que se expande rapidamente, os setores Sítio Recreio Caraíbas e o Bairro São Domingos, desde o surgimento, datado pela prefeitura de Goiânia entre as décadas de 1980 e 1990, vêm enfrentando descontrolado processo de expansão no número de loteamentos. Como são loteamentos feitos pelos proprietários das terras e sem intervenção dos órgãos públicos, esses “novos” setores não oferecem a infraestrutura necessária para uma boa qualidade de vida dos moradores, como: acesso às redes de esgoto, à rede de água tratada, iluminação pública, pavimentação das ruas, às escolas e aos serviços de saúde e segurança.

Desse modo, no decorrer da segunda etapa da pesquisa com os jovens residentes no campo – quando foi feito o acompanhamento das atividades cotidianas –, foi possível observar essa carência estrutural nos bairros. Assim, no ano de 2013, a partir das práticas espaciais realizadas nos setores e pesquisas junto ao órgão de planejamento urbano do município – a Secretaria Municipal de Planejamento e Urbanismo (SEPLAM) de Goiânia –, pudemos pesquisar os setores Sítio Recreio Caraíbas e São Domingos enquanto espaços de vivência dos jovens analisados.

O Bairro São Domingos, edificado nas proximidades do Ribeirão São Domingos, localizado na saída para Goianira (Anexo 3), é resultado da constante fragmentação que a região vem passando desde a década de 1970. O Bairro, que se estruturou nas proximidades de Áreas de Preservação Permanentes (APPs), resultado do parcelamento da Fazenda São Domingos, hoje, apresenta um espaço dividido entre loteamentos e pequenas propriedades rurais, além da grande presença de chácaras de lazer destinadas a pesque-pague e a espaços de festas.

O Setor Sítio Recreio Caraíbas, assim como o Bairro São Domingos, também se situa nas proximidades de Áreas de Preservação Permanente. O setor está localizado nas imediações do Córrego Samambaia. O setor, hoje com 125 lotes distribuídos ao longo das 18 quadras demonstradas no Anexo 4, é resultado do constante parcelamento de fazendas da região. No caso do Sítio Recreio Caraíbas, é resultado do parcelamento das fazendas Pindorama e Romaria, o qual foi promovido pelos proprietários das fazendas e, a partir da década de 2010, entregue à Prefeitura de Goiânia, a fim de que houvesse uma regularização do setor. Por se tratar de um setor ainda considerado ilegal para os órgãos de gestão imobiliário do município, o Sítio Recreio Caraíbas ainda enfrenta significativos problemas relacionados à infraestrutura do lugar.

O Bairro São Domingos e o Setor Sítio Recreio Caraíbas são setores que apresentam propriedades simples, à exceção de algumas áreas destinadas à realização de festas que dividem o espaço com áreas, cujas atividades rurais predominantes são a criação de gado e cavalo e a produção de hortaliças. Marcados por uma baixa concentração populacional, se comparados a outros bairros da região, São Domingos e Sítio Recreio Caraíbas são setores que apresentam uma dinâmica diferenciada. São espaços cuja população promove a mistura de atividades rurais em espaços urbanos. Tal comportamento nos remete às palavras de Chaveiro, Calaça e Rezende (2009), quando discutem os espaços rurais goianos e afirmam que tais espaços nas regiões metropolitanas são diferentes. De acordo com os autores,

[...] o espaço rural das regiões metropolitanas também é diferente, uma vez que essas populações vivem em pequenas propriedades, geralmente chácaras, mantendo uma forte ligação com a cidade principalmente em nível de consumo urbano e relações de trabalho. Mas ao mesmo tempo, a paisagem da cidade nos revela um rural em meio ao urbano, é uma plantação de milho, cebolinha no quintal, é uma carroça em meio a Avenida Perimetral e tantos outros rurais. (CHAVEIRO, CALAÇA e REZENDE, 2009, p. 34).

Como grande parte da população que mora nos Setores trabalha na cidade de Goiânia, é comum encontrar, mesmo que nas pequenas propriedades, resquícios de ruralidades entrelaçados à cultura urbana. Contudo, é certo que não são todos que têm a condição de optar pelo trabalho na cidade, assim, alguns jovens trabalham nas pequenas propriedades rurais da região e reforçam as relações entre o campo e a cidade na metrópole. Essas relações, muitas vezes, são reforçadas pela sociabilidade exercida pelos jovens que, à sua maneira, participam das dinâmicas do campo e da cidade.

### **3.3.2 A trajetória dos jovens de Goiânia: o cotidiano, a perspectiva e a concepção do campo e da cidade.**

Antes de apresentarmos as principais características dos jovens acompanhados em suas trajetórias cotidianas, cabe ressaltar que nessa parte da pesquisa optamos por apresentar os resultados separadamente e chamá-los pelo número de sua observação, a fim de não identifica-los. Os dois alunos selecionados, conforme descrito na metodologia, foram estudantes da Escola Municipal Cleonice Monteiro Wolney, em 2012 e 2013, e moram em Goiânia. Apesar de haver breves semelhanças entre eles, realizam atividades cotidianas particulares em diferentes perspectivas de análise do espaço e de vida. Desse modo, achamos conveniente apresentá-los individualmente conforme suas experiências cotidianas, preocupações futuras e trajetórias espaciais.

Os jovens, em 2012, cursaram o sexto e o oitavo ano do Ensino Fundamental, no modelo Educação Fundamental de Adolescentes, Jovens e Adultos (EAJA)<sup>25</sup>, período em que desenvolvemos as observações na escola, aplicamos questionários e realizamos entrevistas. Em 2013, eles cursaram o sétimo e o nono ano – período em que os acompanhamos em suas atividades diárias e em seu espaço de vivência. Desse modo, foram observados desde o momento em que realizavam as primeiras atividades do dia até o retorno para suas casas, após as aulas. A observação aconteceu, também, em suas reuniões familiares, passeios e/ou trabalhos em outras cidades da Região Metropolitana

---

<sup>25</sup> A EAJA, na Rede Municipal de Educação de Goiânia, é um modelo utilizado no processo de escolarização de educandos com idade a partir de quinze anos, que por algum motivo não realizaram ou não concluíram o Ensino Fundamental. Desse modo, é uma modalidade que atende estudantes da 1ª série ao 9º ano do Ensino Fundamental.

de Goiânia, nos encontros com amigos e nas manifestações religiosas. Assim, seguem as atividades e reflexões realizadas a partir do acompanhamento feito ao longo do segundo semestre de 2013.

#### **Aluno 04**

Mineiro de Urucuia, cidade da região noroeste de Minas Gerais, o Aluno 04, assim como grande parte de sua família, migrou para o estado de Goiás em busca de novas oportunidades de trabalho. Nascido em 13 de maio de 1991, o jovem, desde 2011, mora com sua esposa e dois filhos em Goiânia. Em suas palavras, ainda pequeno trabalhou em fazendas e chácaras com os pais, onde ajudava a cuidar de animais e a mexer com lavoura. Durante um tempo, foi boia-fria em uma usina de açúcar e álcool, e hoje é caseiro em uma chácara no setor São Domingos.

Com relação aos estudos, o jovem iniciou o Ensino Fundamental em uma escola rural em Minas Gerais, mas devido às constantes mudanças de emprego e de cidade vivenciadas por sua família, ficou impossibilitado de continuar. Atualmente, morando próximo à Escola Municipal Cleonice Monteiro Wolney e com o incentivo do patrão e da esposa, em 2012, pode retornar aos estudos cursando o sexto ano do Ensino Fundamental. Desse modo, o jovem trabalha durante o dia, cuidando principalmente da horta e do pequeno rebanho leiteiro na propriedade e, à noite, vai à escola para assistir às aulas.

Ao amanhecer, o jovem diariamente levanta-se e vai tirar leite, que entrega para o leiteiro da região, enquanto sua esposa arruma o café da manhã e lava os recipientes de armazenamento do leite. Após um longo período no curral, o jovem retorna a casa com os baldes cheios de leite e despeja nos galões que deverão reservar o leite até a chegada do leiteiro. Nesse momento, as crianças começam a despertar e, em companhia dos dois filhos, os jovens tomam o café enquanto arrumam seus materiais de trabalho e assistem às notícias em um dos jornais da manhã. Terminado o café, o jovem caminha a um cômodo da casa, onde guardou os materiais utilizados para ordenhar as vacas e onde observa a estufa que choca alguns ovos produzidos pelas galinhas que cria na propriedade. Nesse mesmo cômodo, o jovem, enche um carrinho de mão com ração que leva para os cochos, onde o gado lentamente come e caminha pelo pasto.

Após essa primeira etapa da manhã, o jovem, em companhia de um dos filhos, caminha em direção à horta, onde roça o mato, enquanto a criança o ajuda com seu

“rastelinho”. Com o avançar da manhã, o jovem continua a roçar parte da horta enquanto a outra criança, em companhia da mãe, termina suas atividades escolares. De acordo com o jovem, a companhia da criança é importante naquela atividade, contudo ele não se importa de fazer essa parte sozinho para que seu filho possa terminar suas tarefas escolares. Pelo que demonstra em sua fala, o Aluno 04 se preocupa com a formação do filho e com o possível emprego que pode vir a conseguir no futuro.

*O Felipe ainda é pequeno, gosto que ele me ajude porque ele tem que aprender desde cedo que precisa ajudar em casa e nos trabalhos da família. Ele fica com o “rastelim” ali tentando ajudar do jeito dele, muitas vezes quase não rastela nada, mas sempre tá ali com boa vontade e disposto a ajudar. A gente não deixa os trabalhos da casa atrapalhar no estudo dele não. Ele ainda tá no começo e tem que fazer bem feito pra aprender direito e no futuro poder arrumar um bom emprego. Coisa que eu “tô” fazendo só agora, já que não tive jeito antes. [Aluno 04, Goiânia, 2013].*

Ao final da manhã, enquanto a esposa arruma os filhos para irem à escola – a mesma em que o pai estuda durante a noite –, o jovem almoça e aproveita para descansar um pouco em frente a TV. Quando as crianças já estão prontas, o jovem as acompanha até a porta da escola e retorna para casa, onde termina algumas atividades e faz outras em casa. Para o Aluno 04, é nesse momento que aproveita para colocar as atividades escolares em ordem. O jovem remexe em seus cadernos e folhas de atividades.

*Depois de levar os meninos na escola, quando não tenho que ir na cidade resolver alguma coisa pra chácara, aproveito pra fazer alguma tarefa ou trabalho da escola. Nessa hora, o sol é bem quente e não é bom mexer nas plantas da horta. Faço algumas coisas que ficaram pra trás e depois volto pra casa e faço as tarefas ou retomo alguma parte da lição. Não é todo dia que faço isso, mas quando dá eu acho bom, porque é um jeito de*

*aprender pra poder ajudar meus filhos e quem sabe um dia melhorar de vida. [Aluno 04, Goiânia, 2013].*

Depois de seu tempo de descanso e estudo, o jovem volta a mexer com suas atividades na chácara até o final da tarde, quando traz parte do gado para o curral e se prepara para ir á escola. Ao sair para a aula, geralmente de moto, percorre cerca de 7 km até chegar à instituição, onde fica até tarde da noite, quando encerram as aulas. Terminadas as aulas, o Aluno 04 retorna pelo escuro da noite em direção à sua casa, onde reencontra sua esposa e filhos. Essa rotina é seguida pelo jovem de segunda a sexta.

Nos finais de semana, em que os donos da chácara vão à propriedade, o Aluno 04 e sua família mantêm sua rotina matinal e, na parte da tarde, vão a algum lugar de lazer, geralmente, casas de amigos ou parentes, e retornam ao anoitecer. Quando os patrões não vão à propriedade, não é possível que todos saiam por um tempo mais prolongado. Por isso, aos sábados, nessas circunstâncias, é mais comum receberem os amigos ou parentes em casa. Em alguns sábados, o Aluno 04 aproveita para encontrar com alguns colegas que trabalham e/ou moram na região e com outros que também estudam em sua escola para jogarem futebol em um campo construído em uma das chácaras de lazer que tem na região. É nesse momento que o jovem, em companhia do filho mais velho, aproveita para se relacionar com seus pares e se descontraírem com o grupo. Conforme relata o jovem, é nessa hora que conversa coisas sem importância, descansa das atividades diárias e rejuvenesce.

*É na hora do futebol que a gente fala as coisas sem compromisso, só para “atazanar” o outro. Nessa hora nem dá pra lembrar da semana de trabalho duro ou dos problemas que passou ou tá passando. Segundo a minha esposa eu chego até mais moço depois de jogar bola com o pessoal. (risos) [Aluno 04, Goiânia, 2013].*

Aos domingos pela manhã, enquanto sua mulher e filhos vão à igreja, o jovem aproveita para vender uma parte das hortaliças – aquelas destinadas a ele como parte da produção – e galinha caipira, em uma feira no setor próximo de sua moradia. De origem católica, antes mesmo de se mudar para Goiás era devoto do Divino Pai Eterno e, com a

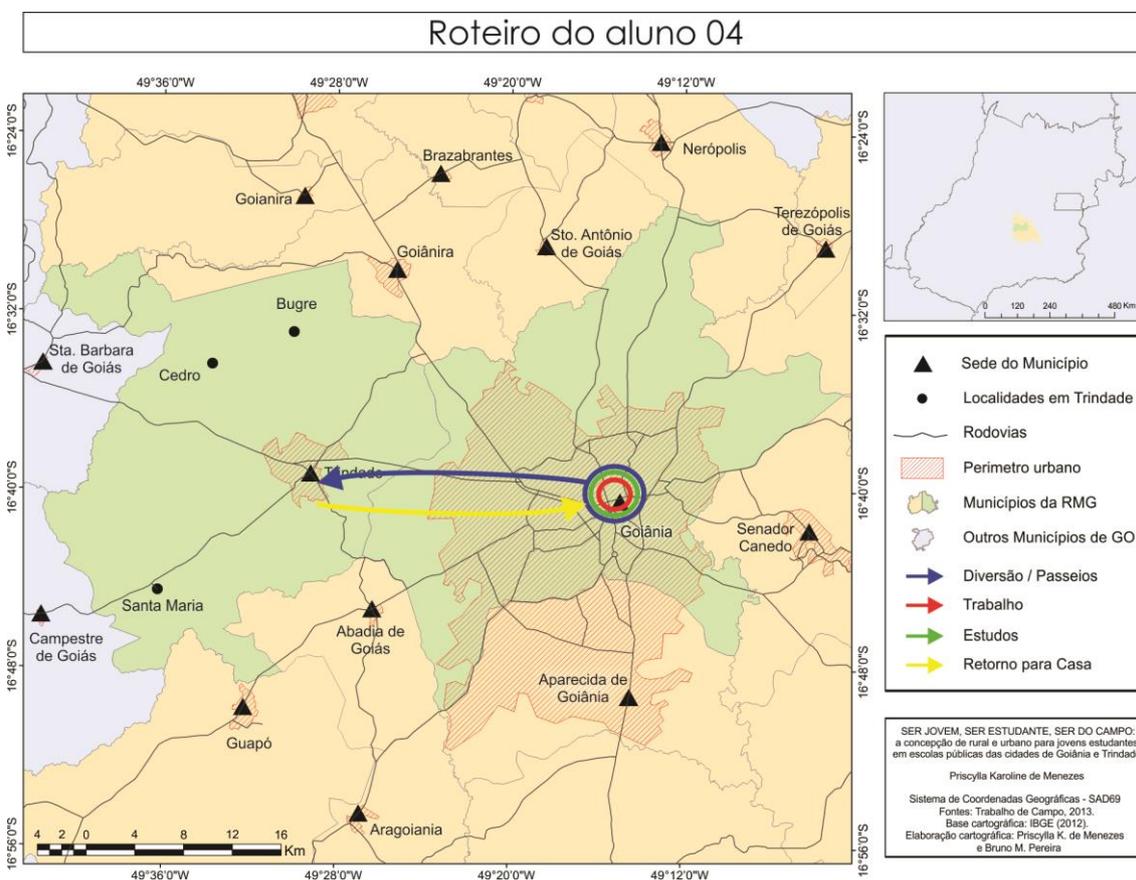
mudança para o estado goiano, passou a frequentar todo ano a festa em Trindade. Segundo o jovem, é no período da festa da Santíssima Trindade que ele e sua família partem rumo à cidade do evento para rezar, reencontrar os conhecidos que fizeram ao longo de suas caminhadas e também festejar.

Ao ser questionado quanto à sua concepção de campo e cidade, o jovem que mora em Goiânia e trabalha, principalmente, com atividades agropastoris, traz consigo informações também enraizadas em sua história, enquanto sujeito nascido no campo e que por necessidade migrou em busca de melhores oportunidades, como podemos perceber em sua fala.

*Na minha concepção, a cidade e o campo são espaços que não vivem separados. Tem alguns lugares que a gente não sabe onde um termina e o outro começa. É no campo que se produz o que a cidade consome. Em poucas palavras, eu vejo o campo como um espaço onde se trabalha principalmente com as mãos na terra e a cidade como um espaço que consome o que é produzido no campo e o trabalho é feito principalmente com a cabeça. Apesar de morar na cidade, eu não me vejo em Goiânia. Pra mim, moro em um lugar que pouco tem a ver com a cidade que a gente vê na televisão. Acho que é por causa do que faço, do meu trabalho. Mas é fácil pensar na cidade aqui perto, porque mesmo distante da imagem que Goiânia tem na televisão, a gente tem as coisas um pouco mais fácil, posto de saúde, escola, essas coisas, que não é fácil de encontrar nas fazendas mais distâtes. Com relação ao trabalho, vejo muito mais gente envolvida com o campo que com a cidade. Aqui tem muita gente que sai pra trabalhar em Goiânia todo dia, mas a maioria é filho de alguém que trabalha por aqui. [Aluno 04, Goiânia, 2013].*

Desse modo, para o jovem, a cidade e o campo são espaços que se complementam, mas são espaços bem diferentes, mesmo estando dentro de um mesmo território e estando muito próximos. Acreditamos que os pré-conceitos formados pelo jovem, são resultados também de sua trajetória de vida, que influencia diretamente em

sua dinâmica espacial. O jovem, pelo que foi observado e demonstrado no Mapa 7, utiliza-se dos espaços de lazer próximos de sua residência e, quando decide sair desse lugar, é impulsionado pelo trabalho ou pela religião – quando vai à feira, e à Trindade – e não pelo desejo de usufruir de outros espaços.



O Aluno 04 que, conforme demonstra o Mapa 7, tem sua dinâmica espacial voltada principalmente para os espaços próximos de sua casa, é um jovem, cujo depoimento, remete-nos a uma reflexão que pode ser traduzida nas palavras de Novais (2006, p. 105), ao discutir os jovens da atualidade, em seus contextos, diferenças e trajetórias, quando observa que “[...] qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais”. Apesar de a condição juvenil extrapolar as questões de classe social, para a autora, essa desigualdade nas formas de viver a juventude torna-se mais evidente se analisadas quanto a esse aspecto.

O jovem Aluno 04, apesar de viver como um chefe de família, ter suas preocupações e responsabilidades, associadas ao que alguns autores como NOVAIS (2006) chamam de típicas do “mundo adulto”, fortalece as palavras de Pais (2003) quando diz que o fato de assumir tais responsabilidades não o tira a juventude. Este jovem, ao se encontrar com seus pares, e mesmo ao conversar com sua esposa em seus momentos de lazer, vivencia sua juventude e demonstra seus anseios para o futuro – os quais muito se assemelham aqueles apresentados pelas jovens estudantes de Trindade, “*terminar os estudos e lutar por condições melhores de trabalho e vida para sua família*”. [Aluno 04, Goiânia, 2013].

### **Aluna 05**

Goiana, nascida em Aparecida de Goiânia, em 7 de janeiro de 1992, a Aluna 05 foi criada na cidade e desde pequena ensinada a ajudar os pais nas atividades domésticas. Aos 17 anos, casou-se e foi morar em uma chácara na região noroeste de Goiânia. Desde pequena, teve muito contato com as criações no quintal – principalmente de galinhas e gansos – mas sempre com um olhar de animais de estimação criados pelos pais e avós. Ao se casar com um jovem conhecido e se mudar para uma chácara em Goiânia, passou a ter nesses animais uma das principais fontes de renda da família. Assim, atualmente, mora e trabalha, com o marido, em uma propriedade no setor Sítio Recreio Caraíbas.

Com relação aos estudos, a jovem iniciou o Ensino Fundamental em uma escola em Aparecida de Goiânia, mas devido a dificuldades familiares não conseguiu terminá-los em tempo adequado. Após seu casamento e indo morar próximo à Escola Municipal Cleonice Monteiro Wolney, foi incentivada pelo marido a terminar a primeira fase dos seus estudos. Desse modo, a jovem trabalha durante o dia na propriedade onde mora e cursa o oitavo ano do Ensino Fundamental à noite.

Ainda com o sol surgindo no horizonte, a jovem desperta e, enquanto o marido ordenha as vacas na propriedade, ela arruma o café e lava as vasilhas que utilizarão para armazenar o leite e produzirem o queijo que vendem na propriedade, nas feiras e mercados próximos. Com o retorno do marido, depois de terminar o serviço com o gado, os jovens alimentam-se enquanto assistem ao jornal da manhã. Terminada a refeição, a jovem pega o coalho e as vasilhas que havia lavado e prepara-se para fazer

os queijos do dia. Enquanto o produto químico é preparado e despejado no leite pelo marido, a jovem organiza a cozinha e vai em direção aos baldes de leite, saindo de lá após mexê-los e temperar o leite com sal. A Aluna 05 aproveita, enquanto o leite coalha, para organizar a casa e terminar de lavar algumas louças que ficaram ali na pia.

Envolvida com as atividades domésticas, a jovem aproveita para ouvir o rádio e trabalhar na limpeza da parte interna e externa da casa. Ao final das tarefas diárias com a casa, a jovem volta a mexer com o queijo e despejar a “massa” formada pelo leite em formas, previamente limpas e forradas por uma espécie de tela que são confeccionadas por ela: “Eu faço as telinhas para facilitar na hora de desenformar o queijo. São feitas de tecido e servem também pra não deixar desmanchar”. [Aluna 05, Goiânia, 2013]. Ao terminar de enformar os queijos, a jovem os coloca na geladeira, onde ficam até chegar um consumidor ou até serem levados pelo seu marido ao mercado. Nos dias de feira, o marido da jovem, logo após ordenhar as vacas e entregar o leite a ela, sai cedo com os queijos que foram previamente embalados pela jovem.

Ao final da manhã, a jovem caminha em direção à pequena horta na propriedade e, enquanto rega as plantas e hortaliças, seleciona as folhas que serão utilizadas no almoço. Antes de iniciar o almoço, alimenta algumas galinhas e os porquinhos que o casal “engorda” para produzirem linguiça que vendem na feira. Assim, a jovem termina sua manhã almoçando com o marido e se preparando para as atividades que desenvolverão à tarde.

Na parte da tarde, a jovem se dedica às atividades ligadas à casa dos patrões. Envolvida com a limpeza dos móveis e áreas internas e externas da casa, e com as roupas dos patrões, ela passa a tarde empenhada no serviço. Ao cair da tarde, quando os patrões retornam à propriedade, a jovem volta para sua casa e prepara-se para ir à aula. Acompanhada pelo marido que a leva de moto para a escola, eles percorrem cerca de 10 km até chegar à instituição. Terminadas as aulas, a Aluna 05 reencontra o marido e juntos retornam para casa. Tal rotina é seguida por eles de segunda à sexta.

Nos finais de semana a Aluna 05 e o marido costumam sair de casa para se encontrar com os parentes e amigos e se distrair um pouco. Aos sábados, a jovem em companhia do marido costuma ir à casa de parentes e amigos na região e também em Aparecida de Goiânia, onde seus pais e parentes moram. É em Aparecida de Goiânia que a jovem aproveita para reencontrar antigos colegas e algumas vezes ir ao *shopping* – o Buriti Shopping – para passear e se descontraírem com o marido e amigos. Nesses momentos, a jovem aproveita para exercer sua sociabilidade e aproveitar as condições

juvenis que lhe são oferecidas. Aos domingos, a jovem costuma ir à missa com o marido e, em algumas vezes, receber a visita de parentes em sua casa.

Sábados e domingos são dias da semana que, segundo a jovem, servem para lembrá-la de sua condição juvenil e também para matar a saudade da família e dos amigos que deixou em Aparecida de Goiânia, como aparece em sua fala.

*Gosto de onde moramos e das atividades que fazemos, mas nos dias que podemos sair e ver nossos amigos e nossa família é melhor ainda. Aqui, nós trabalhamos muito e tem dia que a gente nem parece jovem, porque é sempre uma correria de trabalho e escola, que nem dá tempo pra mais nada. Por isso gosto tanto do sábado e do domingo, é o dia que, apesar de ainda ter que trabalhar um pouco, a gente sai, vê nossa família e nossos amigos e fazemos as coisas que a gente fazia antes.*  
[Aluna 05, Goiânia, 2013].

De acordo com a jovem, um momento de breve descontração, mas também associado ao trabalho, são as feiras e festas religiosas que costumam ir nos finais de semana. Para ela, é um momento de lazer, mas também um momento em que o casal encontra para aumentar a renda da família. Nessas festas e feiras, os jovens vão para vender seus queijos, frescos e curados, linguiças e doces feitos por eles no decorrer da semana. Segundo a jovem, na festa de Trindade, por exemplo, montam bancas em calçadas próximas à prefeitura e à Basílica, para vender e aproveitar a festa. Em outras palavras, ela diz:

*Meu marido é de Trindade e desde pequeno trabalha com coisas feitas na roça [...] e trabalha na festa do Divino Pai Eterno. Lá a gente já tem alguns conhecidos e uns parentes do Juliano ajudam a vender. Por isso que a gente consegue trabalhar, passear e comprar coisas pela cidade. Mais eu, porque ele quase não sai da banca! (risos) É um momento importante pra ele, que eu já gosto também.* [Aluna 05, Goiânia, 2013].

Esse comportamento, segundo Moreira e Silva (2010), é comum entre os moradores da cidade de Trindade e de comerciantes que se aproveitam do turismo religioso para venderem coisas e complementarem a renda da família. As autoras assinalam que

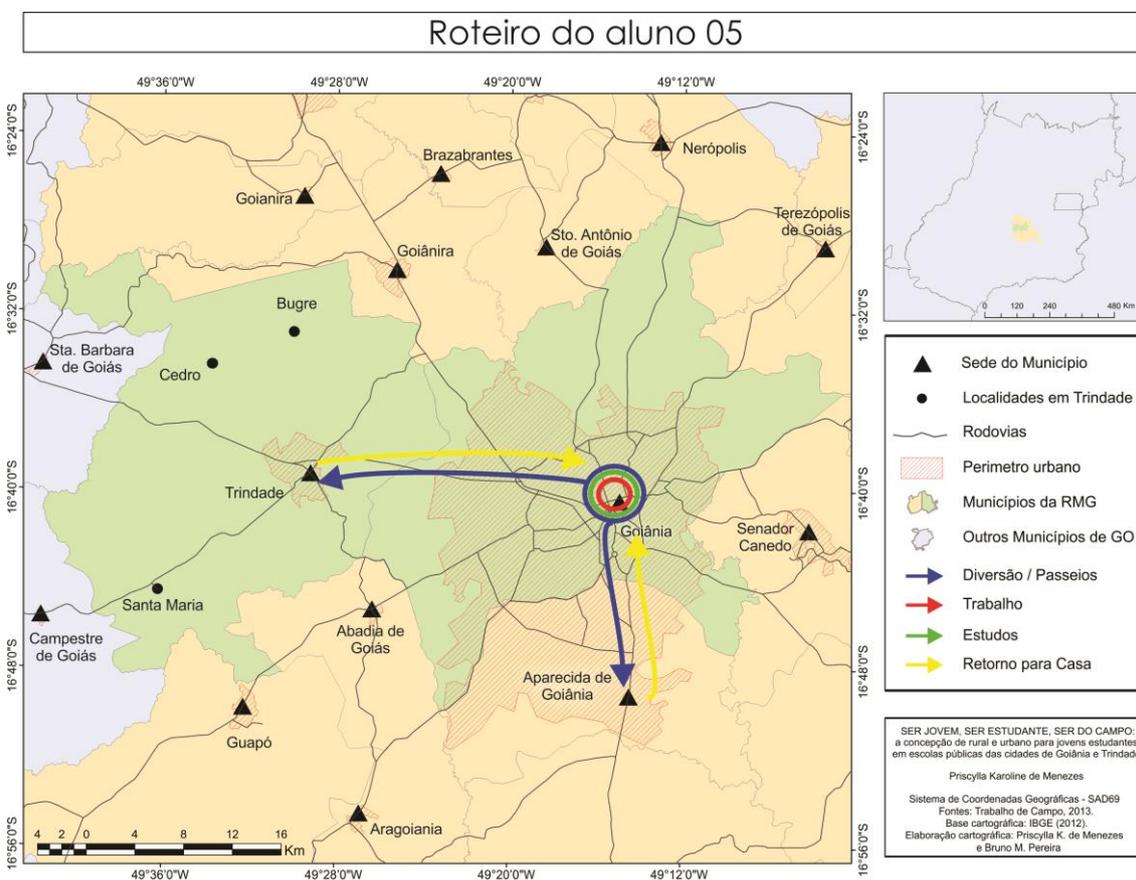
[...] muitos moradores aproveitam a festa para trabalharem. Alguns moradores alugam suas calçadas para os comerciantes montarem suas barracas, ou eles próprios vendem água e bebidas ou vigiam carros para os visitantes. Desta forma, percebe-se a apropriação que os moradores fazem do turismo religioso para a prática de relações comerciais. [...] A festa que antes estava pautada nas práticas religiosas como rituais simbólicos de adoração a uma entidade divina, passa a ter um valor econômico. (MOREIRA e SILVA, 2010, p. 6).

Ao ser questionada quanto à sua concepção de campo e cidade, a Aluna 05, que foi criada na cidade de Aparecida de Goiânia e hoje mora em Goiânia e trabalha em uma atividade com fortes heranças rurais, demonstra a seguinte concepção:

*Cidade e campo são dois espaços que formam Goiânia. Um com atividades mais rústicas e o outro com atividades mais diversificadas. Não “tô” dizendo que no campo não seja diversificada, porque também é, mas o que eu quero falar é que na cidade, “a gente” pode trabalhar e encontrar diferentes serviços, hospital, escola, comércio, delegacias, essas coisas. A cidade é o espaço onde todos esses serviços se encontram e no campo geralmente as coisas aparecem separadas. Por exemplo, no campo, uma escola e um hospital não são encontrados com a mesma facilidade que na cidade. Outra coisa que marca quanto aos dois é que na cidade existe muito trânsito, barulho, lazer e perigo, já no campo existe paz, paisagens bonitas para descansar e trabalho. [Aluna 05, Goiânia, 2013].*

Com uma visão muito atrelada às funções do espaço, o que acaba deixando em aberto uma imagem de desenvolvimento e atraso, a jovem tenta explicar o que é campo e o que é cidade. Apesar de apresentá-los inicialmente como espaços que em conjunto compõem o município de Goiânia, a Aluna 05 deixa clara a ideia dos espaços e suas diferenças. A jovem que em sua trajetória no decorrer da semana fica mais ligada ao

campo e nos finais de semana à cidade tem, conforme definem Guimarães e Silva Jr. (2012), uma trajetória espacial ligada aos seus espaços de origem, como se demonstra no Mapa 8.



**Mapa 8 – Roteiro do Aluno 05**  
Fonte: MENEZES P. K. Trabalho de campo, 2013.

A jovem, nascida no município de Aparecida de Goiânia, continua frequentando os espaços a que teve acesso antes de se mudar e frequenta, junto ao marido, lugares semelhantes aos frequentados por seus antigos amigos. A Aluna 05 exerce sua juventude próximo à residência dos pais e à sua residência, e se relaciona com jovens que muitas vezes ainda não assumiram responsabilidades como as dela. Ao se comportar dessa maneira, acreditamos que sua trajetória espacial, bem como sua concepção dos espaços estejam associados à sua formação sociocultural e às oportunidades que teve e ainda tem.

### 3.4 Ser jovem, ser estudante, ser do campo em diferentes lugares da RMG

Nesse item, são apresentadas análises a fim de identificarmos como é ser jovem nas condições de estudantes e moradores do campo, na Região Metropolitana de Goiânia. Sabemos que essa temática, na Geografia, ainda há muito o que refletir, contudo, assim como já acontece nas outras ciências, principalmente nas Ciências Sociais e Educação, é uma discussão que precisa ser feita, haja vista toda a complexidade sociocultural do jovem do campo e sua expressão nas alterações que se firmam na relação campo-cidade.

A heterogeneidade das condições de vida e trabalho e o acesso aos serviços públicos – educação, saúde, lazer – são desafios constantemente enfrentados pelos jovens no campo. Contudo, as demandas da juventude sejam elas urbanas ou rurais passaram a ser reconhecidas como importantes e legítimas à sociedade e, com isso, incorporadas pelo Estado em suas políticas e análises estruturantes da dinâmica social. Segundo Pires (2013, p. 81),

Há pouco tempo, a juventude era objeto de estudo de apenas algumas áreas do conhecimento e das instâncias públicas. No entanto, hoje esse assunto tem ocupado a pauta de todos os setores da sociedade, da mídia escrita e falada, de debates e pesquisas realizadas, principalmente, por sociólogos, antropólogos, psicólogos e educadores que se preocupam com a temática em questão.

Como dito anteriormente, nas observações de Dayrell e Reis (2007), Pais (2003), e Pires (2013), o conceito de juventude é algo que tem sua constituição a partir de critérios históricos e culturais, que variam de acordo com o tempo, espaço e com a diversidade social. Ser jovem, nesse sentido, não é uma condição que se manifesta de maneira semelhante nos diferentes momentos e lugares. O jovem, se pensado consoante critérios relacionados ao território, gênero, etnia, classe social, nos faz compreender que são indivíduos que podem ser encarados tanto como: sujeitos, cujos direitos e deveres são mais amplos do que os de uma criança e não tão completos como os de um adulto; quanto sujeitos que têm sua condição juvenil reservada, principalmente, aos momentos de sociabilidade na escola e/ou no trabalho. Enfim, são entendidos como sujeitos que experimentam a juventude, segundo o contexto espacial e sociocultural onde se inserem.

Conforme Abramo (1994), o jovem inicia sua relativa autonomia perante o meio social, ao ingressar no trabalho, onde tem a possibilidade de construir suas novas redes

de sociabilidade e, conseqüentemente, fortalecer e/ou reconstruir uma identidade pessoal e coletiva. De acordo com a autora, ao adentrar no mundo do trabalho, o jovem vive um momento de passagem do mundo pessoal, das relações familiares e privadas às comunidades em que foram criados, para outras formas de contato e ocupação de espaços. São alterações que passam a influenciar diretamente seu posicionamento e, conseqüentemente, seu lugar de vivência.

Os jovens de Trindade e Goiânia, acompanhados neste estudo, apontam o trabalho como uma oportunidade de crescerem enquanto indivíduos e aos olhares de suas famílias. Em alguns excertos dos diálogos que realizamos com eles, esses posicionamentos ficam patentes:

*Depois que comecei a trabalhar, aprendi a conviver melhor com pessoas que tiveram uma criação diferente da minha. Antes, era comum eu simplesmente “virar o bico” e ignorar a pessoa que eu não gostava, agora não. Eu sei que preciso conviver com ela, gostando ou não, então, acabei aprendendo a conviver com qualquer tipo de pessoa. Acho que isso é um tipo de amadurecimento que tive. [Aluna 03].*

*Desde pequeno, eu trabalhei com meus pais na roça, de sol a sol e muitas vezes debaixo de chuva, mas foi depois que arrumei um emprego fora [o aluno passou a trabalhar como boia-fria] que eles passaram a respeitar melhor o meu serviço e até mesmo eu como pessoa. Antes eu não podia ficar cansado ou falar que ia parar mais cedo, que logo meu pai “ralhava” comigo. Ele fazia isso com todos nós. Depois que comecei a trabalhar fora, cheguei até uma vez a ouvir ele dizendo para meus irmãos falarem mais baixo porque eu precisava descansar um pouco. Sei que não é muita coisa, mas ouvir isso do meu pai pra mim é muito. [Aluno 04].*

Para Dayrell e Reis (2007), é a entrada no mercado de trabalho que garante a muitos jovens a condição de vivenciarem sua condição juvenil, uma vez que, assim, garantem o mínimo de recursos que podem também destinar ao lazer, ao namoro ou ao

consumo. Ao expandir seus espaços, construir novas amizades, o jovem passa a fazer parte de novos espaços coletivos, onde várias identidades se encontram e, em tais circunstâncias, passa a identificar-se ou não com essa diversidade. Essa ampliação dos espaços e das redes de sociabilidade, como discutido anteriormente, é um processo que não se restringe apenas aos ambientes de trabalho, mas também acontece nas escolas e em outras instituições de ensino, como demonstrado por Dayrell (1996), Cavalcanti (2011), Paula (2013) e Pires (2013), em seus estudos acerca da juventude e de suas práticas espaciais.

Desse modo, estudar e trabalhar para o jovem significa também socializar-se e, apesar de serem assuntos muitas vezes pensados como opostos, segundo Dayrell e Reis (2007), para os jovens, não o são. Sobre essa questão, os autores afirmam que

[...] para os jovens, a escola e o trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil. Nesse sentido, o mundo do trabalho aparece como uma mediação efetiva e simbólica na experimentação da condição juvenil, podendo-se afirmar que “o trabalho também faz a juventude”, mesmo considerando a diversidade de situações e posturas existente por parte dos jovens em relação ao trabalho. (DAYRELL e REIS, 2007, p. 5).

A utilização do espaço escolar e de trabalho como um lugar de sociabilidade e relacionamento com os pares não se diferencia quando a análise se refere aos jovens do campo ou da cidade. Os jovens, aqui analisados, residentes no campo e estudantes/trabalhadores nas cidades, ressaltam a importância desses espaços na constituição de seus círculos de amizade e apontam o espaço das instituições de ensino como um lugar onde podem conversar, socializar e divertirem-se sem maiores preocupações. Nesse sentido, Pires (2013, p. 98) afirma que

[...] cumpre pensar que o lazer pode ocorrer em espaços-tempos de obrigações, pois que os jovens (trabalhadores) buscam outros lugares e tempos para praticá-lo. Segundo Pais (2003), no espaço da escola ou da universidade, por exemplo, os jovens podem encontrar os amigos (em sala de aula ou no pátio) para conversar/paquerar, ter prazer em estudar e fazer pesquisas, navegar nas redes sociais, namorar etc. E se essas atividades causam prazer, excitação e apresentam índices de liberdade, podem ser vistas como práticas de lazer.

Em conformidade com as palavras de Pires (2013), os jovens acompanhados neste estudo – de Goiânia e Trindade – apontam a escola como um dos espaços onde têm lazer. Como demonstrado anteriormente neste capítulo, muitos apontam as

instituições de ensino como um lugar para encontrar os amigos e mesmo para se sentirem jovens. Tal informação confirma-se nas seguintes falas:

*Adorava ir pra escola! Não necessariamente para ir estudar (risos). Muitas vezes eu contava as horas pra chegar o outro dia pra poder contar uma novidade ou ficar sabendo de alguma coisa. Era lá que eu encontrava a maior parte dos meus amigos e o meu namorado. A gente conversava sobre tudo (risos). Hoje faço isso na Faculdade e na Prefeitura [espaços onde a jovem atualmente estuda e trabalha, respectivamente] ainda mais porque a maioria dos meus amigos também estão estudando aqui na Aphonsiano e trabalhando na Prefeitura. [Aluna 03].*

*Nunca fui de muitas amizades, nem de ficar saindo. A gente sempre mudou muito e grande parte do que aprendi, aprendi com minha mãe, porque até pra ir na escola era difícil. Como eu sou um dos mais velhos, sempre fui cobrado pelo “pai” a me comportar como homem, a ajudar nas tarefas da roça e a ajudar a “mãe” com os mais novos. Então, nunca me senti jovem, do jeito que você fala. Acho que nasci adulto (risos). Segundo a Mariana, de um ano e meio pra cá – desde que eu entrei na escola – eu dei uma remoçada. Acho que ela tá certa, me sinto mais moço, acho que é porque lá não preciso estar o tempo inteiro preocupado, posso conversar com pessoas da minha idade e me aconselhar com os professores. Não preciso ter sempre uma resposta. [Aluno 04].*

Assim, ser estudante para o jovem contemporâneo, como ressalta Dayrell e Reis (2007), consiste em algo que vai além da simples submissão a modelos previamente impostos por instituições, implica cada vez mais em uma construção e atribuição de sentidos. Segundo os autores, é também uma forma de exercitar sua condição juvenil e de construir em si mesmo os princípios da motivação e sentidos atribuídos à experiência escolar – um processo complexo, haja vista a necessidade de articulação com as práticas e valores trazidos de seu cotidiano.

É interessante observar que ser estudante, no caso das jovens de Trindade, é um aspecto que lhes permite regalias que, em outros casos, não teriam, devido à sua condição de gênero. De acordo com o que foi observado em suas atividades cotidianas e com os relatos feitos durante a pesquisa, estarem na condição de estudante lhes garante a oportunidade de saírem daquela condição de trabalhadora rural e de assumirem atividades menos desgastantes fisicamente em outros lugares, especialmente, nas cidades. Além de liberá-las da privação imposta pelos pais com relação aos horários e espaços frequentados em seus momentos de lazer, é importante ressaltar que, mesmo havendo uma menor restrição, a autorização dos pais ainda é necessária.

*Depois que fui estudar em Trindade, me vejo com a possibilidade de sair dessa condição de trabalho e arrumar um emprego melhor, que pode realmente me dar condições de ajudar minha família. Adoro o Cedro, mas aqui a gente não tem oportunidade de crescer, ainda mais eu que sou mulher. Sei que meu pai fica preocupado, mas ele não se opõe à minha ideia de trabalhar na cidade. Na verdade, ele até se anima com a possibilidade de um dia eu passar num concurso público. Acho que é até por isso que ele não se opõe tanto às minhas idas à cidade, seja para estudar, trabalhar ou a lazer. [Aluna 01].*

Para os jovens de Goiânia, a condição de estudante é vista como uma possibilidade de exercerem sua condição juvenil, de se comunicarem e, até mesmo, de se desvencilharem um pouco das preocupações da vida adulta. Apesar disso, ser estudante não os faz esquecer que é essa condição que lhes permite lutar por melhores oportunidades e qualidade de vida para seus filhos e família. Podemos observar essa postura nos dizeres da Aluna 05.

*Como eu já te disse, a vida aqui não é muito fácil e às vezes a gente trabalha tanto que nem lembra que é jovem. Ir pra escola, pra mim, é uma forma que eu tenho de esquecer um pouquinho dessas canseiras da vida e lembrar um pouquinho da idade que eu tenho. Além disso, é uma forma que eu vejo de poder um dia melhorar de vida junto com o meu marido. [Aluna 05].*

Entendemos essa possibilidade de se comunicar com outros jovens e de se desvencilhar das responsabilidades diárias, atribuídas aos espaços da instituição de ensino e adjacências, como uma forma encontrada pelos jovens de saírem de um cotidiano marcado por uma rotina nem sempre prazerosa. Durante a semana, são trabalhadores e aproveitam pouco os espaços da cidade onde estudam/trabalham, dessa forma, a escola é o espaço sociocultural que utilizam para desenvolverem suas relações sociais. Nesse sentido, estar fora da escola é também uma marca de exclusão social.

Com momentos de lazer muito associados aos grupos escolares e/ou de trabalho, que circulam principalmente nas proximidades da instituição onde trabalham/estudam, os jovens, aqui observados, apresentam comportamentos semelhantes aos dos estudantes universitários estudados por Paula e Pires (2012). São jovens que frequentam lugares relacionados ao consumo de bebidas e comidas (bares, sanduicherias, pizzarias), igreja, cinema, sua instituição de ensino e a casa de parentes e/ou amigos. Assim como as autoras, acreditamos que a escolha desses lugares, está vinculada principalmente à questão da sociabilidade, ao desejo de estar nos tempos livres com amigos e familiares. Sobre isso, Paula e Pires (2012) reforçam que essa escolha feita pelos jovens não quer dizer que eles não tenham interesse de frequentar outros lugares, porém a carência de alternativas de locais e atividades onde moram, bem como a falta de recursos financeiros os levam aos espaços mais imediatos do seu cotidiano.

A escolha pelo lazer nas proximidades das residências também são fundamentadas por outros fortes argumentos, apresentados pelos jovens, como a constante descrição desses lugares como mais seguros, tranquilos e com oportunidades relacionadas às tradições culturais em que foram criados. Essa proximidade das tradições reforçam suas relações com o meio, com suas famílias e outros membros das comunidades onde moram. A participação em manifestações culturais da comunidade – os mutirões, os grupos de folia, os encontros de cavaleiros e o preparo para as festas religiosas – também é um aspecto que marca os momentos de lazer desses jovens de Goiânia e Trindade que, desse modo, veem uma possibilidade de exercerem sua condição juvenil associada à vida social do lugar onde moram.

Como já apontado em tópicos anteriores, apesar de os jovens acompanhados gostarem de sair e ir à cidade (*shoppings*, bares, sorveterias), não se negam às tradições locais. É possível observar entre eles um encanto e respeito às atividades das comunidades. As jovens do Cedro e Bugre, principalmente, envolvem-se diretamente

com as atividades culturais do local e encabeçam grupos de jovens que se responsabilizam por levar a tradição do lugar àqueles que não conhecem a devida cultura.

Ser do campo, para os jovens das comunidades rurais Cedro e Bugre, do Distrito de Santa Maria, em Trindade, e dos setores Sítio Recreio Caraíbas e São Domingos, em Goiânia, é ter em sua identidade uma importante contribuição dos elementos oriundos da vida no campo. Esses elementos, por sua vez, associados à urbanização cultural que, segundo Carneiro (1998) se manifesta nos modos de viver, nas formas de vestir e até mesmo na maneira de alimentar, conferem-lhes um exercício diferenciado de suas condições juvenis. São jovens que, logo cedo, estão incorporados à rotina de trabalho da família, seja no trabalho com a terra, seja no trabalho com os animais, por isso, precisam aprender logo as tarefas que lhes são atribuídas.

Por meio das tarefas domésticas, desenvolvem habilidades que utilizam em momentos específicos para se colocarem em evidência no grupo de amigos de suas comunidades e/ou da cidade onde estudam/trabalham. É interessante observar que, para esses jovens, ser do campo e praticar atividades de seu cotidiano, como cavalgar ou conduzir carros de boi, em alguns momentos, é também uma oportunidade de se destacarem em um determinado contexto e, até mesmo, de aproveitarem o conhecimento adquirido para ajudar seus familiares que não moram no campo. Os jovens reconhecem a admiração dos outros quanto aos seus hábitos, conhecimentos e/ou suas manifestações de fé em festas religiosas. Nesse caso específico, referimo-nos à Festa do Divino Pai Eterno, rodeios e/ou feiras de exposição e, com isso, aproveitam para socializarem-se como outros jovens e reencontrar amigos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que os jovens vivenciam diferentes contextos em seu cotidiano, alguns comuns a outros jovens, outros específicos aos seus espaços de vivência. Os jovens do campo, singularmente, são indivíduos que vivenciam a dinâmica relação entre campo e cidade e são influenciados constantemente por esta. Por isso, procuramos compreendê-los enquanto indivíduos ativos que, em situações plurais, fortificam e produzem aquilo que é expresso em suas linguagens, organizações e territorialidades.

Com o intuito de perscrutarmos o jovem do campo e sua cultura geográfica, suas práticas espaciais e, principalmente, sua concepção de campo e cidade, discutimos como esses jovens se relacionam com esses espaços e como se apropriam destes, enquanto jovens.

Nesse sentido, foi possível percebermos que ser jovem na cidade, não é o mesmo que ser jovem no campo, assim como ser jovem na periferia não é o mesmo que ser jovem numa classe mais abastada. Contudo, os jovens entrevistados revelam a face de uma parcela da juventude que enfrenta dificuldades decorrentes de suas condições de vida e, também, o intenso processo de busca pela sobrevivência no espaço urbano. São jovens que, assim como afirma Bourdieu (1998), não nos permite compreendê-los isoladamente, mas a partir das relações entre posições e/ou classes, haja vista a influência desses elementos nas demarcações e limites das práticas espaciais.

Assim, a situação vivida pelos jovens de Goiânia e Trindade, acompanhados neste estudo, constitui um fator que define, em grande medida, um modo de vivenciar sua condição juvenil. São jovens que se mostram muito identificados com os valores familiares e religiosos, traços característicos das populações do campo, pautadas pela obediência às regras impostas pela família e às devoções religiosas.

No debate educacional, são jovens que despertam o olhar de muitas pesquisas. Entretanto, no que se refere às discussões geográficas, ainda são pouco explorados na

interface da trajetória campo e cidade. Sabemos que “campo” é uma nomenclatura que já vem carregada de significados e que dá margem a uma análise diferenciada à educação. Sendo assim, a discussão do campo e de suas diferentes abordagens no ensino de Geografia deve ser cada dia mais explorada e aproximada ao cotidiano do aluno. Com isso, é possível à Geografia desenvolver, também, em suas investigações, a discussão sobre o aluno e, conseqüentemente, sobre o jovem do campo e suas culturas geográficas, em uma tentativa de compreender essa juventude que, em parte, foge aos moldes daquela da cidade.

Cabe ressaltar, de acordo com Pires (2013, p. 143), que

[...] ao trabalhar com essa perspectiva, [de o ensino constituir num espaço de mediação para a transformação do cotidiano dos alunos-jovens], a preocupação maior dos professores tem de ser a de contribuir para que o processo formativo se dê de forma que os conteúdos geográficos possam ser ensinados em meio a uma cadeia de significações, mediados por conceitos, ideias, reflexões, proposições e representações, visando torná-los significativos para a vida cotidiana dos alunos-jovens.

Certamente, essa postura inovadora de ensino pode vir não apenas a contribuir com a comunidade acadêmica, mas constitui um viés de transformação social. Na condição de geógrafos, podemos ajudar a construir uma nova história sobre o jovem, principalmente sobre o jovem do campo, enquanto objeto de estudo que há algum tempo convoca-nos a reflexões mais apuradas. Essa é uma problemática que vem tomando a atenção de pesquisadores, como Carneiro (1998), Castro et al. (2009) e Guimarães e Silva Jr. (2012). O jovem do campo, que por muito tempo foi tratado apenas como o filho de um produtor rural, frente às constantes transformações ocorridas nas relações entre campo e cidade, a partir da década de 1990, emergiu como demanda de estudos científicos. Envolvidos nos diferentes espaços – campo e cidade – os jovens passaram a ser discutidos, enquanto sujeitos sociais, em sua historicidade e cultura específicas. Assim, considerar o jovem e seus dilemas e conflitos no exercício de sua condição juvenil constitui uma premência aos estudos geográficos, assim como já era feito nas análises de jovens urbanos.

Nesse sentido, a fim de compreendermos o jovem do campo, nas cidades de Trindade e Goiânia, no contexto da Região Metropolitana de Goiânia, sua cultura geográfica e as conseqüentes concepções do que é campo e do que é cidade, optamos por trabalhar embasados na compreensão de seu lugar de vivência. Desse modo, foi-nos

possível percebê-lo, enquanto morador das comunidades rurais, distritos e setores e visualizar como tais espaços influenciam em suas concepções e identidades.

Sabemos que o jovem do campo, assim como afirmou Abramo (2005), ainda é um sujeito difícil de ser discutido, tendo em vista sua complexidade sociocultural e sua pouca representatividade nas pesquisas no que concerne a suas dinâmicas culturais e sociais. Contudo, ao realizarmos esta pesquisa nos municípios de Trindade (distrito Santa Maria e comunidades rurais Cedro e Bugre) e Goiânia (região Norte da capital), percebemos as desigualdades desse jovem da contemporaneidade. Apesar de os sujeitos terem em comum o fato de ser jovem e de morar em áreas rurais, são indivíduos que apresentam significativas disparidades, as quais muitas vezes estão relacionadas ao modo de ver e viver a vida, e de ter o direito ou não de exercer sua condição juvenil. Como acreditamos que as espacialidades e o lugar onde as pessoas vivem marcam profundamente suas identidades, essas diferenças e as maneiras de perceber e de se expressar nas diferentes situações cotidianas são marcas importantes demonstradas na forma de pensar dos jovens.

Os jovens, aqui analisados, são jovens que têm uma forte ligação com seu ambiente familiar e com as manifestações religiosas que participam desde criança. No caso estudado, são jovens católicos e fervorosos em suas participações. Tal informação, desde a análise dos questionários, causou-nos inquietação, haja vista a predominância de tal religião nos grupos pesquisados, o que nos levou a questionar: o “campo” é mais católico? Por que as populações do campo têm essa forte ligação com as manifestações religiosas, que são passadas como herança nas famílias? Por que os jovens do campo, mesmo vivenciando diferentes contextos, preservam as tradições religiosas com tanto fervor? Essas são perguntas para as quais, por enquanto, não temos respostas categóricas, mas abrem caminhos para outras reflexões e deixam margem para futuras pesquisas.

Esses jovens desenvolvem sua espacialidade associada principalmente aos espaços familiares, religiosos e de estudo e trabalho. Relacionam-se principalmente com os grupos que nesses lugares se encontram e, em seus momentos de lazer, buscam lugares próximos às suas residências e aos locais de trabalho ou estudo. Essa escolha, na maioria das vezes, é feita pela facilidade de acesso, tanto no que se refere à questão financeira, quanto à localização, e é também influenciada pelo receio da violência discutida por grande parte da sociedade.

Dessa forma, os jovens aqui analisados têm os conceitos de cidade e campo muito atrelados aos modos como utilizam a cidade e que, muitas vezes, se manifestam de uma maneira romântica e até mesmo estereotipada. Para eles, a cidade é um espaço de oportunidades de trabalho, estudo e melhores condições sociais, e o campo ainda aparece como um espaço ligado principalmente à produção, ao trabalho com a terra e de difícil ascensão. A cidade é o espaço das grandes construções, do desenvolvimento e da tecnologia desenvolvida, enquanto o campo é o espaço da tranquilidade, do trabalho braçal e do contato com a natureza. Quanto às relações sociais, apresentam uma cidade, enquanto lugar onde há uma grande disputa pessoal, cobrança e distâncias nas relações interpessoais. O campo, por outro lado, é o lugar onde há simplicidade nos sentimentos e amizades verdadeiras, intencionando sempre a ajuda ao próximo.

Os jovens que vivem no campo e têm a possibilidade de exercer sua condição juvenil, sem assumirem responsabilidades mais definidas para a vida adulta, como: trabalho, sustento familiar, cuidados com a casa e educação/saúde de filhos, porque seus pais têm condições de garantir suas condições de estudos e crescimento pessoal, apresentam preocupações comuns aos jovens urbanos. Estes podem ser comparados, por exemplo, aos sujeitos das pesquisas de Novaes (2006), Guimarães e Silva Jr. (2012) e Paula (2013) que se preocupam com a violência e o desemprego, principalmente. São jovens que se espacializam na cidade e, à sua maneira, utilizam-se dos espaços sociais como: *shoppings*, cinema, bares e sanduicherias para suas práticas de lazer e consumo.

Os jovens que há muito tiveram que se portar como adultos, assumindo responsabilidades com o trabalho, sustento familiar, cuidados com a casa e educação/saúde de seus filhos, diferenciam-se daqueles cuja juventude têm a oportunidade de exercer. Esses jovens apresentam em seus depoimentos preocupações principalmente ligadas a terra, às condições deixadas para os filhos – principalmente quanto aos estudos e situação financeira – e à violência. São jovens “chefes de família” ou “moças casadas” que têm em suas práticas socioespaciais, principalmente, o hábito de frequentar a igreja, as feiras e a casa de parentes.

No que concerne à perspectiva geográfica, com base nos conceitos apresentados pelos jovens, é importante refletirmos sobre qual a participação do ensino de Geografia, nesse caso, do professor de Geografia, na construção desses conceitos. Até que ponto esses conceitos não são resultados de uma Geografia trabalhada sem uma aproximação do cotidiano do aluno? Devemos pensar sobre como o ensino está voltado para o contexto urbano, sem reflexão para se trabalhar com as demandas apresentadas pelos

alunos do campo. Acreditamos que estes não sejam desafios tão grandes, pensamos que trabalhar com a Geografia em uma perspectiva heterogênea requer um constante diálogo com espaços menos explorados e sujeitos menos conhecidos. Isso nos permite dar voz e visibilidade ao que está mudo e escondido, possivelmente, em algum lugar de nossas salas de aula.

Os jovens que se relacionam com a cidade, especialmente por meio das instituições de ensino e trabalho e de alguns momentos de lazer, são jovens que expressam a aproximação dos espaços realizada pelos sujeitos. Como foi enfatizado no decorrer desse estudo, são eles um dos principais condutores dessas transformações. Com isso, sabemos que a Geografia tem muito a contribuir para o entendimento das espacialidades juvenis camponesas, uma vez que é uma ciência capaz de avivar análises conjuntas das práticas espaciais e as redes de sociabilidade dos indivíduos.

A análise do jovem do campo e suas concepções de rural e urbano não se esgotam nas discussões realizadas nesta pesquisa, uma vez que surgem novos olhares e diferentes aspectos de análise. Assim, é importante dizermos que, com esse estudo, esperamos contribuir para que a Geografia, por meio de seus pesquisadores, desperte ainda mais seus olhares para investigações relacionados às juventudes, em especial, para os jovens do campo e suas práticas espaciais que se configuram, cada dia mais, como um importante elemento de análise.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPEd, n. 5, maio-agosto; n. 6, setembro-dezembro, 1997.

\_\_\_\_\_. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

ABRAMOVAY, R. Juventude rural: ampliando as oportunidades. In: **Raízes da Terra: parcerias para a construção de capital social no campo**. Secretaria de Reordenamento Agrário do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Brasília – DF, Abril de 2005, Ano 1, n. 1. Disponível em: <<http://www.creditofundiario.org.br/materiais/revista/artigos/artigo05.htm>>. Acesso em: 08 out. 2012.

ABRAMOVAY, R. et al. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Unesco, 1998.

ARRAIS, T. A. **A produção do território goiano: economia, urbanização, metropolização**. Goiânia: Ed. UFG, 2013.

\_\_\_\_\_. **Geografia Contemporânea de Goiás**. Goiânia: Editora Vieira, 2004.

BELCHIOR, A. C. G. F. F. **Alucinação**. Faixa 3. São Paulo: Phillips, 1976. CD-ROM.

BOURDIEU, P. **O Poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. **Meditações pascalianas**. Tradução. São Paulo: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. Excluídos do interior. In: \_\_\_\_\_ (Coord.) **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Questões da sociologia**. Tradução. Rio de Janeiro: Marca Zero Ltda., 1983.

BRASIL, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Imóveis rurais cadastrados no INCRA, segundo os municípios**. Brasília, Outubro / 2003. Disponível em: <[http://www.semarhtemplate.go.gov.br/uploads/files/gbio/car/modulos\\_fiscais.htm](http://www.semarhtemplate.go.gov.br/uploads/files/gbio/car/modulos_fiscais.htm)>. Acesso em: 11 jun. 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. **Censo escolar da Educação Básica 2012**: relatório técnico. Brasília: Instituto nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/resumos\\_tecnicos/resumo\\_tecnico\\_censo\\_educacao\\_basica\\_2012.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2012.pdf)>. Acesso: 25 out. 2013.

CALDART, R. S. A escola do campo em movimento. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Orgs.). **Por uma educação do campo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

CALLAI, H. C. (Org.). **Educação geográfica**: reflexão e prática. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

\_\_\_\_\_. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. (Org.) **Ensino de geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

\_\_\_\_\_. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? In: **Terra Livre**, São Paulo, n. 16 p. 133-152. 1º semestre / 2001. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/files/TL\\_N16.pdf](http://www.agb.org.br/files/TL_N16.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2012.

CARDOSO, D. S.; TURRA NETO, N. Juventude, cidade e território: esboços de uma geografia das juventudes. In: **Anais Seminário de Pesquisa Juventude e Cidade**. Juiz de Fora: UFJF, outubro 2011.

CARNEIRO, M. J. O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F. C. T.; SANTOS, R.; COSTA, L. F. C. **Mundo rural e política**: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

\_\_\_\_\_. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASSAB, C. **Espacialidade dos jovens em cidade média**: um olhar sobre os usos do espaço pelos jovens em Juiz de Fora – MG. 2013. Trabalho apresentado ao 14º Encontro de Geógrafos da América Latina. Peru: EGAL, 2013.

CASTELLAR, S. M. V.; MORAES, J. V.; SACRAMENTO, A. C. R. J. Jogos e resolução de problemas para o entendimento do espaço geográfico no ensino de geografia. In: CALLAI, H. C. (Org.) **Educação geográfica: reflexão e prática**. Ijuí: Unijuí, 2011. p. 249-275.

CASTRO, I. E. **Geografia e política**: território, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CASTRO, E. G. et al **Os jovens estão indo embora?**: juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica; EDUR, 2009.

CAVALCANTI, L. de S. **O Ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

\_\_\_\_\_. Jovens escolares e suas práticas espaciais cotidianas: o que tem isso a ver com as tarefas de ensinar Geografia? In: CALLAI, H. C. (Org.). **Educação geográfica**: reflexão e prática. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. p. 35-60.

\_\_\_\_\_. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

\_\_\_\_\_. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. **Caderno CEDES**. Campinas, v. 25, n. 66, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a04v2566.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2012.

\_\_\_\_\_. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

\_\_\_\_\_. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1998.

CHAUL, N. F. **Caminhos de Goiás**: da construção da decadência aos limites da modernidade. 3. ed. Goiânia: Editora UFG, 2010.

CHAUL, N. F.; SILVA, L. S. D. **As cidades dos sonhos**: desenvolvimento urbano em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

CHAVEIRO, E. F.; CALAÇA, M.; REZENDE, M. C. S. **A dinâmica demográfica de Goiás**. Goiânia: Ellos, 2009.

CHAVEIRO, E.F. O jovem aluno contemporâneo e as demandas da escola: mundos em conflitos. In: CAVALCANTI, L.S.; BUENO, M.A. **A produção do conhecimento e a pesquisa sobre o ensino da geografia**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2011.

CHAUÍ, M. S. **Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. São Paulo : Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 3.ed. -. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez. (Org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

\_\_\_\_\_. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: **Caderno CEDES Educ. Soc.**, Edição Especial, Campinas - SP, v. 28, n. 100, out. 2007. p. 1105-1128.

\_\_\_\_\_. O jovem como sujeito social. In: **Revista Brasileira de Educação**. [online] Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52 set./dez., 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em: 5 mai. 2013.

DAYRELL, J.; REIS, J. B. Juventude e Escola: Reflexões sobre o Ensino da Sociologia no Ensino médio. Texto apresentado no XIII Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, Recife, maio de 2006 e publicado em: OLIVEIRA, E. A. e PLANCHEREL, A. A. **Leituras sobre sociologia no ensino médio**. Maceió: Edufal, 2007.

DEUS, J. B. As atuais transformações estruturais na economia goiana e os seus desdobramentos nas mudanças socioespaciais. In: ALMEIDA, M. G. (Org.). **Abordagens geográficas de Goiás**: o natural e o social na contemporaneidade. Goiânia: UFG, 2002.

ENDLICH, A. M. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOAITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (Orgs.). **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ESTEVAM, L. A. **O tempo de transformação**: estrutura e dinâmica na formação econômica de Goiás. Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

GOIÂNIA, Secretaria Municipal da Casa Civil. **Lei Complementar Nº 171, de 29 de maio de 2007**. Goiânia: Prefeitura de Goiânia, 2007.

GRAZIANO DA SILVA, J. **O novo rural brasileiro**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2002.

GRAZIANO DA SILVA, J.; DEL GROSSI, M. E. **O novo rural brasileiro**. Campinas, SP: UNICAMP, 1999. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/projet/urbano.html>>. Acesso em: 7 ago. 2012.

GRITTI, S. M. **Educação rural e capitalismo no campo**. Passo Fundo, RS: Ed. UPF, 2003.

GUIMARÃES, S.; SILVA JR., A. F. **Ser jovem no Brasil**: trajetórias juvenis no campo e na cidade. Campinas, SP: Alínea, 2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades@ - Sinopse do Censo Demográfico 2010. In: **Censo Demográfico 2010**, 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 5 mai. 2013.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse estatística**. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Sinopse/sinopse.asp>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

KAERCHER, N. A. A Geografia é nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et.al. (Org.); **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS / Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 2003.

LEFEBVRE, H. **De lo rural a lo urbano**. Barcelona: Península, 1978.

\_\_\_\_\_. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1990.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U, 1988.

MAIA, C. E.; COELHO, T. O. Tradições da roça na festa do Divino Pai Eterno em Trindade (GO): comércio periódico e romaria de carros de bois. In: **AGRÁRIA**, São Paulo, Nº 3, 2006. p. 103- 122. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br /agraria /article/view / 90/89>>. Acesso em: 30 mai. 2013.

MARTINS, C. H.; SOUZA, P. L. A. Lazer e tempo livre dos(as) jovens brasileiros(as): escolaridade e gênero em perspectiva. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. **Juventude**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação Continuada, Alfabetização e diversidade, Unesco, 2007.

MARTINS, R. E. A trajetória da geografia e seu ensino no século XXI. In: TONINI, I. M. et al. **O ensino da geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Ed. UFRGS. 2011.

MARTINS, H. H. T. Metodologia qualitativa de pesquisa. In: **Educação e pesquisa**. v.30, n.2. São Paulo, maio/ago, 2004.

MENEZES, P. K. de; SILVA, R. L. B. **Escolas no campo**: as relações entre o espaço e a reprodução social dos povos do campo. 2011. Trabalho apresentado ao V Simpósio Internacional de Geografia Agrária. Belém: UFPA, 2011.

MEURER, A. C. Projeto político-pedagógico escolar: questões a serem refletidas nas escolas do campo. In: MATOS, K. S. A. L.; WIZNIEWSKY, C. R. F.; MEURER, A. C.; DAVID, C. (Orgs.). **Experiências e diálogos em educação do campo**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 13-26.

MOREIRA, J. F. R.; SILVA, C. A. **A manifestação cultural e religiosa de Trindade (GO)**: estudo das características rural e urbano nas celebrações sacro profano na festa do divino pai eterno. 2010. Trabalho apresentado ao I Congresso Internacional do Curso de História da UFG, Jataí – GO, 2010.

MOYSÉS, A. Expansão urbana ou ocupação (in)sustentável da macro-zona rural do município de Goiânia. In: **Observatório das Metrôpoles**. Ago. 2005. Disponível em: <<http://www.observatoriodasmetrolopes.ufrj.br/publicacoes/ary290805.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2012.

MOYSÉS, A.; CUNHA, D. F.; BORGES, E. M. **O Estado de Goiás e a Região Metropolitana de Goiânia no Censo 2010**. Goiânia: Observatório das Metrôpoles, 2011. Disponível em: <[web.Observatoriodasmetrolopes.net\\_download\\_GOeRMG\\_Censo](http://web.Observatoriodasmetrolopes.net_download_GOeRMG_Censo)>. Acesso em: 7 fev. 2014.

NOVAES, R. Juventude e sociedade: jogos de espelhos. **Sociologia especial, ciência & vida**. Ano 1, n. 2, São Paulo: Editora Escala, 2007. p. 7-15.

\_\_\_\_\_. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M. de, EUGENIO, F. (Orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

OLIVEIRA, A. U. **Para onde vai o ensino da geografia**. São Paulo: Contexto, 1998.

OLIVEIRA, U. F. **“Marca d’água”**: o ser e o existir do rural no espaço metropolitano de Goiânia. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Universidade Federal de Goiás, 2011.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Relatório sobre a situação da população mundial 2011**: pessoas e possibilidades em um mundo de 7 bilhões. Traduzida pelo Escritório do UNFPA no Brasil. UNFPA, 2011. Disponível em: <[www.un.org/files/PT-SWOP11-WEB.pdf](http://www.un.org/files/PT-SWOP11-WEB.pdf)>. Acesso em: 27 mai. 2013. p. 25-35, 1997.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2. ed. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

PAULA, F. M. A. **Descentralização e segregação sócio-espacial em Goiânia**: uma análise da centralidade dos setores Bueno, Oeste e Marista. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, 2003.

\_\_\_\_\_. **Jovens migrantes na metrópole de Goiânia:** práticas espaciais, (re)territorializações e redes de sociabilidade. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, 2013.

PAULA, F. M. A.; PIRES, L. M. Os jovens e a cidade: das práticas espaciais às redes de sociabilidade e a constituição de territorialidades. In: **Seminário Internacional sobre Microterritorialidades na Cidade**, 2., 2012, Presidente Prudente, SP. *Anais...* Presidente Prudente, SP, nov. 2012.

PESSOA, J. M. Extensões do rural e educação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Educação e ruralidades**. Goiânia: Editora UFG, 2007.

PIRES, L. M. **Culturas Geográficas de alunos-jovens: uma referência para a formação de professores de Geografia**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, 2013.

PORTUGAL, J. F.; SOUZA, E. C. Ensino de Geografia e o mundo rural: diversas linguagens e proposições metodológicas. In: CAVALCANTI, L. S. **Temas da geografia na escola básica**. Campinas, SP: Papirus, 2013. p. 95-134.

RICHTER, D. **O mapa mental no ensino de geografia:** concepções e propostas para o trabalho docente. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

RIZZINI, I. et al. Percepções dos jovens sobre a influência dos adultos em seu processo de engajamento político-social. In: GUIMARÃES, M. T. C.; SOUSA, S. M. G. (Orgs.). **Juventude e contemporaneidade:** desafios e perspectivas. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Goiânia: Editora UFG: Cãnone Editorial, 2009.

RODRIGUES, W. J. **Trindade e o “abraço ingrato da metrópole”:** uma análise socioterritorial de Trindade II. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

SAVIANI, D. Formação de professores no Brasil: dilemas e perspectivas. In: **Poiesis Pedagógica**. V. 9, n. 1 jan/jun. Catalão, GO: PPGEDUC, 2011, p. 7-19. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/poiesis/article/view/15667>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

SEVERINO, A. J. **Metodologias do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, R. L. B. R. Patrimônios goianos: intervalos entre a roça e a cidade. In: **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 28, n. 1, p. 81-98, 2008. Disponível em: <[www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/download/4902/4108](http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/download/4902/4108)>. Acesso em: 12 jun. 2012.

SILVEIRA, M. A.; CAMPOS, W. P. **Análise das ruralidades do distrito Cedro, Trindade, Goiás**. Relatório final apresentado à disciplina: “Ruralidades, Modo de Vida e Espacialização”, do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012.

SOUZA, F. E. **As “geografias” das escolas no campo do município de Goiás: instrumento na valorização do território do camponês?** 2012. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de São Paulo, Presidente Prudente, SP, 2012.

SPÓSITO, M. E. B. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: SPÓSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (Orgs.). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SUZUKI, J. C. Campo e cidade no Brasil: transformações socioespaciais e dificuldades de conceituação. **Revista Nera**. Ano 10, n. 10. p. 134-150, janeiro/junho, 2007. Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/10/suzuki.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

TEIXEIRA NETO, A. Evolução histórica e geográfica das fronteiras do estado de Goiás. In: TEIXEIRA NETO, A. et al. (Orgs.). **O espaço goiano: abordagens geográficas**. Goiânia: AGB, 2004.

\_\_\_\_\_. O território goiano: formação e processo de povoamento e urbanização. In: ALMEIDA, M. G. (Org.). **Abordagens geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade**. Goiânia: UFG, 2002.

TRINDADE, Secretaria Municipal de Planejamento. **Lei Complementar Nº 008 de 02 de junho de 2008**. Trindade: Prefeitura de Trindade, 2008.

TRINDADE, Secretaria Municipal de Planejamento. **Lei de Zoneamento do Município de Trindade Nº 1.279 de 29 de agosto de 2008**. Trindade: Prefeitura de Trindade, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. 2008. 533 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, Presidente Prudente, São Paulo, 2008.

TURRA NETO, N. **Enterrado, mas ainda vivo!:** identidade punk e território em Londrina, PR. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

WEISHEIMER, N. **Juventudes rurais: mapa de estudos recentes**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

## **ANEXOS**